



UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA – POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

**ARTESANIA: FORMAÇÃO CULTURAL, CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS NA TERCEIRA
IDADE**

RITA DE CÁSSIA FRAGA DA COSTA
ORIENTADORA:
Prof.^a Dr.^a SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO

JOINVILLE – SC
2019

RITA DE CÁSSIA FRAGA DA COSTA

**ARTESANIA: FORMAÇÃO CULTURAL, CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS NA TERCEIRA
IDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Linha de Pesquisa: Políticas e Práticas Educativas. Áreas de Concentração: Práticas educativas; Artesania; Terceira Idade; Formação Cultural; Experiências Sensíveis. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto.

JOINVILLE- SC

2019

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

C837a	Costa, Rita de Cássia Fraga da Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade/ Rita de Cássia Fraga da Costa; orientadora Dra. Sílvia Sell Duarte Pillotto. – Joinville: UNIVILLE, 2019. 159 f. : il. ; 30 cm Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville) 1. Educação não-formal. 2. Idosos – Educação. 3. Identidade social. I. Pillotto, Sílvia Sell Duarte (orient.). II. Título. CDD 370.115
-------	--

Termo de Aprovação

“Artesania: Formação Cultural, Construções Identitárias e Experiências Sensíveis na Terceira Idade”

por

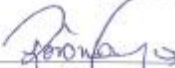
Rita de Cássia Fraga da Costa

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestra em Educação, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.



Prof.ª. Dra. Sílvia Sell Duarte Pillotto

Orientadora (UNIVILLE)



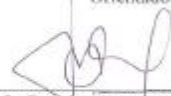
Prof.ª. Dra. Rosânia Campos

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

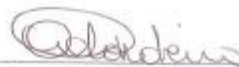
Banca Examinadora:



Prof.ª. Dra. Sílvia Sell Duarte Pillotto
Orientadora (UNIVILLE)



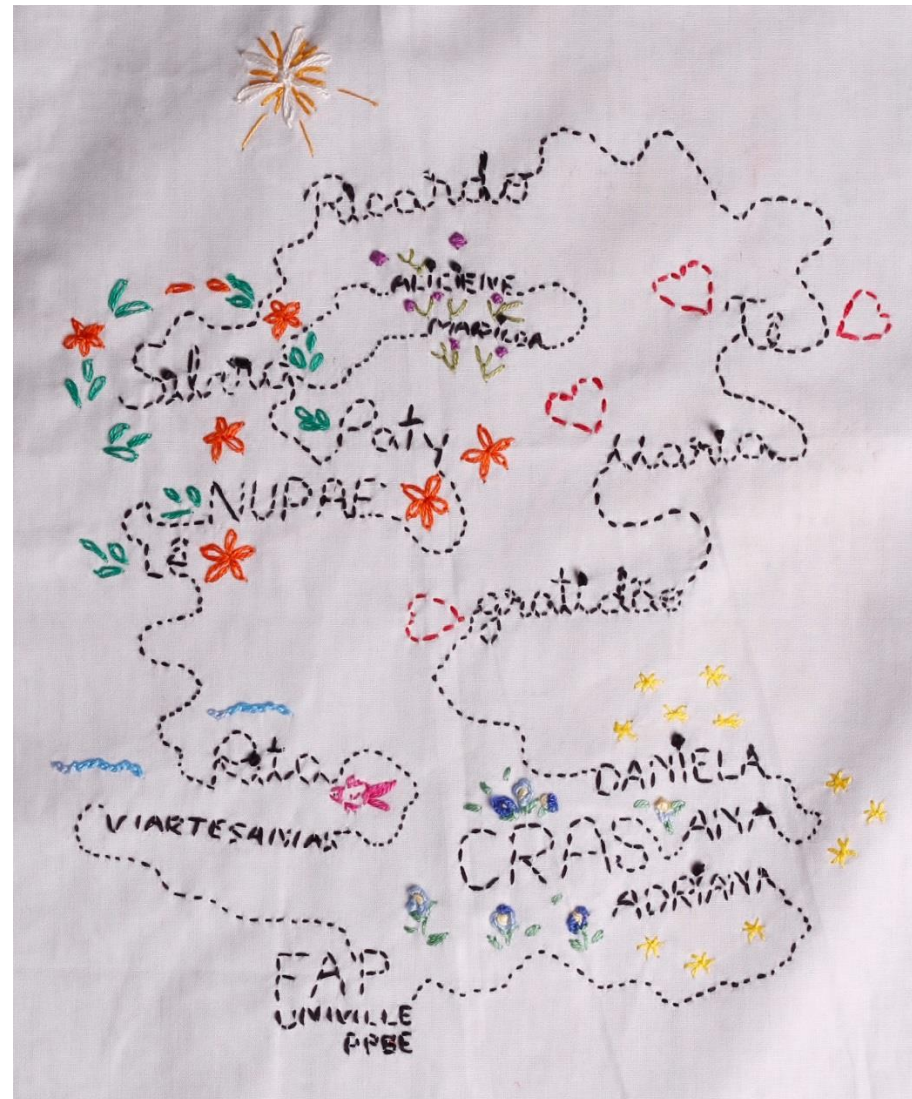
Prof.ª. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira
(UFSM)



Prof.ª. Dra. Aliciene Fusca Machado Cordeiro
(UNIVILLE)

Joinville, 19 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS



RESUMO

A pesquisa/dissertação *Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade* foi desenvolvida na linha *Políticas e Práticas Educativas*, do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação, e no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE, na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. A questão inicial mobilizadora desta investigação foi: *como as experiências em artesanaria na terceira idade podem contribuir na formação cultural e construções identitárias dos idosos?* Deste modo, buscamos investigar experiências em artesanaria com a terceira idade, em espaço não formal de educação, pelo viés da formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis. Neste âmbito, nosso desafio foi desenvolver uma pesquisa em que idosos tivessem a oportunidade de identificar e ampliar suas potencialidades, a partir de práticas educativas em artesanaria, percebendo o quanto essas experiências podem contribuir em suas vidas, baseando-se na sensibilidade. Além disso, a expectativa de uma experiência sensível que impulse a formação cultural e as construções identitárias, em espaços não formais de educação com um público da terceira idade, e o olhar para esses espaços em relação à preservação de memória e de identidades culturais é, sem dúvida, uma oportunidade para os aprendizes, pesquisadores e idosos, que poderão ampliar saberes e sentires referentes à artesanaria e à vida. Para que possamos refletir sobre tais questões, articulamos ações tendo como plano de pesquisa o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos dos Idosos - SCFV, na unidade do Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, do Jardim Paraíso, em Joinville, Santa Catarina. Para isso, fizemos uso da abordagem narrativa, guiadas por Benjamin (1975, 2012) e Clandinin e Connelly (2015), somados às contribuições teóricas em artesanaria com Petrykowski Peixe et al. (2014); em terceira idade com Bosi (1994) e Almeida (1998); em educação não formal com Gohn (2011, 2014); em formação cultural e construções identitárias com Hall (2006), Bauman (2005, 2012) e Adorno (1993, 2003, 2005, 2010); e em experiências sensíveis com Duarte Jr. (2010), Larrosa (2001, 2016), Pillotto (2007) e Meira (2014). Assim, a pesquisa/dissertação poderá ser de grande valia para professores que atuam na educação, especificamente, no reconhecimento de saberes da terceira idade e na formação e valorização cultural desses sujeitos. Além disso, permitirá propor reflexões nos cursos de formação inicial — graduações e pós-graduações —, bem como para toda a sociedade que vive e convive com as mais diversas idades em variadas situações.

Palavras-chave: Práticas educativas; Artesania; Terceira Idade; Formação Cultural; Experiências Sensíveis.

ABSTRACT

The research/dissertation *Artesania: cultural formation, identity constructions and sensitive experiences in the third age* was developed in the line of Educational Policies and Practices, of the Graduate Program - Master in Education, and in the Center for Research on Art in Education - NUPAE, at the University of the Region of Joinville - UNIVILLE. The initial mobilizing question of this investigation was: *how can the experiences in handcrafting in the third age contribute to the cultural formation and identity constructions of the elderly?* Thus, we seek to investigate the experiences in crafting with a third age, in non-formal spaces of education, concerning cultural formation, in identity constructions and in sensitive experiences. In this context, our challenge was to develop a research in which the elderly had the opportunity to identify and extend their potentialities through educational practices in handcrafting, realizing how much these experiences based on sensitivity can contribute to their lives. In order to reflect on such issues, we articulated actions having as a research site the service of coexistence and strengthening of bonds of the Elderly - SCFV, in a unit of the center of social service - CRAS, in Jardim Paraíso, Joinville, Santa Catarina. To do so, we used the narrative approach, guided by Benjamin (1975, 2012) and Clandinin and Connelly (2015), in addition to the theoretical contributions in handcrafting from Petrykowski, Peixe et al. (2014); in old age from Bosi (1994) and Almeida (1998); in non-formal education from Gohn (2011, 2014); in cultural formation and identity constructions from Hall (2006), Bauman (2005, 2012) and Adorno (1993, 2003, 2005, 2010); and in sensitive experiments from Duarte Jr. (2010), Larrosa (2001, 2016), Pillotto (2007) and Meira (2014). Thereby, the research / dissertation can be of great value to teachers who work in education, specifically, in the recognition of the knowledge of the elderly as well as in the cultural formation and appreciation of these people. Moreover, it allows reflections on the initial training courses - graduations and post-graduations - as well as on the whole society that lives and coexists with the most diverse ages in all sorts of situations.

Keywords: Educational Practices; Handcrafting; Third Age; Cultural Formation; Sensitive Experiences.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Jardim Paraíso, Joinville, SC	10
Figura 2 - O CRAS - Jardim Paraíso	57
Figura 3 - Primeiro encontro com idosos no SCFV do CRAS - Jardim Paraíso.....	61
Figura 4 - A exposição de artesanias mostra produtos e livros sobre o artesanato de referência cultural	83
Figura 5 - Dona Francisca	84
Figura 6 - Eu, D. Rosa e D. Terezinha.....	86
Figura 7 - Sr. Pedro atento à minha fala sobre as Artesanias	87
Figura 8 - Igor: o imigrante austríaco, colonizador de Joinville	87
Figura 9 - Artesaniando a vida – quando o encontro com o artesanato conta mais do que a técnica	89
Figura 10 - Mesa de trabalho – começando a segunda oficina/encontro	91
Figura 11 - Sr. José artesaniando as memórias de pescador.....	93
Figura 12 - Sr. José observa a pequena baleeira desenvolvida por artesão	97
Figura 13 - As produções individuais apoiadas no coletivo	103
Figura 14 - Sr. Pedro bordando o gato que comia amendoins	104
Figura 15 - Sr. Pedro e Sr. João confeccionando panôs e narrativas de vida	104
Figura 16 - D. Anita registra a vida de outrora.....	107
Figura 17 - D. Soini artesaniando memórias.....	110
Figura 18 - Dona Francisca pespontando seu panô	111
Figura 19 - D. Ana tecendo a vida.....	113

Figura 20 - Detalhe do panô de D. Ana	113
Figura 21 - Criando com outros sentidos	115
Figura 22 - Detalhe da composição que representa Sr. Manoel, no panô coletivo	115
Figura 23 - Detalhe do panô de Dona Francisca	118
Figura 24 - Detalhe do panô de Dona Tina – com elementos pinçados da memória, sobre a figura da mãe, cria um cenário que retrata a terceira idade ativa	121
Figura 25 - O panô coletivo foi confeccionado colaborativamente pelo grupo de idosos	124
Figura 26 - Criação coletiva do grupo de idosos do SCFV - do CRAS-Jardim Paraíso	124
Figura 27 - O encontro de gerações	127
Figura 28 - Encontro de confraternização com idosos e adolescentes/jovens, na Mostra Artística das produções desenvolvidas nas práticas educativas — panô e poesias	131
Figura 29 - Para guardar na memória — encerramento das intervenções com adolescentes e idosos no CRAS-Jardim Paraíso	133

SUMÁRIO

1. ALINHAVO (PRIMEIRO MOVIMENTO)	13
1.1. Investigando em dados (o estado da arte)	19
1.2. O lugar (O CRAS)	35
1.3. Tempo de ser — a terceira idade e o idoso	37
1.4. O artesanato e seu processo — A Artesania	38
1.5. Construindo conhecimento - A educação não formal	39
1.6. Os sujeitos e seus conteúdos -Construções identitárias e formação cultural.....	41
1.7. Os saberes para a vida -Experiências sensíveis e práticas educativas	43
1.8. PAP – Passo a passo (metodologia).....	45
1.9. Próximos passos - Os movimentos	46
2. PUNTEAR OS CONTORNOS — O LUGAR DA PESQUISA	48
2.1. O espaço-localidade: Jardim Paraíso, em Joinville	52
2.2. CRAS — Que espaço é esse?	53
2.3. CRAS Jardim Paraíso-Joinville — comunidade e território	57
2.4. Os idosos – participantes desta pesquisa/dissertação	61
3. PINTAR, BORDAR E ESCARAFUNCHAR MEMÓRIAS - OFICINAS EM ARTESANIA	76
3.1. Grupos de Convivência no CRAS-Jardim Paraíso	78
3.2 Oficinas/encontros: produções de pesquisa e sentidos outros	79

3.3. Compreendendo o artesanato para além da técnica.....	82
3.4. Revisitando Memórias.....	88
3.5. O tecer de redes entre memória e identidade	90
3.6. Memória e identidade.....	96
3.7. O ser idoso como construtor de identidades	99
3.8. Culturas e identidades.....	101
3.9. Relações com o tempo no espaço de experiência.....	106
3.10. Múltiplos tempos	108
3.11. A artesanaria como experiência sensível na terceira idade	112
3.12. A matéria do sensível nas experiências em Artesania na terceira idade	116
3.13. Artesania e Literatura num encontro intergeracional.....	122
3.14. Finalizando os encontros: a prática intergeracional	130
4. ARREMATAR – PONTUANDO/PONTILHANDO COSTURAS	135
APÊNDICES.....	155

1. ALINHAVO (PRIMEIRO MOVIMENTO)



1. ALINHAVO (PRIMEIRO MOVIMENTO)

A imagem que abre este primeiro movimento conversa com a experiência aqui narrada, uma vez que a pesquisa é feita de alinhavos, assim como nossas vidas, até chegar à maturidade. Entre as minhas melhores memórias, estão os momentos de encantamento e descobertas que vivi, desde a primeira infância, entre retalhos e linhas, ao redor de uma antiga máquina de costura, acompanhada de minha avó materna. Ela não era minha única avó, mas era a dona do meu coração.

Nessas memórias de infância, está em destaque a máquina de costura, aquela que parecia dar movimento às nossas vidas. Foi adquirida com muito esforço, por uma mulher admirável que, como ninguém, soube me mostrar uma vida inteira de possibilidades com tão poucos recursos materiais, mas com um fazer artesanal impecável, cheio de significados. Em minha vida, estão eu, minha avó e nossa cumplicidade nas artesanias.

Assim, cresci na melhor idade dela. Os cinquenta anos que nos separavam eram nada diante de nossa interação. Estávamos alinhavadas. Ela sempre esteve comigo e vice-versa. Éramos cúmplices, aprendia com ela, por vezes, aprendíamos juntas, por outras, aprendia enquanto ela já se permitia a desaprender. E, veja que, como escreve Rubem Alves¹: “É muito mais difícil desaprender o aprendido do que aprender uma coisa nova”.

Entre um ponto e outro, às vezes no bordado, outras na costura, ela foi me ensinando valores para uma vida inteira. De fato, também aprendi alguns arremates, a lógica na montagem de uma peça de roupa, um traço ou ponto que acompanhava os fazeres das mulheres de minha família. Teve muito mais. Aprendi, no tempo gasto na costura, a ouvir suas histórias: entender ‘os causos’, saber das crendices e promessas, como funciona o tempo, a natureza das coisas e das pessoas, relacionando seus personagens — a maioria de uma família numerosa, cuja existência não atingira minha geração.

¹ Ver DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Gilberto Dimenstein (Org). Campinas, SP: Papirus, 2003, p.107.

Porém, o mais significativo foi aprender a observá-la e, mesmo quando meu tempo de adulta já era diminuto, quando a pressa em minha vida reduzia o período de estar com ela e ‘seus fuxicos’, percebia os lampejos da memória que passeavam em suas narrativas. Conhecia, pelo ponto do bordado, às vezes, mais frouxo, ou apertado demais, o quanto as forças escoavam nas mãos de sua idade. Nas cores eleitas, alternando entre ‘acesas’, ‘vivas’ ou ‘apagadinhas’, como ela dizia, encontrava seus humores e o tamanho de suas saudades.

Nós duas falávamos da vida, dos sentimentos e tudo mais que a imaginação permitia. A máquina de costura foi ficando de lado, pois já não havia forças para lidar com ela, mas nos alinhavos líamos nosso mundo, aproveitando as tramas de qualquer têxtil que não nos fugia naquele instante, buscando energia, partilhando afetos e esclarecimentos para tecer outros relacionamentos e aprendizagens.

Ao final, ela mudou a mistura de materiais. As costuras ficaram enviesadas. Já não se preocupava com a seleção das cores, nem com a exatidão do plano. Assim mesmo, apresentava suas fações. Entendi que queria dizer outras coisas por meio daquele arranjar. Por vezes, penso que não tivesse mais consciência de minha presença. Talvez já estivesse acostumada a tantas ausências, mas prefiro acreditar que tenha alcançado a liberdade e a autonomia, que naquele fazer se constituía em sua última fase da vida.

Ela ‘passou a tesoura em tudo!’, como gostava de repetir, referindo-se ao trabalho realizado. Assim tivemos tempo de nos instruir, de nos instrumentalizar para seguir nossos destinos. E, eu, a partir disso, fui construindo oportunidades. Em busca de repetir esses ricos encontros de aprendizagem, me assumi artesã, empreendedora, até me dedicar a ser educadora.

Foi então que, como aluna do curso de Licenciatura de Artes Visuais, na Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, aceitei o desafio de ser bolsista na extensão universitária, participando do Projeto DESOL², de 2013 a 2015. Nesta época, nosso principal objetivo era o desenvolvimento dos empreendimentos artesanais por meio do design.

Na sequência, compreendendo melhor as carências do setor artesanal em nossa região, ingressei no Projeto de Pesquisa DZart³, coordenado pela professora Rita Inês Petrykowski Peixe, atualmente no IFSC-Itajaí, para o qual investiguei metodologias de desenvolvimento de produto adaptadas ao artesanato. Ao mesmo tempo, nessa caminhada, construí proposição de Projetos de Formação em Cultura, aprovados no Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura - SIMDEC, em Joinville, nos anos de 2014, 2015 e 2016, nos quais desenvolvi o estímulo à produção artesanal de referência cultural (Projeto Viartesanias).

Assim, o Projeto Viartesanias foi minha primeira experiência como propositora em educação não formal. Do mesmo modo como ocorre com os artesãos participantes, meu processo de aprender parte do fazer e suas inquietações guiam meus alinhavos.

Durante o ano de 2017, no Viartesanias, tive a oportunidade de acompanhar por mais tempo o mesmo grupo produtor, podendo assimilar melhor suas características e as representações do fazer artesanal em suas vidas. Desenvolvi a formação

² O Projeto de Extensão Universitária DESOL “surgiu em 2009, como ECOSOL, a partir de demandas apresentadas no Fórum de Economia Solidária de Joinville e Norte Catarinense. Submetido pelo Departamento de Design da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) ao edital interno de Extensão Universitária e aprovado nesse mesmo ano para início em 2010”. Ainda, segundo o projeto, em 2014, é rebatizado com o nome de DESOL, trazendo “uma proposta mais pontual no que se refere ao atendimento direto aos empreendimentos em artesanato, consequência de sua própria maturidade, percebida ao longo de quatro anos, que tem resultado em trabalhos específicos junto a cada um dos assessorados e, consequentemente, um olhar voltado especificamente para os empreendimentos e seus processos de artesanato”. Projeto de extensão universitária DESOL (online). Disponível em: < <http://projetodesol.blogspot.com.br/p/historico.html> >. Acesso em: 05 dez. 2017.

³ DZart: investigação acerca das possibilidades metodológicas do design e seu uso em processos de artesanato. “Proposto com o objetivo de investigar possibilidades metodológicas do design e seu uso em processos de artesanato, o projeto de pesquisa teve como resultado a abordagem 3D’s do DZart, ancorada em experiências extensionistas importantes junto a artesãos, aliadas a estudos referenciando metodologias projetuais da área do design. As produções resultantes da utilização dessa metodologia pelos artesãos têm representado importantes contribuições no contexto do design social” (CANÔNICA et al., 2016, p.5175). Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0443.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2018.

com um grupo remanescente de experiências anteriores, participantes oriundos de turmas formadas em 2015 e 2016. De modo geral, as turmas se constituíram de artesãos das mais variadas localidades, moradores da área urbana e rural, maioria mulheres, do lar ou aposentadas, muitas acima de 60 anos.

Testemunho que tanto as artesanias quanto os idosos carregam em si rastros do seu tempo e, observados juntos, condensam muitos valores, constituídos de saberes. Esses valores, por vezes, permanecem adormecidos, mas, ao longo de suas vidas, armazenam potencialidades, que não escapariam a qualquer um de nós.

Como no tempo com minha vó, percebo que, por meio do fazer, da artesanaria, nos momentos de conversa com os grupos de artesãos, falando do desenvolvimento de suas criações, diante de uma peça criada ou esboçada, nossas análises estéticas revelam outras potencialidades. Não raramente, escutei em algumas falas declarações de novos entendimentos sobre si mesmos, seus ambientes e suas visões de mundo.

Nessas experiências, no intuito de provocar os grupos de artesãos a produzirem de modo autoral, diante dos exercícios de socialização de suas percepções, existiam dois momentos base, adotados em nossa prática. Primeiro, o encontro individual de assessoramento da produção artesanal, realizado em uma mesa de discussões com um produtor artesanal e uma equipe técnica orientadora (professores, designers, profissionais de destaque no setor). No segundo momento, no coletivo, em um exercício de criatividade, um grupo de artesãos, juntamente com a equipe técnica, apresentava seus protótipos, ideias ou produtos e se desafiava a melhorar coletivamente o que estava posto em discussão.

Desse modo, no acompanhamento do desenvolvimento de um processo de artesanaria, é indispensável conhecer o relato do artesão diante do seu novo produto ou protótipo, mobilizando-o a perceber que, como afirmado por Duchamp (1965, p.1):

No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também não podem e não devem ser totalmente conscientes, pelo menos no plano estético.

Ou seja, para afastar a declarada insegurança de produzir deslocado de uma cópia, hábito muito comum nas manualidades locais, buscávamos atender como “normais” as dúvidas, das primeiras vezes, de quem tentava trabalhar guiado pela intuição, articulando sempre para que se permitissem testar, experienciar e ampliar, muitas vezes, seus próprios limites na busca de voos criativos maiores.

Na sequência, por estarmos atuando em um exercício coletivo, uma roda de conversa, a socialização do criador alcançava o olhar de um público e, então, como afirmava Duchamp (1965), o ato criador se completava, quando experimentávamos a colaboração do público diante do realizado pelo artista.

A meu ver, tudo isso era grandioso, mas ainda havia mais entre a subjetividade, a técnica e a interação, entre criador e plateia. Estava pensando além da artesanaria, do produto e do fazer, na minha curiosidade em perceber as transformações no consciente do artesão, das suas apropriações e de como eles se identificavam, se percebendo de modo diferente durante o passar do tempo. Era em nossas conversas que observava, produzia registros e que minhas inquietações cresciam, a partir do que ali estávamos construindo, diante de muitas falas, de cruzamento de olhares, de confidências construídas, muitas vezes, somente em gestos.

Desse modo, certa de que ainda precisava mais, busquei auxílio, aprofundando meu entendimento sobre os elementos da cultura, educação, interculturalidade e práticas pedagógicas, ingressando no Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas e Práticas Educativas – GEPPPE, na UNIVILLE. Na sequência, frequentei, em regime de matrícula especial, a disciplina Educação e Cultura: Espaços Formais e Não Formais, no Mestrado em Educação, na UNIVILLE.

Finalmente, tive a oportunidade de realizar o processo seletivo e, em novembro de 2016, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, da UNIVILLE, na linha de Políticas e Práticas Educativas. No mesmo período,

ingressei como membro no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE⁴. Entre as temáticas abordadas nas produções e estudos do grupo, as ‘experiências sensíveis’ e os caminhos das ‘narrativas’ irão contribuir diretamente para minha base epistemológica⁵.

Observando essas várias questões de minha vida, apanho punhados das minhas vivências como artesã, estudante e formadora, memórias de múltiplas aprendizagens no convívio com vários produtores artesanais, e, assim, percebo que possuo o entusiasmo para desenvolver, sob a orientação da professora Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto, a pesquisa/dissertação sob o tema “Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade”.

Neste momento, tomo minha intimidade com a artesania para buscar explorar outros territórios que me são muito caros, relacionando-os com a terceira idade e, para isso, levo nas mãos uma questão inicial de investigação: *Como as experiências em artesania na terceira idade podem contribuir na formação cultural e construções identitárias dos idosos?*

Refletindo sobre a terceira idade, Brandão, Silva e Rebelo (2003, p.20) afirmam que: “nesta fase da vida há que se buscar a ressocialização, processo em que se repassam as relações ainda possíveis de trabalho social, político e cultural de ajuda mútua na família, na comunidade [...]”. Por isso, como justificativa para a temática desta pesquisa/dissertação, espero que tal investigação possa contribuir para a autonomia dos idosos, mobilizando-os ao fortalecimento de suas identidades e formações culturais para uma vida mais significativa. Em busca disso, me guio pelo objetivo principal de *investigar*

⁴ O Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação — NUPAE, criado e legitimado pela Universidade da Região de Joinville — UNIVILLE em 2003 e cadastrado no CNPq no mesmo ano, tem como objetivo desenvolver ações no contexto interno e externo da instituição, com os seguintes parceiros: FURB, UnC, Uniplac, e UMINHO — Braga/Portugal. O grupo é formado por bolsistas dos cursos de graduação, pós-graduação e professores/coordenadores dos cursos de Artes Visuais, Pedagogia, Matemática, alunos e ex-alunos dos Mestrados em Educação e Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE. Contamos ainda com os coordenadores das Secretarias de Educação dos municípios de Joinville e Curitiba e coordenadores de Museus. Esse grupo reúne-se com o intuito de desenvolver estudos, pesquisas e produções nas seguintes linhas de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas: investiga a arte/educação e educação patrimonial com foco nas políticas públicas e práticas educativas; Trabalho e formação docente: investiga a educação formal, não formal e informal, currículo e avaliação. Fonte: Disponível em: <<http://gruponupae.blogspot.com.br/p/nupae.html>>. Acesso em 04 jan. 2018.

⁵ No próximo subitem deste movimento — Investigando em dados (o estado da arte) —, enumero as pesquisas/dissertações que aqui faço referência.

experiências sensíveis em artesanaria na terceira idade, em espaço não formal da educação, pelo viés da formação cultural e das construções identitárias. Seguindo, além disso, os seguintes objetivos específicos:

- Revisar a literatura referente às noções de artesanarias, idoso e terceira idade, formação cultural, educação não formal, práticas educativas e experiências sensíveis;
- Organizar práticas educativas em artesanaria, tendo a experiência sensível como base referencial;
- Gerar dados para a pesquisa, a partir das experiências nas práticas educativas, diálogos e demais registros; analisar dados gerados por meio das práticas educativas em artesanaria, a partir de memórias e sentidos que possam estar presentes nesta construção (fazer);
- Apresentar resultados parciais e finais da pesquisa em eventos científicos, socializando seus processos.

Somada a esses objetivos, a expectativa de uma experiência sensível que impulse a formação cultural e as construções identitárias, em espaços não formais de educação com um público da terceira idade, e o olhar para esses espaços em relação à preservação de memória e de identidades culturais é, sem dúvida, uma oportunidade para mim, pesquisadora aprendiz, e para os idosos, que poderão ampliar saberes e sentires referentes à artesanaria e à vida.

1.1. Investigando em dados (o estado da arte)

No percurso de me tornar pesquisadora, meu ponto de partida foi como artesã, quando busquei saber mais, primeiramente como membro da comunidade assistida na extensão da UNIVILLE. Posteriormente, segui como graduanda em Artes Visuais (Licenciatura) a trocar experiências e saberes em outros projetos de extensão, grupos e projetos de ensino e

pesquisa, onde atuei como bolsista ou membro, até que ingressei no Mestrado em Educação, e como integrante do NUPAE de início a este estudo.

O processo de investigação teve como base os registros do NUPAE⁶, que me auxiliaram nas questões de educação não formal, narrativas e experiência sensível. Aqui aponto algumas das pesquisas/dissertações⁷ que de alguma forma conversam com minha pesquisa/dissertação: “*Mediação cultural: ação educativa no museu de arte de Joinville*”, de Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira (Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade - Universidade da Região de Joinville/2010); “*Mediação cultural para a pequena infância: um projeto educativo no museu Guido Viaro*”, de Solange de Fátima Gabre (Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade - Universidade da Região de Joinville/2011); “*Blog, identidade e formação continuada em educação infantil em Joinville*”, de Patrícia Kricheldorf Hermes de Araújo (Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade - Universidade da Região de Joinville/2012); “*Mediação cultural por meio da dança/educação como possibilidade de aprendizagem na infância*”, de Daniela Cristina Viana (Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade da Região de Joinville/2016); “*Sentidos e experiências na docência: processos de aprendizagem do instrumento na infância*”, de Jorge César de Araújo Pires (Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade da Região de Joinville/ 2017); “*Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência*”, de Karinna Alves Cargnin (Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade da Região de Joinville/2017); “*Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades*”, de Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon (Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade da Região de Joinville/2016); “*Memórias e Sentidos na Terceira Idade: Experiência pela vida da Estética*”, de Ana Cristina Quintanilha Schreiber (Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade da Região

⁶ Muito das produções do NUPAE, bem como suas atividades, estão em registros à disposição para consulta pública no blog: <http://gruponupae.blogspot.com>

⁷ O termo pesquisas/dissertações ou pesquisa/dissertação é utilizado no NUPAE para explicitar o estudo desenvolvido durante o mestrado com a finalidade formal de obtenção de título, entendendo que, na palavra composta, se acrescenta o rigor exigido nessa fase de estreitamento do desenvolvimento da investigação científica e a produção do conhecimento, ampliando o ato de pesquisar (FONTE: NUPAE, 2018).

de Joinville/2018); e *“Musicalização: Memórias, Experiências e Sensibilidades na Terceira Idade”*, de Hilda Natume (Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade da Região de Joinville/2018).

Maria Bernadete Garcia Baran de Oliveira é autora da pesquisa/dissertação *“Mediação cultural: ação educativa no museu de arte de Joinville”* apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, na Universidade da Região de Joinville, SC, em 31 de maio de 2010, sob a orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto, e coorientação da prof.^a Dr.^a Mirian Celeste Ferreira Dias Martins, articulando questões entre Arte, Cultura, Escola e Museu, com o objetivo de construir Proposta de Mediação Cultural para o espaço do Museu de Arte de Joinville – MAJ.

De modo singular, Oliveira (2010) contribui com esta pesquisa/dissertação especialmente quando aponta para a importância do desenvolvimento das ações em educação articulando educação não formal e formal, como modo de significar e garantir a formação do conhecimento em arte, consciência de cidadania e pertencimento, preenchendo lacunas entre comunidade, educação e museu. A pesquisadora apresenta os espaços de educação não formal como local onde se “oportunizam processos de aprendizagem com atitudes interativas, na informação, na participação e na troca de experiências”. Portanto enumera-os como territórios de intercâmbio democrático de experiências, os quais “possibilitam também narrativas interdisciplinares, resultando em uma ampliação cultural, conhecimento, participação social e construção da identidade cultural” (OLIVEIRA, 2010, p.40).

Solange de Fátima Gabre foi pesquisadora membro do NUPAE durante o período em que apresentou a pesquisa/dissertação *“Mediação cultural para a pequena infância: um projeto educativo no museu Guido Viaro”*, e mais alguns anos depois com a liberação da Secretaria de Educação do Município de Curitiba. Contribuiu significativamente com o NUPAE por meio de palestras, cursos e trocas de experiências. Seu mestrado foi no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, na Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, defendido em 16 de maio de 2011, sob orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto, na Linha de pesquisa: Patrimônio e Memória Social – Identidade, com o objetivo de

investigar a relação estabelecida entre os museus de artes e o público da pequena infância no que se refere à mediação cultural.

Gabre (2011, p.39) diz que: “a identidade de um povo depende em grande parte da forma como ele se relaciona com sua memória”. Desse modo, a pesquisadora, que desenvolve seu estudo em um espaço de educação não formal (o museu), traz essa premissa que dialoga com o objetivo de minha pesquisa/dissertação, apurando minha atenção para as relações entre memória, identidade e formação cultural.

Patrícia Kricheldorf Hermes de Araújo é autora da dissertação “*Blog, identidade e formação continuada em educação infantil em Joinville*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, em 27 de agosto de 2012, na Linha de pesquisa: Patrimônio e Memória Social, sob orientação da prof.^a. Dr.^a. Silvia Sell Duarte Pillotto, e coorientação da prof.^a. Dr.^a. Taiza Mara Rauen Moraes, tendo como questão principal identificar como o Blog ‘Identidades’ poderia contribuir nos processos de comunicação, socialização, interação e aprendizagem no contexto da educação infantil.

A pesquisadora fornece a esta pesquisa/dissertação a ampliação do entendimento referente à ‘identidade’ e à ‘construção identitária’. Destaca nesses termos um caráter dialógico, móvel e estável, mais precisamente ao apontar/analisar as transformações na cultura midiática. Araújo (2012, p.12) diz que: “o surgimento da sociedade em rede traz à tona novas formas comunicacionais e, sobretudo, novos processos discursivos de construção de identidades, induzindo assim a novas formas de transformações sociais”. Com isso, Araújo (2012, p.64) apresenta a ‘identidade’ como resultado de um sujeito em constante mudança, quando escreve: “as identidades hoje são compreendidas como um conjunto de fatores que podem ser construídas, reconstruídas e desconstruídas, refletindo uma sociedade em constantes transformações”.

Daniela Cristina Viana é autora da pesquisa/dissertação “*Mediação cultural por meio da dança/educação como possibilidade de aprendizagem na infância*”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, na Linha

de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, defendida em 25 de fevereiro de 2016, sob orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto. Sua investigação desdobrou-se na análise do movimento/dança em espaços de educação formal e não formal como possibilidade de aprendizagem.

Viana (2016) coopera em muitos aspectos com meu estudo, pois me identifiquei prontamente com seu projeto e processo, já que ela opta em fazer uma abordagem de suas temáticas por um viés sensível, ou seja, intrinsecamente amparada pela experiência sensível, fundamentada em Larrosa (2013, 2015) e Meira (2014). Além disso, amplia meu entendimento sobre alguns dos descritores desta pesquisa/dissertação, dando pistas, especialmente, à condução de meu entendimento sobre a ‘formação cultural’, mais precisamente, ao descrever o termo ‘cultura’ que, em palavras próprias, Viana (2016, p.53) diz ser: “parte do universo dito social”, dando a esse a ênfase da construção relacional também necessária à educação e à construção identitária. Viana (2016, p.53) completa essa ideia ao escrever: “para as culturas se constituírem ‘culturas’ de fato, envolvem, subjazem e estão contidas no social, na socialização, na interação com o mundo, com o outro e consigo mesmo”.

Jorge César de Araújo Pires é autor da pesquisa/dissertação “*Sentidos e experiências na docência: processos de aprendizagem do instrumento na infância*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, na Linha de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, defendida em 07 de fevereiro de 2017, sob orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto, e coorientação da prof.^a Dr.^a Jane Mery Richter Voigt, com objetivo de investigar os percursos utilizados pelos professores nos processos de mediação no ensino e na aprendizagem de diferentes instrumentos musicais com crianças de 9 a 12 anos. A abordagem metodológica do estudo de Pires (2017) foi a de sentidos e significados junto à cartografia. Seu processo culminou em agregar a sua pesquisa autores como Larrosa (2014), Duarte Jr. (2002, 2010) e Maturana (2014), o que também guiou para meu entendimento sobre as temáticas de ‘experiência’ e ‘experiência sensível’.

Karinna Alves Cargnin é autora da pesquisa/dissertação “*Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu – uma experiência*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, na Linha de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, defendida em 06 de fevereiro de 2017, sob orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto. Seu objetivo foi desenvolver ações de mediação cultural em espaços formais e não formais da educação (escola e museu) com crianças pequenas, identificando como se dão as vivências perceptivas e quais contribuições nos aspectos sensíveis.

Destaco Cargnin (2017), como fiz com outros membros do NUPAE, que trazem em comum o estudo nas temáticas da ‘experiência’ e do espaço de ‘educação não formal’, por somar como contribuinte para a formação de minha base epistemológica. Além disso, registro que essa pesquisadora trouxe, além de outro ponto de vista sobre as relações entre os seres humanos, seu passado e presente, suas memórias e as experiências, uma rica narrativa de como em sua investigação/intervenção deixou (entre)laçar sua pesquisa/dissertação/experiência com as de Viana (2016) e Strapazzon (2016), envolvendo, concomitantemente, as linguagens/expressões das artes, da dança/movimento e da música, em um modo de fazer pesquisa (entre)laçada.

Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon é autora da pesquisa/dissertação “*Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, defendida em 08 de fevereiro de 2017, sob orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto, com a problemática centrada na quase inexistência de ações mediadoras com crianças pequenas em museus, especialmente na linguagem/expressão da música, pois a prioridade ainda é das artes visuais.

A pesquisa/dissertação de Strapazzon (2016) é singular, pois na transparência de sua abordagem, mesmo optando por cartografia, não deixa de trazer em si uma narrativa que possibilita acompanhar seus passos, seus olhos e até mesmo os sons

que são os gatilhos das experiências que provoca em seu território de pesquisa. Além de qualquer aproximação conceitual, no seguir essa trinca de pesquisadoras (entre)laçadas, Strapazon (2016), Viana (2016) e Cargnin (2017), aprendo a me situar nesse contínuo processo de saber/fazer/saber pesquisa, (entre)laçando-me a outros sujeitos e experiências, aprendendo nas transversalidades.

Ana Cristina Quintanilha Schreiber é autora da pesquisa/dissertação “*Memórias e Sentidos na Terceira Idade: Experiência pela vida da Estética*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, na Linha de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, defendida em 27 de fevereiro de 2018, sob orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto e coorientação da prof.^a Dr.^a Jane Mery Richter Voigt. Seu objetivo foi analisar as práticas educativas pela via da estética na terceira idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano. Para Schreiber (2018, p. 27): “oportunizar ao idoso a ampliação de horizontes e objetivar uma reeducação do olhar, do sentir, do afetamento e do fazer/refletir” foi essencial no percurso de sua pesquisa. E é esse o aspecto de seu estudo que contribui diretamente para com o objetivo firmado em minha pesquisa/dissertação. Saliento, ainda, no estudo de Schreiber (2018), a conciliação originada de sua experiência prática como educadora em um espaço de educação não formal, atuando com grupos da terceira idade, às temáticas da experiência recheada de afetos, com referência a Larrosa (2002) e Duarte Jr. (2003, 2002); terceira idade com Bosi (1994; 2003); pesquisa narrativa com Clandinin e Connelly (2015). Além ainda da abordagem direcionada à ‘memória’ e ‘educação não formal’, ou seja, mesmo adotando outras possibilidades de análise e uso, encontro em sua construção alguns dos descritores de minha proposta de pesquisa/dissertação.

Hilda Natume é autora da pesquisa/dissertação “*Musicalização: Memórias, Experiências e Sensibilidades na Terceira Idade*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação, na Linha de pesquisa: Políticas Públicas e Práticas Educativas, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, defendida em 27 de fevereiro de 2018, sob

orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Sell Duarte Pillotto e coorientação da prof.^a Dr.^a Jane Mery Richter Voigt. Seu objetivo foi analisar as práticas educativas em musicalização na Terceira Idade, tendo como referência a ação mediadora e a sensibilidade, mobilizando memórias e experiências como possibilidade de construção de sentidos e relações com o cotidiano.

Natume (2018) e Schreiber (2018) construíram juntas uma experiência de pesquisa (entre)laçada em espaços de educação não formal e com a terceira idade, mas com propostas diferenciadas. Enquanto Schreiber (2018) conduziu a pesquisa pelo viés das linguagens das artes visuais, Natume (2018) elaborou seus processos ancorados na musicalização.

A pesquisadora renova minha noção acerca dos ‘idosos’ quando diz serem esses os sujeitos das “experiências sentidas e vividas no decorrer do tempo cronológico”. Precisamente, os apresenta como sujeitos sociais e valoriza as ‘práticas educativas’ com esse grupo notando que: “nas relações que estabelece com seus pares, com os espaços, com a família, enfim, com as suas atividades sociais, o idoso pode constituir situações de interatividade e construir identidades” (NATUME, 2018, p.18). Além disso, Natume (2018, p.23) registra que: “a educação pelo olhar sensível no contexto da terceira idade, requer mobilizar memórias e experiências dos idosos como possibilidade de construção de sentidos e relações com o seu cotidiano”. Desse modo, ao apresentar o percurso de sua pesquisa/intervenção, fornece pistas importantes para que eu possa visualizar a experiência de que é promotora junto a esse grupo de pesquisados, em uma narrativa sensível de pesquisa viva.

O NUPAE tem como base epistemológica e metodológica articular as pesquisas, tendo como denominador comum a sensibilidade e os espaços formais e não formais da educação. Além disso, propõe realizar pesquisas (entre)laçadas, que dialogam entre si, a partir dos sujeitos, objetos e espaços. Portanto, minha pesquisa/dissertação conversa com as descritas anteriormente nas questões referentes à educação não formal e à sensibilidade.

Além dos registros do NUPAE, o Banco de Teses e Dissertações da Plataforma Sucupira (CAPES) e o Banco de Teses da Plataforma CAPES me auxiliaram no caminhar desta pesquisa/dissertação. De modo que, nas plataformas CAPES, para refinar a pesquisa, o levantamento do estado da arte seguiu as seguintes etapas: definição dos descritores; refinamento dos

resultados entre teses e dissertações; busca e seleção na base por título, no período dos últimos três anos (2014 a 2017); opção pelas Ciências Humanas como grande área de conhecimento; eleição da Educação como área de conhecimento; seleção pela leitura dos resumos dos primeiros 40 títulos por grupos de descritores pesquisados; análise da busca e seus resultados.

Entre os descritores utilizados, primeiramente, empreguei o grupo de palavras-chave desta pesquisa/dissertação: 'artesanaria', 'práticas educativas', 'terceira idade', 'formação cultural', 'experiências sensíveis'. Mas, diante da dificuldade em localizar estudos contendo as palavras 'artesanaria' e 'terceira idade', adicionei os descritores: 'artesanato' e 'idoso', integrando-os às diversas combinações, em duplas de descritores. Deste modo, no total foram consultadas 19 combinações de descritores; localizados 13.707 resultados (produções em formato de teses e/ou dissertações); acessados 731 resumos e selecionadas 14 pesquisas.

Na consulta inicial, utilizando o grupo de descritores composto pelas palavras-chave desta pesquisa/dissertação: 'artesanaria', 'práticas educativas', 'terceira idade', 'formação cultural', 'experiências sensíveis', foram localizados 10.247 resultados, dos quais analisei os quarenta primeiros resumos. Desses, 33 eram trabalhos de mestrado e 7 doutorados em educação ou processos socioeducativos e práticas escolares. Em relação à temática, não foram localizados estudos aproximados à proposta desta pesquisa/dissertação, mas houveram 9 resultados indicando temáticas relacionadas às experiências, experiência estética, experiência educativa ou experiências pedagógicas.

No intuito de refinar os dados, resolvi aplicar outros filtros à pesquisa. Deste modo, indiquei Educação como área de avaliação, área de concentração e nome do programa, nas plataformas de teses e dissertações da CAPES. Em consequência, os resultados da pesquisa, repetindo o primeiro grupo de descritores: 'artesanaria', 'práticas educativas', 'terceira idade', 'formação cultural', 'experiências sensíveis', foram de 354, dos quais analisei os quarenta primeiros resumos. Entre eles,

selecionei a dissertação “*Diversidade Cultural em Cabinda: estudo sobre as identidades e práticas culturais dos Bawoio do Yabi*”, de Joaquim Paka Massanga, devido ao seu levantamento relacionando à identidade e à cultura.

A dissertação “*Diversidade Cultural em Cabinda: estudo sobre as identidades e práticas culturais dos Bawoio do Yabi*” foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, em 28 de agosto de 2014, sob orientação da prof.^a Dr.^a Nilma Lino Gomes, na linha de pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos sociais e Ações coletivas, e seu objetivo foi compreender as práticas culturais vividas pela etnia Bawoio de Yabi, na província de Cabinda-Angola.

Por meio da história oral e da narrativa, Massanga (2014) compara traços da cultura Bawoio em memórias de anciãos e nas práticas de seus jovens no presente. A valorização dos sujeitos por meio das narrativas e a relação entre o cotidiano sociocultural e a formação da identidade, presentes nesse estudo, contribuem diretamente à esta pesquisa/dissertação quando nos dispomos a demonstrar os termos formação cultural e construções identitárias.

Na sequência, mudei a quantidade de descritores por consulta, iniciando a pesquisa por combinação de duplas de palavras-chave. Assim sendo, ao lançar as palavras: ‘artesanaria’ e ‘práticas educativas’ surgiram 163 resultados, no entanto, analisando os resumos, por não encontrar aproximação com o tema desta pesquisa/dissertação, nenhum trabalho foi selecionado.

A dificuldade de seleção de pesquisas se manteve em consulta a outros descritores. De modo que, mesmo na análise dos até quarenta primeiros resumos, não foram selecionados estudos, mesmo as consultas alcançando os seguintes resultados: com as palavras ‘artesanaria’ e ‘terceira idade’, 31 estudos; com ‘artesanato’, 10; com os descritores: ‘artesanaria’ e ‘formação cultural’, 302; com ‘artesanato’ e ‘formação cultural’, 302; com ‘artesanato’ e ‘experiência sensível’, 66; com ‘terceira idade’ e ‘formação cultural’, 311; ‘formação cultural’, 302; com ‘idoso’ e ‘formação cultural’, 302; em ‘formação cultural’ e ‘experiências sensíveis’, 320; com ‘experiência sensível’, 66; em ‘terceira idade’ e ‘experiências sensíveis’, 82; com ‘idoso’ e

‘experiência sensível’, 66; com ‘práticas educativas’ e ‘terceira idade’, 177; em ‘práticas educativas’, 163; com ‘terceira idade’, 31; e ‘idoso’, 15.

Todavia, ao consultar as palavras ‘artesanato’ e ‘idoso’, localizei 25 resultados e, entre esses, selecionei duas pesquisas, sendo a tese: “*Emancipação política e educação: ações educacionais para o idoso nas instituições de ensino superior públicas paranaenses*”, de Paola Andressa Scortegagna, pela consistente investigação sobre o idoso servindo de referencial a minha pesquisa/dissertação. Também selecionei a dissertação: *A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs*, de Marcia Regina Becker, devido à originalidade como investiga o tema artesanato, relacionando, em sua investigação, a formação das artesãs e as suas habilidades de gestão da produção artesanal.

Paola Andressa Scortegagna apresentou a tese de doutorado “*Emancipação política e educação: ações educacionais para o idoso nas instituições de ensino superior públicas paranaenses*” ao Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Educação da Faculdade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, em 11 de março de 2016, sob orientação da prof.^a Dr.^a Rita de Cássia da Silva Oliveira, na linha de pesquisa: História e Políticas Educacionais. Teve como objetivo analisar as ações educacionais para o idoso desenvolvidas por projetos/cursos nas Instituições de Ensino Superior Públicas Paranaenses, enquanto estratégias para emancipação política do idoso, fundamentadas na concepção de educação permanente.

No desenvolvimento da pesquisa, Scortegagna (2016, p.7) investiga junto a coordenadores e diretores das Universidades Abertas à Terceira Idade concluindo que: “as ações educacionais para idosos visam processos emancipatórios, embora não apresentem tal denominação em seus objetivos. Os trabalhos desenvolvidos possibilitam a atualização, elevação de autoestima, melhoria na qualidade de vida e inserção social do idoso”. Desse modo, ao apresentar um perfil do idoso, descrevendo nosso acelerado e contemporâneo processo de envelhecimento, e ao tratar da educação ao idoso como proposta de conquista e preservação da autonomia dos sujeitos da terceira idade, a autora traz relevantes contribuições para esta pesquisa/dissertação.

A outra pesquisa selecionada foi a de Marcia Regina Becker, autora da dissertação “*A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs*”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, em 21 de fevereiro de 2014, sob orientação da prof.^a Dr.^a Edla Eggert, na linha de pesquisa: Educação, Desenvolvimento e Tecnologias. Seu objetivo foi analisar a formação das artesãs da Associação Municipal de Artesanato Cantinho das Artes, de São Pedro da Serra, RS, e compreender de que forma essa formação influencia na gestão do artesanato.

Fiz a seleção do estudo de Becker (2014) movida pela dificuldade em localizar discussão referente ao artesanato no campo da educação. Apesar da proposta da autora não ter aproximação com meu objeto de pesquisa, encontrei em seu texto uma visão bem constituída e atualizada do perfil do artesão e do artesanato contemporâneo. Em seu percurso investigativo, a autora faz a relação entre a formação educacional (pedagogia pautada na aprendizagem de modelos) de um grupo de mulheres artesãs com a gestão do artesanato como fonte de renda, num cenário de trabalho cooperado.

Na consulta aos descritores ‘artesanaria’ e ‘experiência sensível’ surgiram 66 resultados, dos quais, após avaliados os primeiros quarenta resumos, duas pesquisas foram selecionadas. Sendo a tese: “*O ensino de permacultura na educação do campo: circulação de sentidos entre saberes da ciência e da experiência*”, de Marília Carla de Mello Gaia; e a dissertação: *A experiência em Merleau-Ponty e o sentido da educação*, de Denise Assis Fleury Curado — ambas escolhidas devido à abordagem temática de ‘experiência’ ser aproximada à proposta desta pesquisa/dissertação.

Marília Carla de Mello Gaia apresentou a tese de doutorado “*O ensino de permacultura na educação do campo: circulação de sentidos entre saberes da ciência e da experiência*” ao Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, em 27 de fevereiro de 2015, sob orientação da prof.^a Dr.^a Maria Emília Caixeta C. Lima e coorientação da prof.^a Dr.^a Andréa Horta Machado. Tendo como linha

de pesquisa: Educação e Ciências, seu objetivo foi investigar a tensão entre os conhecimentos de ciências naturais e os saberes da experiência que emergem da vida no campo.

Gaia (2015, p. XI) ao escrever: “o modo narrativo e o lógico-científico atravessam esse mesmo sujeito, com uma maior intensidade na narratividade, o que trouxe muitos elementos para compreender como os saberes da experiência funcionam e como comparecem na sala de aula do campo”, apresenta como essa investigação narrativa contribui com meu estudo ao relacionar o método narrativo à temática da ‘experiência’, mais precisamente fazendo referência aos saberes da experiência apoiada em abordagens feitas pelos autores Larrosa (2002) e Benjamim (1994).

Denise Assis Fleury Curado defendeu a dissertação “*A experiência em Merleau-Ponty e o sentido da educação*” no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Goiás - UFG, em Goiânia, em 28 de abril de 2015, sob orientação da prof.^a Dr.^a Rita Márcia Magalhães Furtado e coorientação do prof. Dr. Rodrigo Vieira Marques, na linha de pesquisa: Cultura e processos educacionais. Seu principal objetivo foi elucidar a noção de experiência desenvolvida por Maurice Merleau-Ponty e seus desdobramentos para a educação.

De outro modo, mesmo que Merleau-Ponty não esteja na base epistemológica desta pesquisa/dissertação, selecionei o estudo de Curado (2015, p.11), pois vislumbrei contribuições, relacionando o modo que a autora investiga e assegura: “[como a] noção de experiência, contribuem, sobremaneira, para pensarmos e compreendermos nossa realidade educacional”.

Seguindo, ao procurar ‘artesanía’, surgiram quatro resultados, entre os quais selecionei a dissertação intitulada: “*Pinturas de si: moda e artesanía da existência*”, de Ana Cleia Christovam Hoffman, com orientação da prof.^a Dr.^a Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan. O estudo foi apresentado na Linha de pesquisa Filosofia da Diferença e Educação, no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, em 26 de junho de 2015.

O estudo de Christovam Hoffman (2015) é outro caso em que, apesar de exibir autores/conceitos de bases epistêmicas diferentes aos desta pesquisa/dissertação, contribui ao apresentar um significado para o termo 'artesanía', explicando-o como o processo do fazer do artesão ou, ainda, como produto alcançado pelo processo de sua prática artesanal, aproximado ao entendimento do termo que utilizo nesta pesquisa/dissertação.

A combinação das palavras 'práticas educativas' e 'formação cultural' trouxe 110 resultados, tendo se destacado duas pesquisas. Primeiro a tese: "*Da prática educativa a uma educação pela prática: o ensino de história com o museu e com a literatura*", de Júlio César Virgínio da Costa; assim como a dissertação: "*Teoria crítica, educação e infância: (im)possibilidades formativas nas tramas da indústria cultural*", de Jussimaria Almeida dos Santos; por colaborarem respectivamente com a fundamentação da prática educativa e da formação cultural para esta pesquisa/dissertação.

Júlio César Virgínio da Costa apresentou a tese "*Da prática educativa a uma educação pela prática: o ensino de história com o museu e com a literatura*", ao Programa de Pós-Graduação - Doutorado em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG, em 26 de fevereiro de 2016, orientado pela prof.^a Dr.^a Júnia Sales Pereira, na linha de pesquisa: História da Educação. Seu objetivo foi refletir sobre os desafios e perspectivas da profissão docente considerando os componentes críticos, reflexivos, dialógicos e sensíveis da prática educativa na relação escola-museu.

Costa (2016, p. 8) conclui que entre as principais contribuições de seu estudo estão: "a relação estabelecida entre os docentes e os ambientes culturalmente estruturados (como os museus), e os processos pedagógicos por eles desenvolvidos por meio de artefatos culturais (como os livros literários)". Deste modo, entre as discussões pontuadas em sua pesquisa, a relevância das práticas educativas nos processos de formação dos sujeitos é atributo que vem em auxílio desta pesquisa/dissertação.

Com o objetivo de refletir, analisar e relacionar a Teoria Crítica da Sociedade com processos culturais contraditórios ou, (de)formativos, considerando a temática da infância em meio às tramas da Indústria Cultural, Jussimaria Almeida dos Santos construiu a dissertação: *“Teoria crítica, educação e infância: (im)possibilidades formativas nas tramas da indústria cultural”*, sob orientação da prof.^a Dr.^a Silvia Rosa da Silva Zanolla, apresentando-a ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, em 26 de julho de 2016, na linha de pesquisa: Cultura e Processos Educacionais.

Santos (2016, p.7) vincula sua pesquisa “aos fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt, por meio dos seguintes autores: Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), dentre outros”. Nesse mote, com esse referencial, “argumenta sobre os desdobramentos desse processo de administração e (de)formação que invade a cultura e, principalmente, os processos de formação cultural no âmbito formal e informal” (SANTOS, 2016, p.7). Suas bases, especialmente em Adorno, trazem reflexões que contribuem para a fundamentação das noções de ‘formação cultural’ em minha pesquisa/dissertação.

A palavra ‘práticas educativas’, combinada a ‘experiências sensíveis’, trouxe 192 resultados. Entre os primeiros 40 resultados, foram selecionados, pela aproximação temática com esta pesquisa/dissertação, duas teses, sendo: *“As práticas educativas dos agentes culturais em um programa de educação integral”*, de Saulo Pfeffer Geber, e *“Professores de História em cenários de experiência”*, de Jezulino Lucio Mendes Braga, pela contribuição em referenciar prática educativa e experiência sensível, respectivamente.

Saulo Pfeffer Geber, orientado pelo prof. Dr. Juarez Tarcisio Dayrell, apresentou a tese *“As práticas educativas dos agentes culturais em um programa de educação integral”*, ao Programa de Pós-Graduação - Doutorado em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG, em 31 de julho de 2015. Sua linha de pesquisa era: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas, e seu objetivo foi compreender as práticas

educativas dos agentes culturais contratados para a realização de oficinas culturais, esportivas e de reforço escolar no contraturno de programas de Educação Integral.

Em uma abordagem qualitativa, investigando a partir dos sentidos e significados, o autor colabora com esta pesquisa/dissertação quando demonstra as contribuições pelas práticas educativas realizadas por agentes culturais (oficineiros), em oficinas culturais, em que um dos saberes identificados é o artesanato. Geber (2015) trata de ações que identificam como resultado a oportunidade de diversas aprendizagens, influenciando a formação identitária, a socialização e o saber de seus alunos/sujeitos. Em suas análises, enumera que os bons resultados alcançados no campo observado são dependentes da qualidade da relação estabelecida entre educador e aluno/sujeito — a sinergia.

Jezulino Lucio Mendes Braga, sob a orientação da prof.^a Dr.^a Junia Sales Pereira, apresentou a tese “*Professores de História em cenários de experiência*”, ao Programa de Pós-Graduação - Doutorado em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG, em 10 de dezembro de 2014. Sua linha de pesquisa foi Educação escolar: Instituições, Sujeitos e Currículos, e o tema de seu estudo as experiências sensíveis dos professores de história no Museu de Artes e Ofícios, Belo Horizonte, MG. Seu objetivo foi buscar compreender quais concepções de história, memória e narrativa estão presentes nas atividades desenvolvidas e quais as interferências da relação subjetiva com a exposição na história ensinada em museus

Braga (2014, p.175) contribui para esta pesquisa/dissertação ao apontar que: “a entrevista caminhante foi também uma experiência sensível, permitindo que os docentes se reconhecessem como sujeitos que vivem experiências no tempo e que usam dessas experiências em suas ações nas escolas”. Ou seja, indica a pesquisa narrativa (entrevistas narrativas) como estratégia de ação investigativa possível de abordar a temática da experiência sensível, privilegiando os sujeitos, no seu caso, professores de história em interação com suas memórias, objetos museológicos e obras de arte. Ou, ainda, no decorrer de sua

pesquisa, quando os sujeitos apoiados em narrativas, localizam a partir de objetos a presentificação das ideias e são capazes de se dispor a experiências sensíveis a partir desses contatos.

Feito esse levantamento pelo estado da arte, percebi que, apesar de múltiplas produções de teses e dissertações envolvendo parte dos descritores, minha pesquisa/dissertação propõe uma articulação ainda não efetuada. Deste modo, entende-se a importância em se atentar ao estudo do tema, especialmente na terceira idade e em espaço não formal de educação.

Além disso, reconheço a significativa contribuição das produções dos colegas do NUPAE, das quais muitas estão envoltas na pesquisa e reflexão de alguns dos descritores de minha proposta e citadas neste levantamento. São produções (entre)laçadas, que se constituíram, também, pela experiência de compartilhamento de saberes e, com isso, acabam por enriquecer esta pesquisa/dissertação.

1.2. O lugar (O CRAS)

O campo de pesquisa escolhido foi o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos dos Idosos, em uma das unidades dos Centros de Referência da Assistência Social - CRAS, no bairro Jardim Paraíso, em Joinville, Santa Catarina.

O CRAS é uma unidade descentralizada da política de assistência social. É responsável pela organização e oferta de serviços de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social - SUAS, nas áreas de vulnerabilidade e risco social. Operam no CRAS os serviços de Proteção de Atenção Integral à Família — PAIF — e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV⁸.

⁸ BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS.1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/aa_diversos/MDS-Ori.Tec.CRAS.pdf>. Acesso: em 08 abr. 2017.

Sobre o SCFV, Forster⁹ (2016) explica: “Este é um serviço importante que auxilia na prevenção de situações de risco social. Possui caráter preventivo, pautado na defesa dos direitos e no desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo”.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos — SCFV — é ofertado a grupos de pessoas, organizados por sua faixa etária (crianças, adolescentes, idosos), com o objetivo de desenvolver ações para a prevenção de situações de vulnerabilidade e violência. São espaços de convivência e fortalecimento de vínculos com a comunidade. Assim como sugerem Brandão, Silva e Rebelo (2003, p.47) ao afirmar que: “o simples fato de ser membro da comunidade implica em estar inserido no processo de se educar, porque as tarefas e os desafios que a sociedade requer do indivíduo, estão sempre mudando de conteúdo e de significado”. Nesse sentido, compreendo que a educação acompanha toda a vida do ser humano, assegurando a escolha em pesquisar a terceira idade e seus idosos, em um ambiente de educação não formal.

Para refletir as questões de pesquisa, foi necessário articular ações, tendo o CRAS – Jardim Paraíso como fomentador de experiências estéticas. Portanto, o trabalho de pesquisa visou potencializar tal espaço, mobilizando ações e experimentações por meio da artesanaria para os idosos.

Para tanto, foram realizadas seis oficinas/encontros (práticas educativas), envolvendo um grupo de 11 idosos, com idades entre 60 e 72 anos, participantes do CRAS – Jardim Paraíso. Os encontros foram semanais, com três horas de duração cada, resultando em 18 horas de atividades.

Foi no primeiro encontro o momento em que apresentei ao grupo a ideia para as oficinas em artesanaria. Feito o convite, viabilizamos a documentação necessária aos participantes, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a autorização para uso de imagem e som.

Do segundo ao quinto encontro, produzimos um panô¹⁰, no qual cada participante, ao seu modo, de acordo com suas escolhas, a partir de qualquer técnica artesanal, deixou registrado, em uma produção individual, um fato (momento, memória)

⁹ FORSTER, Valquíria Viviane Rodrigues. Assistentes sociais refletem sobre serviço de conveniência e fortalecimento de vínculos. Disponível em:< <http://escola.ielusc.br/porta1/POR1AL-NOT-4196>>. Acesso: em 08 abr. 2017.

importante de sua vida. Posteriormente, em coletividade, unimos numa espécie de “colcha de retalhos” a articulação de suas produções, seus registros, suas memórias, suas histórias, todas alinhavadas em uma só peça.

Ainda no quinto encontro, durante a oficina de artesanato, em nossa produção coletiva, recebemos o grupo de adolescentes/jovens¹¹ que estavam, naquela mesma manhã, em atividade com a colega Letícia. Os idosos foram anfitriões do espaço apresentando suas produções, ao mesmo tempo em que respondiam questões sobre sua vida e sua relação com Joinville, animados em colaborar atendendo às curiosidades dos visitantes.

No final, o sexto encontro nos serviu para perceber, ler e reler (usando todos os sentidos) nossos momentos juntos, e rever quantos significados foram alcançados, percebendo-se os primeiros passos de uma pesquisa narrativa. Mais uma vez, nesse encontro, estivemos reunidos, adolescentes/jovens e idosos, em uma expressiva experiência intergeracional.

1.3. Tempo de ser — a terceira idade e o idoso

Início este diálogo trazendo Almeida (1998, p.36) quando diz que: “atingir o território da velhice é defrontar-se com os limites da vida em vida e com a morte em vida”. Essa é uma fala atual e indica o tempo de ausência do lugar social na vida das pessoas. Assim, vamos situar a terceira idade como um espaço de tempo, espaço de esvaziamento da vida, e o idoso como o sujeito deste tempo que, muitas vezes, sofre no processo de envelhecimento. Como bem lembra Bosi (1994, p.76):

¹⁰ Panô, de acordo com o Dicionário Aurélio ([2017], on-line), é: “Painel decorativo de tecido liso, estampado com aplicações ou pintado, etc., com ou sem moldura, usado em paredes, para guarnição, complemento de cortina, etc.”.

¹¹A colega de pesquisa, Letícia Jensen, a partir do estudo conceitual sobre os termos adolescentes e jovens, no desenvolvimento de sua pesquisa/dissertação, faz opção por empregar o termo “adolescentes/jovens”, evidenciando em expressão única o caráter similar a ambos os conceitos, quando refletem fase específica da construção social do humano a partir da infância e antes da fase adulta, considerando, deste modo, uma ampliação conceitual que reflexiona o contexto histórico, cultural e social, indo além da inespecificidade em pontuar uma faixa etária exclusiva.

Antes do afastamento definitivo há um declínio lento, intermitente, acompanhado de dolorosa lucidez. Muitas vezes o idoso repete: “é assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços...Para que serve um velho, só para dar trabalho [...]”.

Todavia, o idoso é um ser humano como qualquer outro e deve ser respeitado em seu ritmo de vida. Precisa de mais tempo para executar certas tarefas e inicia um processo de seleção de suas próprias memórias, apagando as menos importantes, o que, equivocadamente, muitas vezes, se toma como perda de memória ou esquecimento. Além disso, como acrescenta Almeida (1998, p.38): “muitas de nossas capacidades dependem de constante exercitação para continuarem vivas e ativas; dependem, acima de tudo, da possibilidade de se alimentarem de projetos, de projetos de vida”.

Por isso, proponho revisitar a terceira idade como um (valioso) tempo de ser, no qual a construção dos saberes e de sensibilidades continuam em ebulição e sedimentadas, possibilitando aos idosos estar em constante processo de movimento mental e sensível, o que os permite a nos ensinar sobre a vida.

1.4. O artesanato e seu processo — A Artesania

Artesania é uma expressão com significado mais amplo do que artesanato. Tem origem espanhola e ainda é pouco utilizada no Brasil. De acordo com Petrykowski Peixe et al. (2014, p.41), artesanania faz referência: “as complexidades e a amplitude, tanto dos processos reflexivos e manuais que envolvem os fazeres artesanais, quanto dos produtos resultantes pelo uso de tais habilidades, nesse caso, o artesanato”. Também para Santos et al. (2016, p.15): “a produção artesanal é parte da cultura e dos saberes e fazeres locais”. Diante disso, podemos afirmar que artesanianar é ação de homens e mulheres, artesãos e artesãs, que misturam além da matéria-prima e da técnica: saberes, ritos e crenças, revelando suas práticas sociais.

Todo artesanato comunica. Traz elementos culturais, ambientais, históricos e sociais, que permitem ao consumidor conhecer além da história do produto, consentindo também o acesso a seu produtor, pois o resultado produzido está amarrado às suas escolhas e aos seus processos de desenvolvimento (KRUCHEN, 2009).

O conhecimento herdado e/ou construído, do saber-fazer artesanato, requer preservar a memória e disponibilidade para o exercício constante do fazer e ressignificar aquilo que já se sabe ao longo da vida. O artesão experimenta, repete, ensaia, testa, constrói e reconstrói uma tradição de saber, a partir de uma pedagogia do aprender-fazendo, construindo conhecimentos, métodos e fazeres quase sempre relacionados ao saber lidar com os recursos humanos e naturais do espaço onde habita (RUGIU, 2001; NORONHA, 2016).

Experienciar artesanias, respeitando o contexto cultural dos idosos, é possibilidade de trazer o artesanato como recurso, como linguagem, numa ação geradora de experiência e educação. E, pela natureza desse fazer, possibilitar a ativação de memórias ou ressignificações, que nos permitam acessar múltiplas identidades e culturas.

Neste cenário, artesanizar pode ser um exercício ou uma ação, que nos propicie encontrar (revisitar) saberes e conhecimentos que façam parte de muitas gerações de nosso patrimônio imaterial. Também é experiência sensível devido à intrínseca necessidade de entrega ao fazer, ao se aventurar a construir (memória), ao experimentar com a integralidade de seus sentidos (percepção) e à disponibilidade do diálogo com o objeto desenvolvido e através deste (imaginação) (VOGEL, s.d; READ, 2001).

1.5. Construindo conhecimento - A educação não formal

A educação é recurso de uma comunidade. É por ela que os códigos sociais de conduta são replicados, vivenciados e reinventados diariamente. Pela educação, são transmitidos e registrados o saber de um grupo, de uma família, o conhecimento

das regras do trabalho, as crenças, os segredos da religião e da arte, do artesanato e todas as outras tecnologias. Complementando a ideia, diz Brandão (2007, p.11):

[...] através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

A educação não formal é uma das formas de educação desenvolvida fora das escolas. Conforme define Gohn (2014, p.1): “a educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”.

Sobre essa questão, Freire (2016, p.142) orienta que a proposta educativa, seja no contexto formal, não formal ou informal, leve em conta a realidade do sujeito, destacando que:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre eles. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, [...].

Na educação não formal, os sujeitos possuem intencionalidade em aprender. São atividades, em sua maioria, práticas, coletivas e organizadas em grupo. As operacionalizações dos conteúdos atendem ao ritmo e aos objetivos do grupo em sequências cronológicas diferentes da escola formal, entretanto, os processos de aprendizagem não ocorrem de modo espontâneo como na educação informal (GOHN, 2011).

Assim sendo, identificamos como lugar de experiência desta pesquisa/dissertação, o CRAS, como espaço que, dentro de um planejamento com seu público, valoriza e ressignifica saberes que estão além dos de um currículo escolar. Saberes

esses tão necessários para compreender o mundo e a vida e que, hoje, estão sendo percebidos devido à adoção de uma visão mais ampla de educação.

1.6. Os sujeitos e seus conteúdos -Construções identitárias e formação cultural

Identidade, para Hall (2006), é conceito frágil nas ciências sociais. Esta afirmação corrobora o que percebemos ao nos situar diante da mobilidade sobre a identificação do ser humano e sua constituição como sujeito.

A identidade cultural é constituída pelo conjunto de significados que estruturam a vida do homem ou de seu grupo social. Estabelecemos sentidos (lealdade e identificação), que tomamos como sistema de representação cultural: nosso modo de comunicação, linguagem, família, grupo, religião, etnia, cidade, nação. Nossas identificações, nas relações construídas, nos representam além de nós mesmos (HALL, 2006).

Entre o sujeito e seu mundo exterior (sociedade) está a identidade e, de acordo com Hall (2006, p.11): “[...] a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam [...]”.

Conforme registra Hall (2006, p.13): “[...] somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente”. Assim, podemos dizer que desenvolvemos, ao mesmo tempo, várias identidades, todas relacionadas à reflexão sobre nossa convivência e práticas sociais.

Existem relações que estabelecemos com um grupo pela vida inteira e há outras que são estruturadas por uma variedade de ideias e princípios. Deste modo, de acordo com Bauman (2005, p.17):

[...] a questão da identidade só surge em exposição a “comunidades” da segunda categoria [comunidades de destino] e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade mantida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural.

Bauman (2012, n.p) também conceitua cultura como um fenômeno social que pode ser aprendido, representado e descrito:

A cultura é a única faceta da vida e da condição humana em que o conhecimento da realidade e o do interesse humano pelo autoaperfeiçoamento e pela realização se fundem em um só. O conhecimento cultural é [...] o único conhecimento audacioso o bastante para oferecer ao mundo seu significado, em vez de acreditar (ou fingir acreditar), com ingenuidade, que o significado está ali, já pronto e completo, à espera de ser descoberto e aprendido. A cultura, portanto, é o inimigo natural da alienação. Ela questiona constantemente a sabedoria, a serenidade e a autoridade que o real atribui a si mesmo.

Portanto, o homem produz cultura desde sua primeira interação com o meio e não é nossa intenção nesta pesquisa/dissertação determinar a origem da cultura humana. Basta-nos compreender que historicamente a ideia de cultura está atrelada a cada impulso de compreender uma experiência, do ponto de vista intelectual, ou seja, resultado de um comportamento social (LARAIA, 1986).

A formação cultural deriva e sustenta nossa autonomia, mas como adverte Adorno (2005, p.8), ela é:

[...], por essência, antinômica [contraditória]. A formação tem como condições a autonomia e a liberdade. No entanto, remete sempre a estruturas pré-colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se. Daí que, no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir. Em sua origem está já, teleologicamente [do propósito], seu decair.

A partir dessa perspectiva, podemos dizer que a formação cultural é resultado de uma ação relacional, acolhendo a multiplicidade presente em nossa sociedade, perpassando por ela, inclusive, relações de poder.

Compreendemos que, num grupo relacional da terceira idade, cada componente traz consigo uma pluralidade de outros relacionamentos estabelecidos com seus grupos sociais e entendimentos sobre eles. Estamos, então, diante de suas construções identitárias, percebendo como identidade aquilo que o sujeito se reconhece ser diante da família, do grupo, da religião e em toda e qualquer de suas comunidades de relacionamento.

Dessa forma, ao realizarmos uma prática educativa utilizando a artesanaria, um sistema de representação cultural, como linguagem e como canal de expressão dos sentidos, se alcança a possibilidade de o idoso repensar e/ou se reconectar com suas memórias, podendo, assim, restituir ou ampliar novas construções identitárias, ao mesmo tempo em que pela natureza da artesanaria consiga revisitar elementos de sua cultura.

1.7. Os saberes para a vida -Experiências sensíveis e práticas educativas

Nesta pesquisa/dissertação, o conceito referente à experiência é de suma importância, pois na realização das práticas educativas (oficinas de artesanaria), que fazem parte da investigação, se busca alcançar a experiência sensível. Para tanto, buscamos uma definição em Larrosa (2016, p. 10), quando diz que:

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço.

O sujeito da experiência é aquele que a recebe, portanto, possui um caráter de disponibilidade, de receptividade e de aceite, pois, conforme Larrosa (2016, p.18): “[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A experiência exige, portanto, uma predisposição, uma ação, um envolvimento, mas também, determina a entrega, o risco, o

desafio. De modo rudimentar, experiência é uma troca que exige investimento e aprimoramento do sujeito. Iniciativa que também concede retorno ao mesmo, novo vir a ser, gerando uma nova situação a partir da inicial.

A experiência sensível precisa ser alimentada e ampliada. Ela é a capacidade que possibilita um modo de saber-perceber o mundo e pode ser alcançada, conforme sugere Duarte Jr. (2010, p.31):

Uma educação voltada para o sensível pode, pela recuperação de velhas técnicas populares, contribuir para um melhor aproveitamento daquilo que se tem à volta, com a consequente diminuição desse desmedido desperdício tão corriqueiro em nossa sociedade contemporânea. Saber perceber o mundo ao redor, em termos dos materiais e substâncias que o compõem, coletando-as e as trabalhando artesanalmente consiste, com efeito, numa maneira de estabelecer vínculos mais sensíveis com a natureza. Assim, a ecologia, a sensibilidade e a educação revelam o quão interligadas podem estar se não forem tomadas como partes independentes de um fragmentário e desvinculado da vida de cada um.

Também para Meira (2014), as experiências sensíveis são movimentos que exploram os sentidos e, assim, o sujeito experimenta o controle e a intensidade de todas as formas de percepção, processo este que contribui com o seu desenvolvimento intelectual. A mesma autora, em depoimento, narra bem a questão acima: “[...] minha experiência de muitos anos com a arte/educação trouxe a convicção de que possibilitar experiências sensíveis com diferentes realidades é sua maior riqueza” (MEIRA, 2014, p. 53).

Meira (2014) sugere então que diferentes e variadas interações (na ideia da exploração dos sentidos), juntamente com a ampla frequência das experimentações em práticas educativas, garantem a ampliação das decodificações e sínteses dos sujeitos em seus processos de aprendizagem, visto que possibilitam um processo contínuo de compreensão do seu imaginário, na construção de seus processos de significação e representações de suas experiências.

Considerando a potencialidade da artesanaria, ao desenvolvê-la com os idosos em forma de práticas educativas, desafia-se a internalizar as experiências sensíveis, criando disposição de sentir, de exercitar seus sentidos, de comunicar suas percepções e mobilizar memórias, que contribuam para manter ativas as reais potencialidades, construções identitárias e sensibilidades, reiterando a importância dos processos em formação cultural.

1.8. PAP – Passo a passo (metodologia)

Comprometida com o conhecimento científico, busquei alternativas para desenvolver um estudo flexível. Procurei localizar um caminho para efetuar a produção de uma pesquisa que me mantivesse junto com a participação-expressão dos pesquisados (interlocutores), como maneira de compreender dinâmicas da vida social. Visto que, entre os dados desta pesquisa/dissertação, estão aspectos formadores do humano (valores, crenças, hábitos representações, opiniões e atitudes), fatores que não podem ser reduzidos a variáveis operacionais, adotamos a abordagem qualitativa (FLICK, 2004).

Em referência à pesquisa qualitativa, Flick (2004, p.18) assegura esta escolha ao afirmar que: “a crescente individualização humana e a diversidade de ambientes, culturas e formas de vida, requer [...] uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões”.

Desse modo, método e metodologia foram selecionados para reiterar a ideia de que dentro de um recorte de dados, estabelecido no cruzamento com a temática desta pesquisa/dissertação, todos os sujeitos puderam se expressar subjetivamente por meio de suas produções e de suas falas. Para isso, o modo de instrumentalizar, sem afastar, sobretudo, as sensações, os sentires e as sensibilidades, foi eleger como abordagem a narrativa.

Posicionando-me como pesquisadora acabo deixando a pesquisa criar seus próprios caminhos, articulando o que aprendo com o que eu vivo, pois como diz Benjamin (1975, p. 66): “a experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer a experiência seja própria ou relatada”. Assim sendo, a narrativa é uma possibilidade que temos para capturar a dimensão humana trazida pelas experiências. “Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 2012, p. 221). Trazer, contudo, uma perspectiva narrativa de pesquisa proporcionou revelar, além dos aspectos da vida social, a

relação que entrelaça as posições dos sujeitos da pesquisa, pesquisador e pesquisados (HERNÁNDEZ, 2017; CLANDININ e CONNELLY, 2015).

Ao final, as práticas educativas (oficinas de artesanaria) com os idosos contribuíram para materializar alguns dos movimentos provocados pela pesquisa. Sendo que, além da produção de um panô coletivo, nessas oficinas/encontros, dados foram gerados a partir das narrativas e diálogos dos idosos, em registros escritos, fotografados e filmados ou, ainda, na observação de outras interlocuções que tenha participado com eles.

1.9. Próximos passos - Os movimentos

A continuação desta pesquisa/dissertação tem seus capítulos tomados como movimentos. Portanto, seguiremos no próximo movimento (2º Capítulo) a 'Puntear os contornos — o lugar da pesquisa', contextualizando o Jardim Paraíso, em Joinville, o CRAS, o SCFV, trazendo referências para apresentar quem são os sujeitos desta pesquisa/dissertação (a terceira idade e os idosos).

'Pintar, bordar e escarafunchar memórias — oficinas em Artesania' é o terceiro movimento do estudo (3º Capítulo), onde se apresenta a metodologia desta e o universo de uma proposta-sensível-educativa, no contexto de um espaço de educação não formal. São relatos das narrativas produzidas, a partir das Artesanias como práticas educativas, que apresentam possíveis relações entre memória, identidade e cultura no universo da produção de conhecimento sensível e na contribuição para experiências intergeracionais.

Ao final, no quarto movimento 'Arrematar - pontuando/pontilhando costuras - algumas considerações' sinalizamos possíveis (des)dobramentos para este estudo narrativo.



2. PUNTEAR OS CONTORNOS – O LUGAR DA PESQUISA

2. PUNTEAR OS CONTORNOS — O LUGAR DA PESQUISA

Compreendo que a ação de escrever esta pesquisa/dissertação não encerra meu processo de busca em aprender sobre a vida. Pelo contrário, significa que estou embarcada nesta busca e nas possíveis descobertas. Por isso, o desejo de se tornar parte de uma pesquisa/dissertação também é um convite a adentrar neste lugar do desconhecido, tomar a consciência de ser modificada pela disponibilidade em perceber o novo e/ou de (re)conhecer o que já é ou não sabido.

De antemão aviso: a passagem para acompanhar esta viagem, o ingresso para esta pesquisa/dissertação é estar atento ao sentir. Tendo Benjamin (1975, 2012) como referência, posso dizer que estar por inteiro numa pesquisa significa tornar prática as ações e narrativas que, carregadas de significações, sinalizam nossas trajetórias de vida. Nesse aspecto, é preciso estarmos atentos, observando e criando significados em cada momento da pesquisa. A atenção e a observação são elementos indispensáveis. Sobre essa questão, Maturana (2014, p.83, [grifo nosso]) nos alerta que:

[...] devemos nos dar conta de que a conduta de um organismo é somente uma descrição que o observador faz de uma sequência de mudanças posturais (estruturais) que o organismo exhibe em relação ao meio em que é observado. Essas mudanças posturais são expressão da dinâmica estrutural do organismo e surgem com a participação do sistema nervoso quando esse existe. Dado que o observador distingue o organismo como um sistema que se move em um meio, conservando necessariamente sua correspondência estrutural (adaptação) com ele (Maturana, 1980; Maturana, Varela, 1984), o observador pode distinguir condutas que surgem no organismo associados as suas interações. É no contexto da associação entre conduta e meio, configurada por essa distinção, que habitualmente se usa a palavra *percepção*, supondo-se que tais condutas surgem da determinação do organismo (ou de seu sistema nervoso), no nível do encontro sensorial, por um objeto externo. No entanto, pelo que já dissemos, está claro que o fenômeno que se conota pela palavra **percepção** não pode consistir nessa determinação, mas **consiste**, isso sim, **em uma regularidade de conduta exibida pelo organismo em seu operar em correspondência estrutural com o meio**, e que o observador aponta como se distinguísse um objeto, ao associá-la à circunstância ambiental que a desencadeou.

Em complemento, Maturana (2014, p.85) esclarece:

[...] o fenômeno conotado pela palavra percepção consiste na configuração que o observador faz de objetos perceptivos, mediante a distinção de cortes operacionais na conduta do organismo, ao descrever as interações desse organismo no fluir de sua correspondência estrutural no meio.

Com isso, busco especificar que nossa ação não é uma manobra de busca para o reconhecimento automático, em que a percepção não vasculha a memória por identificação, na procura de efeitos úteis. Para Duarte Jr. (2010, p. 221), a percepção é de certa forma uma apreensão da realidade, seja na atenção dos “sentidos e auxiliar o seu refinamento, seja com base na miríade de estímulos e maravilhas disposta pelo mundo ao nosso redor, seja através dos signos que a arte nos provê [...]”

Desse modo, a questão da experiência se fortalece nesta pesquisa/dissertação. Visto que, conforme diz (Maturana, 2014, p.21): “todos os cientistas fazem ciência como observadores, explicando o que observam”. Com isso, entendo que um enunciado que se valha por uma explicação científica representa o domínio das experiências de um observador/pesquisador e/ou de uma comunidade de observadores.

A escolha pelo percurso metodológico surge/inicia quando acesso às pesquisas desenvolvidas/em desenvolvimento no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE. Mais do que debater autores e conceitos, o contato com ações para o desenvolvimento em outras pesquisas (entre)laçadas orientou minha atenção para que se mantivesse suspensa, de modo a me deixar perceber territórios, linhas, formas e forças, e, contudo, afinar a concentração necessária à questão desta pesquisa/dissertação.

Logo no meu ingresso no NUPAE, foram as ações (entre)laçadas, sustentadas em transversalidades e narrativas, presentes nas pesquisas/dissertações das pesquisadoras-membros: Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon, Daniela Cristina Viana e Karinna Alves Cargnin¹², um grande apoio para minha preparação à ação de aprender/intervir/aprender, descobrindo movimentos possíveis para uma pesquisadora/aprendiz.

¹² Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon, Daniela Cristina Viana e Karinna Alves Cargnin são pesquisadoras membros do NUPAE. Junto aos estudos do grupo, esse trio desenvolveu de 2014 a 2016 suas pesquisas/dissertações, de modo que suas ações possuíam em comum: a infância (crianças de 4 e 5

Da prática de produzir experiência num coletivo de pesquisadores, no qual a transversalidade provoca n-diálogos sem apagar diferenças, Strapazzon (2016, p.18) escreve que:

Foi nesse atravessamento artístico/educativo e de ensinar aprendendo ou aprender ensinando, e, viver aprendendo, que nos relacionamos sempre com muitas ideias, na busca pelo viés da educação com nossas distintas áreas de atuação: música, dança e artes visuais através das sonoridades. [...] Embora estivéssemos tratando de linguagens/expressões diferenciadas, foi impossível não nos atravessarmos umas nas outras por meio das linguagens/expressões.

A essa altura, você já deve ter desconfiado que somos pesquisadora e interlocutores produtores de dados, somos coletivo produzindo pesquisas/dissertações, acompanhando processos num campo de experiências. Também, presente nesta pesquisa/dissertação, está a contemporânea colega de mestrado e NUPAE, Letícia Caroline da Silva Jensen. Estamos todas (entre)laçadas em pesquisas que se conectam em suas singularidades e diferenças.

Letícia com o tema "Experiências sensíveis atravessadas pela literatura em espaços não formais de educação" conversou durante todo o percurso da pesquisa/dissertação com minha temática e meus interlocutores, por isso, estamos cá, nós todas, (entre)laçadas. Eu e ela partilhamos experiências, iniciamos juntas esta viagem sem fim, e, com isso, há vários pontos de contato em nossas ações de aprendizes/pesquisadoras e em nossas pesquisas/dissertações. Então, veja que não demora surgir por aqui alguma observação, sentido, voz ou escuta que tenha ligação com o *saber-fazer-saber*¹³, imbricado ao estar com Letícia em nossas ações de pesquisa. Com isso, apreendo que a experiência desta pesquisa/dissertação é um saber tramado no fazer. Ainda orientada por Maturana (2014, p.25), encontro o caminho metodológico no direcionamento que

anos), os campos de pesquisa: Colégio da Universidade da Região de Joinville — UNIVILLE e o Museu Casa Fritz Alt, as experiências com as artes e a cartografia. Por outro lado, suas escolhas destoavam nas linguagens/expressões abordadas nas respectivas pesquisas. Enquanto Mirtes enfatizava as sonoridades da música, Karinna as artes visuais (desenho e modelagem) e Daniela centrava-se nas questões relacionadas à dança (corpo/movimento) (STRAPAZZON, 2016).

¹³ No decorrer do terceiro movimento (capítulo), no item 3.5, apresento o detalhamento sobre o uso adotado para a expressão 'saber-fazer-saber' nesta pesquisa/dissertação.

escoa transversalmente do saber/fazer ao fazer/saber. Ou ainda, do conhecimento como resultado de “uma conduta adequada, uma conduta congruente a circunstância na qual essa mesma conduta se realiza”, constituindo-se entre experiências, portanto, tratando de conceber uma *pesquisa-viva*¹⁴.

Em busca do saber, suscitamos um mundo e vamos à procura do conhecimento com a observação e a experiência. Assim sendo, no acompanhar das pesquisas, do percurso dos últimos três anos do NUPAE, eu e Letícia visualizamos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, na unidade do Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, do Jardim Paraíso, em Joinville, um espaço habitado por uma situação social concreta.

Essa ideia se deu, mais precisamente, quando nossa atenção se prendeu a outro trio de pesquisadores nupaneanos, cada um deles envolto nas especificidades de suas correspondentes pesquisas/dissertações, mas juntos nas experiências no SCFV do CRAS - Jardim Paraíso. Tudo acontecia, mais ou menos, ao mesmo tempo, no mesmo espaço, de modo que: Ana Cristina Quintanilha Schreiber movia-se com ações em artes visuais; Leandro Campos Barrocas indagava sobre as questões de políticas públicas para os idosos; enquanto Hilda Natume atuava com as atividades de mediação cultural em musicalização (NUPAE, 2018)

Desse modo, foi durante o contato com o desenvolvimento desses estudos do NUPAE, no acessar algumas narrativas e entrevistas, com os grupos de pessoas atendidos no SCFV do CRAS-Jardim Paraíso, que adotei o grupo da terceira idade (enquanto a Letícia optou pelos adolescentes/jovens), pelo potencial de estar/configurar em experiência, para junto deles produzir minhas/nossas narrações científicas, contribuindo na investigação proposta por esta pesquisa/dissertação.

Antes de apresentar os novos participantes desta pesquisa/dissertação, vou trazer aspectos desse espaço-localidade. Então, como é o Jardim Paraíso em Joinville?

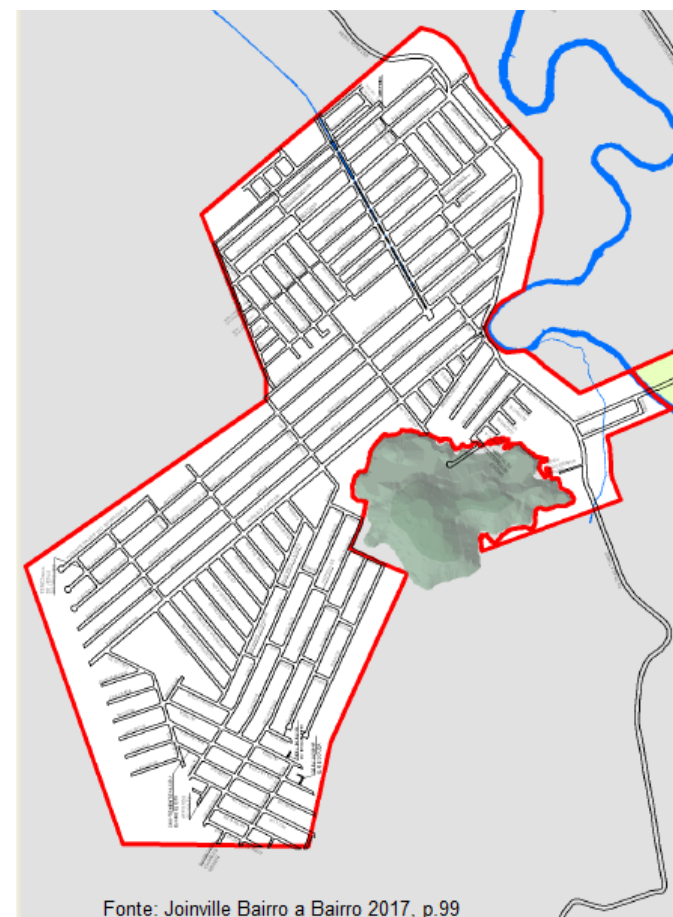
¹⁴ Pesquisa-viva surge da reflexão sobre a condição enquanto pesquisadores. Ou seja, somos seres vivos, humanos vivendo na linguagem, compreendendo a ciência na contrapartida da descrição do seu objeto de observação e, ao mesmo tempo em que desenvolve o seu observar. É uma atribuição à inesgotável relação entre viver e conhecer (MATURANA, 2014).

2.1. O espaço-localidade: Jardim Paraíso, em Joinville

Segundo informa a Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável de Joinville - SEPUD, em sua publicação *Joinville Bairro a Bairro 2017*¹⁵, o Jardim Paraíso, localizado ao nordeste da maior cidade catarinense, Joinville, próximo ao aeroporto Lauro Carneiro de Loyola, distante 10,16 quilômetros do Centro, possui área de 3,22 quilômetros quadrados, onde 82% do uso do solo é residencial, 4,8% de comércio e serviço, 13,2% de terreno baldio e quase não possui indústrias. Tem cerca de 5.763 habitantes por quilômetro quadrado, sendo 50,5% homens. A faixa etária de sua população está dividida em 38% até 17 anos, 57% de 18 a 59 anos e 5% acima de 60 anos. O rendimento médio mensal no bairro é de 1,16 salários mínimos (JOINVILLE BAIRRO A BAIRRO 2017, 2017).

O mesmo levantamento indica que o bairro foi constituído pela Lei nº 3.508, de 25 de junho de 1997. Pertenceu até 1992 a São Francisco do Sul, contando com a ocupação de lusitanos,

Figura 1 - Mapa do Jardim Paraíso, Joinville, SC



Fonte: Joinville Bairro a Bairro 2017, p.99

¹⁵ Joinville Bairro a Bairro 2017 é um levantamento elaborado e disponibilizado à consulta pública pela SEPUD e é fonte para alguns dados sobre o Jardim Paraíso. Disponível em <<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Joinville-Bairro-a-Bairro-2017.pdf>> Acesso em: 23 dez. 2017.

caboclos, germânicos e negros. Era chamado Cubatão, mesmo nome do rio da região, porém, mais tarde, foi batizado como Jardim Paraíso, pela imobiliária responsável pelos loteamentos que tomaram parte do seu território, quando sua estrutura foi separada em lotes nomeados por Jardim Paraíso I, II, III e IV (JOINVILLE BAIRRO A BAIRRO 2017, 2017; SCHWEBE, 2010). Apesar da baixa renda, cerca de 82% dos domicílios do bairro são de proprietários. Constituído de população imigratória, a maioria é proveniente do Estado do Paraná (JOINVILLE BAIRRO A BAIRRO 2017, 2017).

O relatório “*Joinville Bairro a Bairro 2017*” enumera o CRAS como um dos serviços de saúde mantidos no bairro, que conta também com seis Unidades Básicas de Saúde da Família - UBSF¹⁶. Ainda adiciona à descrição de sua infraestrutura unidades escolares, associações de moradores e o crescente investimento em saneamento e asfalto (JOINVILLE BAIRRO A BAIRRO 2017, 2017).

Esse é o contexto urbano onde vamos encontrar os outros participantes desta pesquisa/dissertação e serão justamente os idosos, mais adiante, quem concluirão tal apresentação.

E sobre o CRAS? Como se constitui esse lugar?

2.2. CRAS — Que espaço é esse?

¹⁶ Unidade Básica de Saúde da Família – UBSF é uma unidade de atenção básica em saúde que atua, por meio de equipes de Saúde da Família (ESF), na promoção da saúde, prevenção, diagnóstico e tratamento de agravos e doenças mais frequentes. Cada equipe é composta por médico de família e comunidade, enfermeiro, técnico de enfermagem e agente comunitário de saúde, e ficará responsável por acompanhar até 4 mil pessoas em determinada área geográfica. Neste modelo, a equipe se dirige até as pessoas para acompanhar suas condições de saúde e recomendar o uso de serviços de atenção básica. O cidadão também pode procurar a unidade de saúde espontaneamente (PREFEITURA DE JOINVILLE, 2018). Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/institucional/ubsf-jardim-paraiso-i/>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

Para responder a essa questão busco pelo Ministério do Desenvolvimento Social - MDS¹⁷. Em 2009, enquanto Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, publicou as “*Orientações Técnicas para planejamento, implantação e funcionamento dos Centros de Referência de Assistência Social – CRAS*”¹⁸.

Segundo a fonte, o objetivo do CRAS é:

[...] prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania (ORIENTAÇÕES TÉCNICAS: CRAS, 2009, p.9)

Por isso, seus serviços devem ser planejados sob o estudo das necessidades locais. Precisam estar instalados:

[...] prioritariamente, em territórios com maior concentração de famílias com renda per capita mensal de até ½ salário mínimo, uma vez que as vulnerabilidades sociais podem ser agravadas pela situação de empobrecimento das famílias (ORIENTAÇÕES TÉCNICAS: CRAS, 2009, p.34).

O documento Orientações Técnicas: CRAS (2009, p.12) indica que um dos fatores identitários assumidos pelo CRAS é a matricialidade sociofamiliar, indicando a “centralidade da família como núcleo social fundamental para a efetividade de todas as ações e serviços da política de assistência social”. No CRAS, as Orientações Técnicas: CRAS (2009, p.12) dizem que a

¹⁷ O Ministério do Desenvolvimento Social – MDS, quanto à atualização de sua nomenclatura, esclarece, nas informações publicadas em sua página institucional na internet, dizendo: “Em setembro de 2016, com a publicação da Lei 13.341, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, criado em 2004 para tratar da superação da pobreza e da fome, foi transformado em Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA). Com a medida provisória nº 782, de maio de 2017, o Órgão passa a ser nomeado como Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Disponível em: <<http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/institucional>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

¹⁸ Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf> Acesso em: 04 jan. 2018.

família: “é o conjunto de pessoas unidas por laços consanguíneos, afetivos e/ou de solidariedade, cuja sobrevivência e reprodução social pressupõem obrigações recíprocas e o compartilhamento de renda e ou dependência econômica”.

O CRAS é a única unidade que desempenha as funções de gestão da proteção básica no seu território e oferta do Programa de Atenção Integral à Família - PAIF. Todos os seus serviços devem estar articulados ao PAIF (ORIENTAÇÕES TÉCNICAS: CRAS, 2009).

Para os idosos, o CRAS representa, prioritariamente, a porta de entrada para acessar os Serviços e Programas Sociais do Governo Federal, por meio do cadastro do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. A Carteira do Idoso¹⁹ e o Benefício de Prestação Continuada - BPC²⁰ - são destaques entre os direitos que influenciam diretamente nas condições de autonomia dos idosos, segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (DOMICIANO, 2016).

Além disso, pelo CRAS, casa de referência e contrarreferência da rede de assistência social do país, os idosos podem ingressar no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV (ORIENTAÇÕES TÉCNICAS: CRAS, 2009). Segundo Rodrigues (2015, internet), o SCFV é: “um serviço da Proteção Social Básica do SUAS que é ofertado de forma complementar ao trabalho social com famílias realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI)”.

¹⁹ “Por meio da inserção no Cadastro Único, as pessoas com mais de 60 anos, que recebem menos de dois salários mínimos por mês, também podem solicitar o Cartão do Idoso no Cras do município. O documento garante passagens interestaduais gratuitamente — dependendo da quantidade de vagas — ou com desconto de, no mínimo, 50%” DOMICIANO (2016, internet). **Políticas sociais garantem dignidade ao idoso**. Disponível em: <<http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2016/setembro/politicas-sociais-garantem-dignidade-ao-idoso>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

²⁰ “[...] o BPC atende, atualmente, mais de 1,9 milhão de idosos. Para solicitar o benefício, o idoso deve ter mais de 65 anos e a renda por pessoa da família deve ser inferior a ¼ do salário mínimo” DOMICIANO (2016, internet). **Políticas sociais garantem dignidade ao idoso**. Disponível em: <<http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2016/setembro/politicas-sociais-garantem-dignidade-ao-idoso>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

Especificamente sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, o Ministério do Desenvolvimento Social mantém disponível e atualizado o documento de referência intitulado: “*Perguntas Frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV*”²¹. A publicação de 2016 assegura que são objetivos da oferta do SCFV aos idosos:

- Contribuir para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo;
- Assegurar espaço de encontro para pessoas idosas e encontros intergeracionais, de modo a promover a sua convivência familiar e comunitária;
- Detectar suas necessidades e motivações, bem como desenvolver potencialidades e capacidades para novos projetos de vida;
- Propiciar vivências que valorizem as suas experiências e que estimulem e potencializem a capacidade de escolher e decidir. (BRASIL. MDS, 2016, p.13).

O documento Perguntas Frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV (2016, p.16) observa que o SCFV tem especificidades determinadas a contemplar o ciclo de vida dos idosos. Deste modo:

[...] deve estar pautado nas características, interesses e demandas dessa faixa etária e levar em consideração que a vivência em grupo, as experimentações artísticas, culturais, esportivas e de lazer, bem como a valorização das experiências vividas constituem formas privilegiadas de expressão, interação e proteção social. As atividades com os participantes dessa faixa etária devem incluir vivências que valorizem as suas experiências e que estimulem e potencializem a capacidade de escolher e decidir.

De modo abreviado, o CRAS é uma unidade pública do SUAS, que abarca todas as suas ações relacionando-as com seu principal serviço, o PAIF, de onde deriva, de modo complementar, o SCFV. A partir disso, baseada no entendimento de que o CRAS é uma referência no bairro, acompanhando diretamente a comunidade e seu território na busca de garantir a cobertura das necessidades sociais básicas, pergunto: como é o CRAS Jardim Paraíso-Joinville? Como é sua comunidade e o seu território?

²¹ Perguntas Frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, 2016. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/perguntas_e_respostas/PerguntasFrequentesSCFV_03022016.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2018.

2.3. CRAS Jardim Paraíso-Joinville — comunidade e território

Até neste momento, eram meus desconhecidos: o bairro (território e comunidade), o Jardim Paraíso, bem como o espaço, o CRAS. Confesso que, sobre o CRAS, sabia somente aquilo que é básico — entendia ser uma unidade de assistência social. Da mesma forma, sobre o Jardim Paraíso minhas fontes eram as notícias, aquelas do tipo que correm de

boca em boca ou na imprensa local. Em Joinville, o ‘Paraíso’ é conhecido como um lugar perigoso, cercado pela criminalidade, e de um povo que luta contra a exclusão social.

Essa minha visão inicial sobre o bairro também é endossada pela percepção de outros pesquisadores que partilharam do espaço. Refiro-me à Schwede (2010, p.75) que, na “andança” pelo Jardim Paraíso, no desenrolar de seu percurso de pesquisa, olhava para “os micro lugares produtos e produtores de processos sociais e identitários”. Ou seja, buscava imergir no cotidiano do bairro.

Com isso, entre as ações, Schwede²² (2010,

Figura 2 - O CRAS - Jardim Paraíso



Fonte: Da autora, 2017

²² A dissertação de Schwede (2010): *O paraíso das crianças nas cidades dos príncipes*, ainda que de 2010, dá voz à comunidade e, entre narrações, palavras e imagens, nos possibilita conhecer um registro do Jardim Paraíso diferente daquele produzido pela administração pública. Em sua maior parte, a pesquisadora permitiu a produção da informação pela comunidade, fato que revela valor à realidade retratada, principalmente, quando deixa transparecer outra geografia do bairro, feita também de fronteiras internas e espaços vazios.

p.76) fez a análise de suas conversas com moradores sobre o “Jornal do Paraíso²³”, produzido no e sobre o bairro, pela Associação de Moradores, com apoio de alguns líderes religiosos, empresários e faculdade local, concluindo que a publicação: “mantém-se no intuito de mudar a visão que a comunidade tem de seu próprio bairro, bem como mudar a visão que a cidade tem do lugar, considerado por muitos como bairro violento”.

Desse modo, além de minha ideia original, apreendo que há um esforço coletivo da comunidade local em vencer o estigma de violência e criminalidade que a eles é comumente imputado, mas vamos retomar essas percepções, mais adiante, quando alcançaremos os sentidos atribuídos pelos idosos ao bairro.

Minha primeira visita ao CRAS do Jardim Paraíso ocorreu na entrega do projeto e encaminhamento dos documentos da anuência à instituição para esta pesquisa/dissertação. Acompanhada pela colega Letícia, fui recebida pela coordenadora e uma das instrutoras da unidade. Nessa oportunidade, coloquei todos os meus sentidos passeando por lá. Com isso, além de poder conhecer pessoalmente a estrutura da casa, o cenário do bairro em seu entorno, tivemos uma agradável conversa e uma importante experiência.

Nesse processo inicial de aprender/pesquisar, os sentidos vão se alargando, pois como afirma Duarte Jr. (2010, p. 175): “sentir o mundo consiste, primordialmente, em sentir aquela sua porção que tenho ao meu redor, para que então qualquer pensamento e raciocínio abstrato acerca dele possa acontecer a partir de bases concretas e, antes de tudo, sensíveis”.

²³ O Jornal do Paraíso é produzido como projeto de extensão em uma instituição de ensino local. É um periódico mensal, com cerca de 3 mil cópias distribuídas gratuitamente. Tem como objetivo: “Ser um meio, um espaço para a expressão dos moradores do Paraíso. Dessa forma, o projeto busca retratar o cotidiano e também as demandas da população, tendo um enfoque cidadão e proativo. Além de gerar uma visão crítica da conjuntura local a partir da leitura do próprio jornal, o projeto também desenvolve oficinas de texto e de fotografia com alunos das escolas e das entidades envolvidas. As pautas das edições são discutidas, escolhidas nas reuniões mensais do Conselho Comunitário e revisadas pelo Conselho Editorial do Jornal. Os textos são produzidos pelo aluno bolsista do curso de Jornalismo [...] e também pela comunidade, alunos, professores, líderes comunitários e integrantes de entidades do bairro. Disponível em: <<http://faculdade.ielusc.br/jornal-do-paraíso/>>. Acesso em 06 jan. 2018.

Numa abordagem narrativa todos os sentidos estão à flor da pele, nos transformamos em contadores de histórias e como dizem Martins, Tourinho e Souza (2017) (re)vivemos na prática de narrar aos outros e/ou a nós mesmos histórias de uma vida intrometida em outras vidas.

Ainda sobre a forma como vivemos a experiência e como a contamos, Clandinin e Connelly (2015, p.48) explicam: “a vida — como ela é para nós e para os outros — é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço, e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e descontinuidades”.

Faz-se importante esclarecer que a pesquisa narrativa se alia de modo muito adequado a esta pesquisa/dissertação, pois possibilita: “[...] identificar, documentar, tornar visíveis e publicamente disponíveis a diversidade de significados humanos para dar conta do vivido, do experimentado e do representado, e a multiplicidade de projetos de vida decorrentes deles como traços de horizontes de futuro” (SUÁREZ, 2017, p.11).

O conversar condensa o emocional com a linguagem, constituindo o modo de viver, a ontogenia do ser humano (MATURANA, 2014). A escuta, a espera, a atenção aberta ao encontro, o observar ao mesmo tempo em que descreve o observado, a narração. Os odores, as cores, os sons, os movimentos, os humores, a linguagem que saltam para a narração, consignando-a. Relevâncias de vidas conectadas aos conhecimentos sentipensantes (MARTINS, TOURINHO e SOUZA, 2017). São todos pequenos movimentos cíclicos de uma pesquisa-pesquisador que desde sua fase embrionária se retroalimentam inconscientemente até produzir sentido (STRAPAZZON, 2016). É um sistema vivo em sua dinâmica de devir, unidos ao adensamento causado pela transversalidade do pensamento.

No processo de minha pesquisa/dissertação, (entre)laçada com ideias de outras pesquisas, fiquei atenta durante a primeira visita no CRAS. Lembro-me bem o quanto a fala de nossas anfitriãs foi mobilizadora. Em todo o tempo cuidadosas, coordenadora e instrutora, estavam muito serenas e firmes nas informações. Elas narravam as vidas, um pouco das suas, na

formação do espaço, as outras que ocupam o espaço, um espaço de vidas imbricadas e entrecruzadas. Enquanto isso, com nossos sentimentos ao lado, tentávamos captar pistas.

Ficou perceptível que o sentido era de nos acolher e nos passar informações esclarecedoras do CRAS e dos grupos do SCFV, com bastante segurança. O CRAS desenhou-se como um tempo-lugar que, sobretudo, valoriza a convivência, em espaços de compartilhamento e socialização de pessoas.

Era uma casa/Muito engraçada/Não tinha teto/Não tinha nada/Ninguém podia/Entrar nela, não/Porque na casa/Não tinha chão. Os versos de Vinícius de Moraes, de certo modo, me transportam para a casa do CRAS. Apesar de ser um espaço de serviço público, onde nem todo recurso é suficiente, onde as muitas goteiras nos dias de chuva limitam as ações e fazem, com frequência, os móveis perambular pelas salas, fora da concretude de suas paredes, território ou mazelas, de todo modo, é uma casa ocupada, condensada num universo de experiências vividas, que está alocada e mantida virtualmente, principalmente por aqueles a quem se referencia. É um lugar e um tempo habitado e transitado por pessoas, que carregam consigo suas histórias. Aquele lugar (o CRAS) para cada um dos idosos tem seus próprios significados. É a experiência e o percurso de vida de cada um que os diferencia, ao mesmo tempo em que os fazem comum (LARROSA, 2016).

Então, vamos ao Jardim Paraíso, em Joinville, nessa unidade do CRAS, nessa casa muito engraçada, conhecer algumas pessoas que estão presentes nesta pesquisa/dissertação.

2.4. Os idosos – participantes desta pesquisa/dissertação

Figura 3 - Primeiro encontro com idosos no SCFV do CRAS - Jardim Paraíso



Antes mesmo de aportar meus pés no CRAS-Jardim Paraíso para encontrar com os idosos, sabia, pelas experiências de minha vida, que estar com eles acarretaria em trocas generosas. Pois, as experiências do novo e do vivido se reinventam nas misturas de memórias trazidas pela convivência. “Acontece que preciso de você para saber até onde chego eu” (MATURANA, 2014, p.49).

Desafiei-me a estar na terceira idade, descobrir seus interesses, seus cotidianos, sem procurar eleger homogeneidades. Desse modo, também selecionei vozes da teoria, algumas captadas no processo de balanço das produções, o estado da arte,

nas plataformas da CAPES, como a tese: “*Emancipação política e educação: ações educacionais para o idoso nas instituições de ensino superior públicas paranaenses*”, de Paola Andressa Scortegagna (2016), que por vezes orienta meus pensamentos pela relevância nas tratativas sobre a educação para os idosos.

Scortegagna (2016, p.8) resume: “[...] mesmo com limitações, a educação para a terceira idade contribui para a conscientização do idoso, podendo-se vislumbrar a emancipação política a partir da relação dialética entre educação, homem e sociedade”. O importante apontamento relacionando à educação ao idoso contribui para pensarmos que, apesar de essencial, ainda tem abordagem insuficiente em suas práticas e traz à tona outro termo importante presente neste plano de experiências que vai se moldando, refiro-me à educação não formal.

Como ressalta Gohn (2011, p. 14), a educação não formal: “é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade”.

São esses preceitos que encontro no CRAS-Jardim Paraíso, quando o reconheço como espaço de garantia da manutenção de sujeitos autônomos e emancipados, cuja formação cidadã aparece como pressuposto fundamental.

Ainda, se acomodar meus pensamentos concordando que:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser (BRANDÃO, 2007, p.13).

Sem demora, com auxílio de Maturana (2014), vou compreender que o ser humano é constituído por uma constante e nata mobilidade renovadora, alimentada da relação contínua do viver aprendendo a viver, princípio posto na obra de Freire (2015), e, com isso, não vejo como apartar a educação de alguma das fases da vida do homem.

Para contribuir, procuro saber o que é essa terceira idade, fase na qual o idoso é sujeito e a velhice aprisiona. Em qualquer classe social, a terceira idade chega estabelecida como uma categoria de dependência. O problema está quando a cultura de uma sociedade segrega os sujeitos acima de 60 anos²⁴ por julgá-los mais fracos e incapazes (BOSI,1994).

Infelizmente, é nesse entendimento que nossa história tem sido construída, sufocando os idosos dentro de sua condição de incapacidade imposta pelo tempo vivido, ou seja, pela velhice adquirida, ou ainda pior, pela sua baixa produtividade e, por consequência, crescente dependência. Nesse sentido, ainda temos resquícios da cultura ocidental, que compreende o idoso como ser improdutivo, em uma prática de desvalorização do velho, que anula suas habilidades cognitivas e físicas (BOSI, 1994).

Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem [...] Ser velho, numa sociedade capitalista, é sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor (CHAUÍ,1979 apud BOSI, 1994, p.18).

Almeida (1998, p.37) ratifica essa premissa, dizendo que: “[...] velhice, além de um complexo fenômeno bio-psicossocial, é um fato sociocultural”. Tal definição de velhice e a condição de afastamento, no sentido de segregação, é uma escolha de nossa sociedade. O autor ainda completa dizendo que esse tempo: “surge na passagem do século XVIII para o século XIX, quando a velhice passou a significar decadência. Até o século XVIII a velhice não era discriminada”. Quando isso se rompe? Explica o autor que: “[...] foi na esteira da Revolução Industrial e das suas consequências que a velhice começou a ser marginalizada” (ALMEIDA,1998, p.38).

²⁴ A Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a política nacional do idoso, estabelece em seu Capítulo I - da Finalidade, Art. 2º: “Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade” (BRASIL, 1994). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm>. Acesso em: 03 jan. 2018.

Porém, em muitas outras sociedades, os velhos são valorizados e, de acordo com Almeida (1998, p.37), possuem: “[...] importante função de garantir a reprodução simbólica, ou dos valores que respondem pela identidade do grupo. Transformam-se em ‘depositários vivos’, unindo o passado ao presente e auxiliando na projeção do futuro”.

No Brasil, o cidadão com mais de 60 anos completos é considerado idoso, ingressa na terceira idade e tem direitos garantidos, conforme o Estatuto do Idoso, instituído pela Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003 e a Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, criando o Conselho Nacional do Idoso e outras providências.

Entre as condições preliminares e a constituição de direitos fundamentais estabelecidos no Estatuto do Idoso, está posto, no artigo 46º: “a política de atendimento ao idoso far-se-á por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios”. Isso nos indica que no Brasil há a estruturação de uma rede intergovernos para assistência e atendimento dos direitos desse grupo da sociedade, bem como a generalização de espaços entre entidades públicas e privadas, que estão habilitadas a atender tais questões (BRASIL, 2003).

Desse modo, encontramos organizados os serviços e programas ofertados aos idosos pela assistência social, SUAS, de acordo com o já explicitado nesta pesquisa/dissertação, no item 1.2, sobre o CRAS. Porém, conforme identifica Scortegagna (2016, p.16), são ações: “apenas paliativas e não representam uma possibilidade real de mudança [...] diz respeito a questões de cuidado emergencial, mas não se pautam numa reflexividade sobre a condição humana na sociedade capitalista”.

Ainda sobre o Estatuto do Idoso, o documento traz, no capítulo V, composto pelos artigos 20 a 25 e parágrafo único, instruções para, respeitadas as condições de idade, que sejam promovidos o ingresso na educação, cultura, esporte e lazer. Assim diz o artigo 21: “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”. Ainda no artigo 22, promete uma inserção de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, numa adequação de currículos da educação formal para garantir a valorização e o respeito ao idoso. Nos artigos 24 e 25, os respectivos compromissos dos meios de comunicação e das

instituições de educação superior em manter espaços de informação e formação para esclarecer os processos de envelhecimento (BRASIL, 2003).

Ressalvo que o Estatuto do Idoso registra a necessidade de ação para preservação da memória e das identidades culturais, no parágrafo 2º, do artigo 21, capítulo V, relatando que: “os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais” (BRASIL, 2003).

Assim sendo, a legislação parece colocar o grupo que já ingressou na terceira idade como recurso para a preservação de nosso patrimônio cultural, para o qual os idosos alimentariam as memórias futuras. Mas, na prática, a maioria dos idosos de nossa sociedade estão à parte dela. Situam-se à margem, bem como lembra Bosi (1994, p. 76): “os velhos postos à margem da ação, rememoram, fatigados da atividade. O que foi sua vida senão um constante preparo e treino de quem irá substituí-los?”.

Nesse entendimento, contando especificamente com os termos do Estatuto do Idoso, inquieta-me a ideia de que haja ruptura mínima com a condição de desvinculação imposta pela sociedade (e, muitas vezes, até pelo próprio sujeito, mesmo que imperceptivelmente) ao idoso e à terceira idade, visto que as ações educativas são poucas e esparsas (SCORTEGAGNA, 2016).

Do mesmo modo, sem grande alteração na matéria, no que diz respeito à educação, a Política Nacional do Idoso²⁵ não acarreta alterações significativas além daquelas que observamos no Estatuto do Idoso. Suas providências já tratavam de modo

²⁵ Está estabelecido na Política Nacional do Idosos (Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994), em seu Capítulo IV - Das Ações Governamentais, Art. 10. Na implementação da política nacional do idoso, são competências dos órgãos e entidades públicos: Inciso III - na área de educação: “a) adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso; b) inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto; c) incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores; d) desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento; e) desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à

diminuto a educação para/com o idoso, de modo que, na maioria das vezes, não mencionou questões de educação sobre o idoso e o envelhecimento (BRASIL, 1994 e 2003).

Scortegagna (2016, p.97) fortalece que: “a educação por meio da aquisição e reflexão sobre os conhecimentos permite ao idoso não apenas observar-se enquanto um sujeito social, mas lhe oferece subsídios para o enfrentamento das contradições presentes em sua vida”. Por isso, uma emancipação política do sujeito, só poderá ser adquirida quando ampliado o acesso à educação — uma educação constituída por experiências significativas, emancipatória, refletida dentro de sua realidade sendo em qualquer fase de sua vida. Assim, adoto um viés que faz incremento nas propostas de educação para o idoso ou para o envelhecimento, visto que servem como fiança instrumentalizada para aquisição de conhecimentos, como alternativas para a (re)edificação de sujeitos políticos, sociais e culturais (SCORTEGAGNA, 2016; FREIRE, 2015, 2016).

Em tempo, destaco que, para atender cuidadosamente ao estudo com a terceira idade, optamos pela pesquisa qualitativa, seguindo a orientação de Flick (2004, p. 25):

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo-se parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diário de pesquisa ou em protocolos de contexto.

Foi justamente na ação/relação que aprendi a pensar a terceira idade, seguindo sinais nas expressões dos idosos, quando reunidos comigo e Letícia, nas práticas educativas no SCFV, no CRAS do Jardim Paraíso. Foram pistas que surgiram entre as narrações de uma lembrança e outra, na explicação de uma lenda, num pontilhar da costura, no cantarolar de uma

distância, adequados às condições do idoso; f) apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber” (BRASIL, 1994).

canção, às vezes vinda perdida lá da infância. Conforme orienta Maturana (2014), as memórias iam medrando, muitas vezes, intercruzadas com outras, tornavam-se uma grande rede de memórias coletivas. Estávamos sujeitos em assunção, onde o individual e o social se interconstituem (FREIRE, 2015).

Ao final, foram os idosos do grupo de SCFV do CRAS-Jardim Paraíso que me trouxeram o conteúdo para mergulhar na terceira idade, para poder pesquisar os compreendendo (estando com/juntos). Foram, ao todo, onze idosos que iam e vinham frequentando as oficinas de artesanaria, propostas como práticas educativas, nas oficinas/encontros desta pesquisa/dissertação. Nas oficinas/encontros do SCFV, no espaço do CRAS-Jardim Paraíso, éramos: eu e Letícia, acompanhadas por uma instrutora da instituição (quem nos dava certa assistência), e seu José, seu Pedro, seu João, seu Manoel, Dona Ana, D. Francisca, D. Terezinha, D. Soini, D. Ernestina, D. Rosa e D. Anita.

Logo, relatarei brevemente sobre cada um deles, mas, com certeza, vai ser em nosso próximo movimento (capítulo), no qual poderemos apreciar melhor suas potências. Onde também Bosi (1994), entre outros, virão auxiliar a explicação sobre a importância de lidar com essas memórias que neste texto já surgem latentes.

Desse modo, essa primeira apresentação se faz com pequenos trechos de textos que foram extraídos das anotações do meu caderno de experiências²⁶, acrescidos das fotos, que são também registros meus ou de Letícia, realizadas entre setembro e outubro de 2017, durante nossos encontros para as práticas educativas em artesanaria.

²⁶ A criação do termo caderno de experiências foi fundamentado conceitualmente nas discussões e pesquisas anteriores do NUPAE e em especial nesta pesquisa/dissertação, também, no terceiro movimento deste estudo, 'Pintar, bordar e escarafunchar memórias - oficinas em artesanaria', quando fundamento seu uso, referenciada pelas palavras de Clandinin e Connelly, 2015.

**José, 62 anos**

Sr. José manuseia um dos livros que levei com imagens do artesanato brasileiro. Localiza a figura de uma embarcação em uma das páginas e logo dispara contando da sua relação com o mar: 'o melhor lugar do mundo!'. (Res)surge o pescador.

**Pedro, 66 anos**

Sr. Pedro é um homem cheio de novidades. Quase sempre ao chegar nos atualizava com algum comentário do tipo: 'hoje a novidade é que o braço esquerdo está acompanhado de um novo incômodo na perna direita'. Mas, completava dizendo e gargalhando: 'até idade, quando demais, faz mal!'.

Fonte: Da autora, 2017

**João, 67 anos**

‘É bem bonito quando a senhora fala, mas acho que não vou conseguir fazer!!! Nunca fiz antes...Gosto mesmo é de jogar bola e saber sobre os times...essas coisas, sabe?’

Assim, sou informada de que ainda joga bola, é goleiro. Diz jogar bem.

**Manoel, 66 anos**

‘Que dia nublado.... Acho que não será um bom dia...estou com dor na perna, já comecei o dia assim...’. Conta seus problemas com a saúde e como ficou a vida após perder a visão há apenas sete anos.

**Ana, 64 anos**

D. Ana descreve que construiu, ela mesma, a casa onde mora. Pergunto detalhes, assim complementa: 'construí desde a fundação, com minhas próprias mãos'. Conta-nos que é artesã e que possui encomendas de crochê.

**Francisca, 64 anos**

D. Francisca, revela: “sou surda, escuto muito pouco. Sou analfabeta, não aprendi as letras. Sou sozinha, mas tenho e amo minha casinha!”. Interessada em saber mais, procura o CRAS para conhecer seus direitos e para socializar com outros idosos.

Fonte: Da autora, 2017

**Terezinha, 64 anos**

D. Terezinha, em nosso primeiro encontro, enquanto eu ainda tensa me apresentava, ela, respirando bem fundo, falava: “Importante! Muito importante! Para mim isso tudo já está sendo muito importante. Ainda mais falando de vó, falando de família”.

**Soini, 65 anos**

D. Soini nasceu na lavoura, no Rio Grande do Sul. Contou a vida desde a casa dos pais, o casamento e os esforços para criar os três filhos. Com um olhar bem vívido, D.Soini é dona de uma expressão que parece nos colocar no ambiente que narra.

Fonte: Da autora, 2017

**Ernestina (D.Tina), 71 anos**

D. Tina vende diversos produtos em uma infinidade de catálogos. Não é difícil encontrá-la ao telefone combinando algum outro afazer. Contou que já há algum tempo pertence e gosta de estar envolvida nas atividades de grupos de idosos. Como outras senhoras do grupo, é dona de uma conversa fácil e recheada de lembranças.

**Anita, 61 anos**

D. Anita parece encontrar no CRAS um refúgio. Quando pergunto, curiosa, sobre o que ela está pespontando no panô, prontamente, responde: “minha família! Minha casa! Como era antes, como me criei. É lugar que não vivo há mais de trinta anos”.

Fonte: Da autora, 2017



Fonte: Da autora, 2017

D. Rosa, 60 anos

D. Rosa sempre ganha voz quando o assunto é seu contexto — o campo, os ares da vida rural ou, ainda, das madrugadas de trabalho virando fumo.

Como o lugar da pesquisa deriva dos seus sujeitos, estamos todos aqui a puntear, dançar e costurar²⁷ em seus contornos. Em um inacabamento²⁸, vamos construindo um lugar pela e na experiência. De narrativa em narrativa, vamos nos constituindo também com o outro; já não somos mais os mesmos...E no que nos constituímos? Em ideias, valores, razão e emoção. Mas, por certo, como indica Maturana (2014), a racionalidade nasce na emoção. E quando nos encontramos numa abordagem narrativa, os sentidos se fazem mais intensos e histórias e experiências se inter cruzam, desvelando impressões da vida; em que realidade e sonhos se misturam ao presente/passado.

²⁷ Ao traduzir poesias de Rosalía de Castro, Bosi, substitui a palavra puntear, dando-lhe duplo sentido: costurar e dançar. Barbosa (1979, apud BOSI, 1994, p.13, Prefácio) diz: “Rosalía joga com os dois sentidos da palavra *puntear* que, em galego, tanto significa costurar como dar os passos da dança popular ‘moinheira’.

²⁸ “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 2015, p.50).

Faço a incursão por esses lugares (incluindo os autores) para estimar a artesanania como possibilidade de prática educativa. Assim, procuro refletir sobre a artesanania e o seu processo, independentemente de sua materialidade ou técnica, como um espelho que reflete, mas também dialoga com o meio social, experimentando-os nas dimensões de suas estruturas culturais e identitárias.

3. PINTAR, BORDAR E ESCARAFUNCHAR

MEMÓRIAS - OFICINAS EM ARTESANIA



3. PINTAR, BORDAR E ESCARAFUNCHAR MEMÓRIAS - OFICINAS EM ARTESANIA

Neste novo movimento (capítulo) que se abre, trazemos à tona nossa percepção/interpretação sobre experiências, ou seja, os sentidos desfiados por trás dos encontros em oficinas com os idosos, durante as práticas educativas e seus processos.

Nas oficinas/encontros, as artesanias foram referência e base fundamentais para nossas ações. Para tanto, perfilamos o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória e a nossa capacidade interpretativa. Nesse lugar, permanecemos atentas às narrativas de nossos interlocutores, às relações estabelecidas no grupo, envoltas de suas artesanias, alegrias e por vezes tensões, pois foram esses elementos que nos guiaram na pesquisa.

Como descrevem Clandinin e Connelly (2015, p. 121): “inevitavelmente pesquisadores narrativos experimentam esta tensão, pois a pesquisa narrativa é relacional. [...]. Esta tensão de mover-se retrospectiva e prospectivamente entre o completo envolvimento e o distanciamento [...] construída pelo pesquisador e pelos participantes”. Assim, no (entre)laçamento de nossas pesquisas/dissertações, Letícia e eu, organizamos e efetuamos nossas práticas no espaço do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, do CRAS-Jardim Paraíso. Eu, com os idosos, e Letícia com os adolescentes/jovens, mas sempre juntas/juntos, de modo a acompanhar, prestar apoio e aprender nas várias trocas do processo e construção de saber-fazer-saber, numa relação que estreitou laços afetivos entre pesquisadoras e pesquisados (interlocutores).

Para tanto, houve sempre cuidado no proceder, principalmente com a construção das práticas educativas. Pois, como advertem Clandinin e Connelly (2015, p. 120): “Quando pesquisadores narrativos estão em campo, eles nunca estão ali como mentes (sem corpo) registradoras da experiência de alguém. Eles também estão vivenciando uma experiência”.

Com a implementação de nossas ações, percebemos que, por muitas vezes, nossas percepções foram potencializadas ou garantidas por registros em diferentes suportes, tais como: filmagens para os registros em vídeo; fotografias para as

imagens; gravações para os diálogos; panô artesanal e caderno de experiências do pesquisador (ou caderno de campo) para reflexões sobre nossas práticas educativas e poéticas.

Dos meios utilizados para a produção de dados, o caderno de experiências representou significativa fonte de aprendizagem, pois é:

Nossa forma de falar sobre o que é considerado dados na pesquisa narrativa e tendo em vista que os dados tendem a carregar uma ideia de representação objetiva de uma experiência de pesquisa, é importante notar quão imbuídas de interpretação são os textos de campo.[...] [Mas,] os textos de campo, de forma bem relevante, também dizem muito sobre o que não é dito e nem notado (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p. 134).

O caderno de experiência para o pesquisador/aprendiz representa um outro lugar, um outro tempo, no qual em seu processo concebe outra maneira de reinventar novos modos de si. Ou melhor, o uso do caderno de experiência é possibilidade reflexiva e libertadora, na medida em que acolhe crivos de todos os modos pensados. Também cabem nele outras questões, tais como: memórias, sentidos, afetos e todas as provocações resultantes da experiência de selecionar aspectos diversos do campo de uma pesquisa (CLANDININ e CONNELLY, 2015).

Com base nesse entendimento, nesta pesquisa/dissertação, o caderno de experiência expressa a diversidade de acontecimentos nas oficinas/encontros de artesanias, revelando as práticas educativas com idosos, no espaço do SCFV, do CRAS-Jardim Paraíso. Por conta disso, deste ponto em diante, iremos recorrer a ele, para (re)tomar, (re)fazer e (re)significar momentos neste movimento (capítulo).

3.1. Grupos de Convivência no CRAS-Jardim Paraíso

Ao adentrarmos no território desta pesquisa/dissertação, atentamos que o SCFV, na unidade do CRAS-Jardim Paraíso, oferece em suas instalações, além de orientações e encaminhamentos psicológicos ou jurídicos, uma agenda de atividades para os idosos, distribuídas entre: encontros em grupos de convivência, oficinas de artesanato e ginástica. As ações são realizadas em dias alternados, com reuniões semanais e orientadas por servidores técnicos específicos.

Por outro lado, ao nos deparar com a expressão de motivos que levam esses cidadãos idosos a conviver e aprender no espaço do SCFV, ficou certo que buscam compreender o mundo e sobreviver à marginalização. Deste modo, o SCFV do CRAS-Jardim Paraíso mantém seus esforços para evitar o risco de vulnerabilidade social e, em alguns casos, atender ao fortalecimento dos vínculos com a família ou outros grupos de convivência social, que envolvam a vida dos seus assistidos em terceira idade.

Entendemos que, nesse acolhimento, por meio das atividades e orientações repassadas aos idosos, as práticas buscam e efetuem o desenvolvimento das potencialidades desses sujeitos, de modo a contribuir para que se tornem conscientes de seus direitos e deveres como cidadãos, instrumentalizando-os para o convívio social.

Nesse contexto, tomando o espaço em suas dinâmicas como território desta pesquisa/dissertação, habitamos um lugar de educação não formal, que, para Gohn (2014, p. 40), nos conteúdos: “[...] sempre há recriação, reelaboração interna, mental, de tal forma que o que foi aprendido é retraduzido por novos códigos, de dentro para fora, e ao se expressar como linguagem ou comportamento, é um conhecimento elaborado. Há, portanto, um grau relativo de autonomia do sujeito que aprende”.

Nessa lógica, as práticas educativas representam um exercício de resistência cultural e luta social, em um panorama em que as mídias globalizadas impõem novas formas de dominação, principalmente culturais, na conveniência do lucro. Isso afeta ainda mais os idosos, que frequentemente enfrentam toda sorte de marginalizações, incluindo as geradas pela acelerada

mudança tecnológica da informação. Por esse motivo, entendemos que a oportunidade de relacionar ações de educação não formal com a educação formal pode contribuir para o combate a marginalizações e auxiliar para que tenham mais confiança em suas ações como cidadãos partícipes da sociedade (GOHN, 2011).

A partir disso, consideramos que essa realidade suporta uma atualização no conceito de educação, de modo a alargar seus usos para além daqueles fundamentados no currículo da educação formal. São parcerias responsáveis que podem atuar em espaços periféricos, onde os cidadãos estão à margem, beirando a exclusão social. É nesse ponto que também está nosso investimento (GOHN, 2011).

Nesse caminho, na via de gerar consistência para nosso pensamento, constituímos e organizamos um mundo de práticas educacionais, inspirados em Freire (2015), na autonomia do sujeito que aprende a partir de sua realidade. De modo que agenciamos nossas oficinas/encontros de artesanaria nos permitindo acompanhar o pensar e encontrar sentidos nos lugares, para além da escola e da escolaridade.

3.2 Oficinas/encontros:
produções de pesquisa e
sentidos outros

A fim de confirmar
o sentimento inaugural de
nossas ações, no
encontro com os idosos,

E se? e se? e se, Oficina/ encontro confirmada, providências tomadas, materiais no carro, documentos e planejamento em mãos, tudo pronto para ir ao encontro. Mas, as possibilidades ficam pipocando na minha mente, nesta véspera, repetindo:

E se (...)? e se (...)? E se (...). Apreensão justificável, logo penso, pois quero ser essa educadora sem tantas verdades, sem certezas.

Desejo experienciar a educação que me apontam Larrosa e Kohan (2015, apud Masschelein, Šimons, 2015, prefácio), quando apresentam o ato de educar como sendo “essa experiência em gestos, [que] nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo” (extraído do Caderno de experiências).

busco, em meu caderno de experiências, anotações de setembro de 2017, feitas na véspera da primeira oficina/encontro.

Desde a primeira oficina/encontro, já percebíamos, eu e Letícia, que todos juntos (pesquisadoras e interlocutores) eramos produtores de conhecimentos e saberes. Em alguns momentos singulares e em outros coletivos, uma rede de vários fios, que se interligavam com suas histórias de vida, às vezes semelhantes e outras vezes diferentes. Estávamos disponíveis, conforme orienta Duarte Jr. (2010)²⁹, a perceber o mundo e a viver as experiências.

Alicerçamos a prática educativa na artesanaria, de modo que a base para nossas ações foram as possibilidades reflexivas por meio dos seus processos. Assim, o panô artesanal coletivo foi proposto como modo de expressão e experiência de compartilhamento de memórias, sentimentos, afetos, possibilitado no encontro de vidas em meio ao fazer e na tessitura de saberes.

Dessa maneira, a realização das práticas educativas no espaço do CRAS-Jardim Paraíso, com um grupo de 11 idosos, se constituiu em seis oficinas/encontros de Artesanias, organizadas em sucessivas semanas, para a criação de um panô artesanal que lhes representasse como sujeitos sociais e culturais.

A **primeira oficina/encontro**, em 5 de setembro de 2017, foi momento de conhecer pessoalmente o grupo de idosos e teve como objetivo a apresentação do projeto de pesquisa, das artesanias por mim expostas (produtos desenvolvidos por artesãos de Joinville e região e livros de referência do artesanato catarinense e brasileiro) e das providências com a documentação.

Na **segunda oficina/encontro**, em 12 de setembro de 2017, foi proposto aos idosos o início de uma peça em panô com a temática 'memórias', realizada individualmente. Cada idoso recebeu um quadro de algodão cru, de 30x45 centímetros, que serviu de tela para que pudessem criar a imagem que retratasse uma memória especial, usando qualquer material ou técnica artesanal.

²⁹ Em seu estudo, Duarte Jr. (2010) aborda o sentido e a educação pelo sensível apresentando formas pelas quais percebemos o mundo e as possibilidades para o desenvolvimento do conhecimento humano.

A **terceira oficina/encontro**, em 19 de setembro de 2017, teve como ação a continuação da construção da peça individual em panô. A **quarta oficina/encontro**, em 10 de outubro de 2017, foi destinada aos acabamentos nas peças individuais e primeiras ideias (planejamento dos idosos) para a montagem do panô coletivo, que se constituiu na construção de uma peça única, em que foram arranjados a união de todos os quadros de memórias construídos pelos idosos.

A **quinta oficina/encontro**, em 31 de outubro de 2017, se deu com a montagem do panô coletivo e o recebimento dos adolescentes/jovens (grupo em atividade de pesquisa com a Letícia). Esse dia oportunizou a aproximação entre duas gerações distantes que habitam o mesmo território.

Os jovens entrevistadores, acompanhados de Letícia, tinham como tarefa produzir um texto a partir da conversa com os idosos. As questões buscavam saber sobre suas vidas, filiação, origem, idade, família e profissões. Em vários momentos, surgiu a curiosidade dos adolescentes/jovens em compreender os significados contidos na produção artesanal, que o grupo de idosos ainda desenvolvia. Em outras conversas, o viver no bairro Jardim Paraíso apontava, curiosamente, outras possíveis aproximações nas experiências das distintas gerações.

Por fim, na **sexta oficina/encontro**, em 07 de novembro de 2017, realizamos a abertura de uma Mostra Artística das produções dos grupos (idosos e adolescentes/jovens), sendo exposto o panô coletivo e os textos produzidos pelos adolescentes/jovens a partir das entrevistas com os idosos e outras produções textuais (poemas). Em nosso encerramento, estivemos reunidos em um momento de confraternização e diálogo entre os dois grupos.

Na programação de nossas práticas educativas, as atividades conjuntas nos pareceram ser o fechamento mais significativo com idosos e adolescentes/jovens, pois a interatividade e as trocas de experiências são características de nosso pesquisar (entre)laçado.

As práticas educativas, nas oficinas/encontros, foram fundamentais para que eu e Letícia aproximássemos os dois grupos (idosos e adolescentes/jovens) por meio de experiências, mesclando os sentidos entre Artesania e Literatura. Esse

(entre)laçamento promoveu um importante diálogo, garantindo o encontro de saberes entre gerações, num compartilhamento de sentimentos, (re)afirmando identidades na revisitação aos vínculos socioculturais de seus criadores.

Compreendo que, ao descrever (em parte) movimentos do universo das nossas práticas educativas (as oficinas/encontros de artesanias), identifico multiplicidades em que cada sujeito tem seu tempo, com suas singularidades culturais. Estão lá, em meio à dinâmica de nossas oficinas/encontros, as velocidades; são os agenciamentos atribuídos pelos nossos tempos: tempos de pausa, tempos de ação. O agenciamento é como respirar, um fluxo do pensamento desses sujeitos, que hora são uno e, por vezes, são todos. Não demora também perceber que, nesse mesmo grupo de idosos, estão presentes vários únicos, então falamos de multiplicidades (MALDONATO, 2014).

Por isso, neste movimento (capítulo), temos mais uma oscilação dessa multiplicidade, em que sempre haverá um recorte, um retalho, uma fenda, um rasgo, um respiro dos múltiplos momentos, das nossas oficinas/encontros, na dinâmica de nossas práticas educativas.

3.3. Compreendendo o artesanato para além da técnica

Para iniciar a primeira oficina/encontro, separei num grande cesto objetos de minha vida como artesã: alguns produtos que me acompanharam no desenvolvimento em encontros com artesãos de Joinville (aqueles que eu sabia a história e seus significados), livros e o panô da turma em que realizei meu estágio de docência — Licenciatura em Artes Visuais. Todos os itens foram referências que levava comigo para a sala no CRAS-Jardim Paraíso. Tudo na tentativa de despertar no grupo de idosos algum desejo em participar ou, ainda, em firmar uma parceria de convivência entre nós pesquisadoras e eles.

Acima de tudo, estimava ser acolhida, pois queria estar junto/dentro/com, fazendo dos meus interlocutores, coautores dessa pesquisa/dissertação. Com isso, recorri a Geber (2015) em seu estudo “*As práticas educativas dos agentes culturais em*

um programa de educação integral”, quando evidencia as contribuições pelas práticas educativas realizadas por agentes culturais (oficineiros), em oficinas culturais, em que um dos saberes identificados é o artesanato.

Ao analisar as ações no campo de sua pesquisa, listando resultados, Geber (2015) indica a importância da sinergia estabelecida entre os partícipes, ou seja, aponta a existência de uma relação dependente entre os resultados auferidos e a qualidade da relação que se estabelece entre educador /pesquisador e aluno/sujeito.

Permiti que a aproximação com os idosos fosse o caminho. Então, para a recepção do grupo, combinei com a instrutora, na véspera, começar o encontro com o café da manhã. Apesar do lanche matutino ser prática comum, desta vez, numa mesa ao lado, teríamos uma pequena mostra de produtos artesanais e livros de referência sobre o artesanato catarinense e brasileiro, numa pequena exposição de artesanias. Na verdade, era tudo um pretexto para alargar com segurança minha apresentação e afiançar nosso envolvimento num diálogo.

Figura 4 - A exposição de artesanias mostra produtos e livros sobre o artesanato de referência cultural



Fonte: Leticia Jensen, 2017

Desse modo, assentei a minha atenção à espreita, disponível em se formar na (inter)ação com o outro. Assim estão as percepções nas primeiras páginas do meu caderno de experiências, no qual descrevo a nossa oficina/encontro inaugural.

Figura 5 - Dona Francisca



Fonte: Letícia Jensen, 2017

Ao desembarcar no CRAŞ, encontro D. Francisca, na feliz coincidência de ser eu, recém-chegada, a fazer sua recepção. Era para ela, também, o primeiro dia no CRAŞ. Foi em busca de uma atividade ‘para preencher o dia’, como me contou. Interesse-me em ouvi-la, pois estava ansiosa e, prontamente, sem pausa, descrevia suas expectativas com as atividades para os idosos do CRAŞ. Ela sabia, por uma amiga próxima, como eram as ações e acreditava que os diversos fazeres das oficinas e as recomendações em direito e saúde do idoso prometiam ser essenciais para os cuidados com seus dias futuros.

D. Francisca é cristalina, com fala mansa e um olhar miúdo, quase envergonhado, logo revela: ‘sou surda, escuto muito pouco. Sou analfabeta, não aprendi as letras. Sou sozinha, mas tenho e amo minha casinha!’

Com a grandeza dela, nessa apresentação breve, se revelava toda uma existência, esta senhora faz a abertura do primeiro contato com meu universo de pesquisa, mesmo que eu ainda estivesse com as mãos carregadas de materiais, na porta do CRAŞ (extraído do caderno de experiências).

D. Francisca me traz esse *algo* que eu esperava encontrar, uma alegria/inquietação. Esse encontro me constituiu como pesquisadora e interlocutora da pesquisa. É como diz Larrosa (2001, p. 39): “Só lendo (ou escutando), [...] alguém se faz consciente de si mesmo. Só escrevendo (ou falando), [...] alguém pode fabricar um eu”.

Atenta às falas, indago: o que D. Francisca está narrando? O que significa se apresentar assim? Seriam provocações para nos fazer pensar em quantos paralelos estamos em um só momento?

Da emoção visível do nosso encontro, em que a *sensibilia*³⁰ pulsa no olhar vivo, na pele corada, no tom da fala empolgada em que tudo parece muito significativo e assertivo, também há, no mínimo, um outro discurso, aquele nas palavras escolhidas por ela, para se apresentar, quando diz: ‘sou surda, sou analfabeta, sou sozinha, mas...’. Como quem enfrenta um contexto de opressão, estando à margem da sociedade, aprendendo na prática de sua terceira idade, na tentativa de justificar a dignidade em cuidar de seu futuro.

Logo no primeiro dia, na grande sala do auditório do CRAS-Jardim Paraíso, a hora do encontro surge e o grupo se avoluma, um a um vão surgindo. Envolto na conversa, no café, no artesanato e suas artesanias, os idosos foram se apontando, identificando-se e desenhando o cenário de suas relações, numa conversa que se desenrolou fluente, ativa e interessada.

Desse instante, tomei nota no caderno de experiências:

³⁰ *Sensibilia* é termo do latim com sentido sinônimo de sensibilidade. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/sensibilia/8934/>>. Acesso em 20 fev. 2018.

Logo de início, apresento a minha história de infância: a relação com minha avó e as nossas produções artesanais. Faço uma narrativa, descrevendo a máquina antiga, as peças de retalho, as coisas que gostava de fazer. Fui contando como cresci enredada no artesanato e acompanhada da família (minha avó e minha mãe).

D. Terezinha faz uma reflexão comentando (emocionada) que já gostava da conversa, pois lembrava também da avó e da família.

Na sequência, começo a apresentar os produtos da mostra, todos produzidos artesanalmente. Inicio pelo Igor, um boneco de pano que representa os imigrantes suíços, primeiros moradores de Joinville. Conto a história da produção dele e tudo que representa para Aurea, artesã que o desenvolveu.

Sendo o Igor colonizador, despertou muita identificação com esse grupo de origem rural e migratória (80% é natural do Paraná).

Seu Pedro diz: 'Estamos aqui e queremos ouvir toda essa história!'. Muito sério, fala de um modo que assegura o interesse de todo o grupo naquele instante (extraído do caderno de experiências).

Figura 6 - Eu, D. Rosa e D. Terezinha



Fonte: Letícia Jensen, 2017

Figura 7 - Sr. Pedro atento à minha fala sobre as Artesanias



Fonte: Letícia Jensen, 2017

Importante apontar que desenvolvemos um diálogo, visto que foi por meio da descrição dos elementos das Artesanias, colocados no centro de nosso encontro, que o grupo de idosos acessou memórias, (re)significando passagens de suas vidas. A linguagem (fluxo pulsante desse encontro) elucidou quem eram sujeitos e grupo, assumindo suas identidades nas produções ponteadas entre tecidos, fios e agulhas, mas, principalmente, nas narrativas.

Figura 8 - Igor: o imigrante austríaco, colonizador de Joinville



Fonte: Letícia Jensen, 2017

3.4. Revisitando Memórias

Tomados de memórias e sentimentos, colocamos a Artesania além do modo de confeccionar. A partir de Petrykowski Peixe et al. (2014), compreendemos que ela é o produto e a reflexão de sua processualidade ao fazer. Com auxílio da pesquisa de Christovam Hoffman (2015) e a reflexão que vem de nossas oficinas/encontros, identificamos a artesanaria, sobretudo, como ato que permite ao criador se (re)constituir ou, ainda, se (re)inventar nas suas feitura.

A memória não é uma ocorrência que chega ao idoso³¹. Bosi (1994) nos ajuda a compreender que, pelo contrário, é evocada por ele. É um processo ativo, em que procura, até mesmo questiona outros idosos em busca de confirmação sobre o detalhamento delas. Desse modo, a memória está relacionada ao processo de ontogênese e à definição de uma realidade individuada. Podemos dizer ainda que a memória está num movimento entre presente/passado/presente, sempre em contínua (re)significação.

Os idosos, mais do que outros sujeitos, se ocupam longa e atentamente do passado, especialmente pelo percurso percorrido por mais tempo, acolhendo referências de famílias e de culturas. São resultados, construções de memórias, visualizadas em cenários diversos (BOSI, 1994).

O que colocamos em destaque é que para o idoso a memória é um processo consciente, vinculado a um devir sucessivo de sua individuação, sendo construído ativamente, sem a ideia de sonho ou fuga. A memória, portanto, está articulada às experiências cotidianas. Pela sua trajetória, o idoso reconstrói com a memória um plano de fundo mais carregado das culturas e relações sociais por onde possa ter vivido. Com isso, apesar de sua capacidade de memorizar parecer ser

³¹ Este entendimento foi gerado a partir de Bosi (1994) quando cita que foi Halbwachs quem considerou excepcionalidade o caráter onírico da memória. Referindo-se a Halbwachs, Bosi (1994, p.55) escreve: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

motivo de prestígio ou de orgulho, suas memórias podem estar acometidas de padrões ideológicos, preconceitos e preferências, impostos pela sociedade em outros tempos, criando um distanciamento com a atualidade (BOSI, 1994).

A manifestação de D. Francisca, D. Terezinha e seu Pedro, na oficina/encontro, indica que nas narrativas estão manifestadas as suas leituras de mundo, (re)significando o seu vivido, o que lhes acontece e o que lhes constitui. Aqui, concordamos com Bosi (1994, p.64), quando lembra que: “a matéria-prima da recordação não aflora em estado puro na linguagem do falante que lembra; ela é tratada, às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado”.

Figura 9 - Artesaniando a vida – quando o encontro com o artesanato conta mais do que a técnica



Fonte: Letícia Jensen, 2017

Ao saber da vida e dos processos pelas artesanias apresentadas, os idosos do CRAS foram revisitando e fazendo ligações entre suas memórias, construindo narrativas que elucidam que sujeito é esse idoso; o que é ser idoso; o que é ser idoso naquele grupo; o que é ser grupo de idosos no CRAS; e o que é ser território e comunidade no Jardim Paraíso.

Por isso, pela linguagem, enquanto acesso cada um do grupo, suas dinâmicas e outros lugares, também encontro traços e movimentos formativos das questões de sua própria identidade e cultura.

3.5. O tecer de redes entre memória e identidade

Para a segunda oficina/encontro, no dia 12 de setembro de 2017, mantive a percepção preparada para captar o que pudesse estar além do que fosse visível. Segui orientada por Benjamin (2012), especialmente no que se refere às narrativas dos idosos com suas histórias de vida. Nas oficinas/encontros, fui construindo com razão, emoção e vida o entendimento que me formava pesquisadora/aprendiz.

Foi no (entre)cruzamento de pesquisadoras, interlocutores e pesquisa que as ações e aprendizagens brotavam nos constituindo pesquisadoras reciprocamente (eu e Letícia). Então, confiantes, ampliamos nossos olhares no aprender-estar-pesquisando com os idosos e adolescentes/jovens, respectivamente, nesse espaço que privilegiava a convivência no CRAS-Jardim Paraíso.

Permaneci com a postura de pesquisadora/aprendiz e, além da exposição de artesanias (organizada na primeira oficina/encontro), com a participação de Letícia, montei uma mesa de trabalho, com diversos retalhos de tecido e feltro, fitas, botões, miçangas, agulhas, tesouras, colas e fios. Tudo arranjado para ser um convite atrativo ao atrevimento de experimentar o desconhecido. Para nos situar, recorto algumas anotações do caderno de experiências, de 12 de setembro de 2017:

Figura 10 - Mesa de trabalho – começando a segunda oficina/encontro



Fonte: Letícia Jensen, 2017

Eles iam chegando, anunciando seu dia e se acomodando. Alguns tomavam café e outros não deixaram a conversa que já se enredava. Enquanto isso, eu ia cortando os quadros de tecido de algodão cru para começar a construção do panô (a ideia era distribuir um retângulo, de aproximadamente 30x45 cm, para cada idoso).

Entre um comentário e outro havia no silêncio aquela dúvida que pairava no ar: 'O que vamos fazer aqui hoje?'

(extraído do caderno de experiências).

No auditório do CRAS, aquela manhã começava arrastada. Eles chegavam aos pouquinhos. Já tinha ouvido falar que atrasos eram comuns, mas a maioria estava sempre lá. Mesmo assim, o momento me fez lembrar até uma entrada ensaiada, aquelas cenas em que cada personagem vai adentrando por vez a sala de espetáculo e faz sua fala de abertura.

Sem demora, começamos a retomar nossa conversa da oficina/encontro anterior e, deste modo, iniciar as práticas educativas por meio dos elementos da artesanaria.

Foi assim que conheci o Sr. José, naquele instante em que se apresentou como pescador. Tinha a empolgação de um menino diante do revisitar de sua memória, o que mobilizou meu entusiasmo em observar que suas memórias desenhavam identidades. Construindo a narrativa de seu passado, Sr. José nomeava lugares, pessoas, barcos, peixes e tudo mais que preenchia de sentidos suas memórias.

Coloco um boneco, 'o Caiçara', sobre a mesa, fato que deixou Sr. José muito curioso, mas quase não falo dele. Sigo para outro assunto (pensava em falar do que poderia se produzir em panô), quando, num salto, Sr. José me pergunta sobre o boneco com o peixe.

Surpresa com a expressão de curiosidade no olhar do senhor, retorno. Como fiz com o Igor, conto toda a sua narrativa: quem fez e as significações do produto para o seu produtor.

Então, ele dispara contando da sua relação com o mar. Confessa: 'o melhor lugar do mundo e eu nem me lembrava mais!'. (extraído do caderno de experiências).

Figura 11 - Sr. José artesanando as memórias de pescador



Fonte: Da autora, 2017

Apresento o Caiçara quase que num bate-papo combinado, fazendo um paralelo com a narrativa que Sr. José vai construindo. Ele nos conta à medida em que a memória vai lhe mostrando como era ser pescador embarcado.

Ele fala de barcos e de peixes e parece muito feliz (entusiasmado), como se tivesse despertado uma memória muito importante, admite: 'quase nem me lembrava!'.

Ao final, as mãos se embrenham na atividade transformando felpudo e fios em símbolos e significados, enquanto o rio vira assunto, entre todos, na memória de pescarias, afazeres da vida adulta e brincadeiras de infância (extraído do caderno de experiências).

A atividade, por ser força motriz do humano, também é o que movimenta esta pesquisa/dissertação (MATURANA, 2014). Para seguir, retomo à ideia posta no segundo movimento (capítulo), quando o autor comenta que os caminhos metodológicos são constituídos do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber, num viés transversal.

Compreendo aqui, a pesquisa como sendo pesquisa-vida ou, como nos fala Maturana (2014), pesquisa-viva, em que ao mesmo tempo que vivemos conhecemos e vice-versa³². A partir dessa ideia, adoto a expressão '*saber-fazer-saber*', como um ciclo vivo, de uma força formativa que parte do saber na experiência, indo até a experiência do saber e que, novamente, retroalimenta o saber na experiência.

Nesse sentido, nesta pesquisa/dissertação, no fomento ao *saber-fazer-saber*, transmite-se pela linguagem³³ memórias aprontadas num exercício geracional que intercala o sujeito ao social, construindo um movimento em educação, trazendo a experiência sensível como potencializadora do humano. Esforço referenciado em Freire (2015, p.51), quando afirma que: “[...] quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador e apreendedor, transformador, criador de beleza e não ‘espaço’ vazio a ser enchido por conteúdos”.

Essa prática educativa, corporificada na oficina/encontro, teve na artesanaria a construção de outros saberes, (re)significando memórias individuais e coletivas (social). O sujeito (individual) e o coletivo (social) se apresentam de acordo com o sentido posto por Maturana (2014, p.49), ou seja: “o que eu digo é que os indivíduos em suas interações constituem o social, mas o social é o meio em que os indivíduos se realizam como indivíduos. [...], [portanto, individual e social] são mutuamente gerativos”.

Por meio das artesanarias, todos nós, pesquisadoras e interlocutores/coautores, nos colocamos disponíveis, mantendo durante a oficina/encontro vários movimentos. Entre esses, por vezes, experimentávamos a construção de um novo produto artesanal e/ou a percepção e construção de (re)significações a outro artesanato já produzido. Havia também, numa espécie de movimento inverso, momentos em que as artesanarias pareciam nos (re)produzir. Digo isso porque esses movimentos foram

³² Graciano e Magro (2014, p.33) registram que: “Maturana afirma que *conhecer é viver, e viver é conhecer*”.

³³ Neste estudo, empregamos “linguagem”, de acordo com Maturana (2014, p.200), como “coordenadas consensuais de conduta” ou, ainda, como o autor completa: “Daí que a linguagem, como processo, não tem lugar no corpo (no sistema nervoso) de seus participantes, mas no espaço de coordenadas consensuais de conduta que se constitui no fluir nos seus encontros corporais recorrentes” (MATURANA, 2014, p.200).

produzidos em linguagens e expressões, em modos de conduta, principalmente em narrativas, em que foi possível encontrar, na descrição de características próprias do artesanato, o reconhecimento de elementos da cultura. Compondo ações, assim como diz Freitag (2015, p.64): “importante[s] na constituição da[s] identidade[s] [tais como]: expressão da espiritualidade, das crenças, dos rituais e dos sistemas simbólicos de uma determinada sociedade”.

Sr. José, ao se identificar pescador, nos presenteia com esse entendimento de nossos movimentos na ação/relação desta pesquisa/dissertação. Algo naquele caçara, em sua artesanania, desencadeou uma memória adormecida, que se (re)inventa na oportunidade de partilhar no grupo sua experiência, quando a memória conversa com outras memórias. Mas, o Sr. José pescador segue além, ao desencadear outro movimento, justificado na ação que (re)afirmava sua identidade restaurada, quando resolve desenhar e pintar, criando, a partir das cenas de sua experiência, construindo o panô artesanal. Em sua artesanania, se ocupou em detalhar, em força e forma, a representação do que julgou ser o melhor em sua vida.

Em suas narrativas, o Sr. José abstrai de suas memórias o que lhe é mais significativo e nesse movimento (re)significa história, realidade e imaginação. A artesanania, nessa trama de linhas (inter)cruzadas, torna palpável e ao mesmo tempo obscura a vida (entre)laçada ao objeto (produto) e ao sujeito (indivíduo). Benjamin (2012, p. 221), sobre essa questão, afirma que: “a narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão — no campo, no mar e na cidade — é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”.

Assim, nas práticas educativas, por meio da artesanania, pelo viés da experiência sensível, oportunizamos um ‘encontro’ de corpos conscientes entre os idosos. Freire (2015) nos provoca quando diz que mente e corpo estão à disposição da experiência, envoltos no *saber-fazer-saber*, em que as memórias despertadas mobilizam a socialização, a educação e a formação cultural. Nessa perspectiva, as aprendizagens podem acontecer quando, conforme explica Duarte Jr. (2010), empregamos toda nossa sensibilidade como fonte na construção das significações. Deste modo, preenchemos de sentidos os

(entre)meios (inter)gerativos do individual e social, finalizando no fortalecimento de suas (re)construções identitárias e vínculos culturais.

3.6. Memória e identidade

Assim, eis que a memória floresce novamente no percurso deste caminhar narrativo. De início, relutava em olhar para ela. A teimosia me fez dar voltas e, por vezes, a dúvida me levou a assistir repetidamente as cenas das filmagens de nossas práticas educativas. Outra surpresa foi a poesia que me acalentou e finalmente percebi que é a memória quem costura tudo em nossa experiência.

A memória é a costureira, e uma costureira caprichosa. A memória faz a agulha correr para dentro e para fora, para cima e para baixo, para lá e para cá. Não sabemos o que vem a seguir ou o que virá depois. Assim, o movimento mais comum do mundo, como o de sentar-se à mesa e puxar para si o tinteiro, pode agitar mil fragmentos díspares e desconexos, ora brilhantes, ora embaçados, pendendo, flutuando, mergulhando, tremulando, como a roupa branca de uma família de 14 pessoas numa corda ao vento. Em vez de serem uma obra simples, clara, firme, da qual nenhum homem necessitasse se envergonhar, nossos atos mais comuns estão envoltos por um trêmulo e vacilante bater de asas, um acender e apagar de luzes (WOOLF, 2011, p.35).

Fisgada nesse instante, na expectativa de relacionar as reações diante da experiência desvelada nesta pesquisa/dissertação, apoio-me em Izquierdo (2011) para compreender os processos de memória, e em Candau (2016) para buscar o entendimento sobre a ligação entre memória e identidade, apontando alguns possíveis (entre)cruzamentos.

A memória é como uma narrativa do passado (re)significada sobre uma perspectiva do presente, constituída na seleção entre lembranças e esquecimentos. Desse modo, no instante do (re)visitamento de uma memória, seu autor não rememora integralmente o passado. Com isso, a capacidade de mutação e volatilidade da memória ao mesmo passo que pode, a cada instante, renovar e alterar seus perfis, também pode comprometer a manutenção de certas referências e identidades. É como

esclarece Candau (2016, p. 16): “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento”.

Candau (2016) nos alerta, ao relacionar tanto o nível individual quanto o coletivo, que a manutenção, restituição ou perda de memórias, implicam, simultaneamente, a correspondente manutenção, restituição ou perda de suas identidades. Em outras palavras, afirma que o alimento das identidades dos sujeitos está em suas memórias.

Ainda, nesse caso, podemos dizer que a memória não é uma simples caixa de guardados. De acordo com Izquierdo (2011, p.9), a memória significa: “aquisição, formação, conservação e evocação [lembranças ou recordações] de informações”. Portanto, a aprendizagem faz manutenção em seus componentes. Com Izquierdo (2011), se pode verificar que na ocasião da ação, no momento presente do seu desencadeamento, atualizamos a memória e, com isso, tornamos o passado novo em amplo sentido, pois pode estar renovado ou ter uma novidade incorporada. Contudo, o presente efêmero já é passado, mas também nesse ínterim planejamos o futuro, numa relação de afeto consigo mesmo.

É o conjunto das memórias que atribui ao sujeito a qualidade de ser único. Como sujeitos, todos temos memórias e enquanto podemos acessá-las mantemos as condições de nos

Figura 12 - Sr. José observa a pequena baleeira desenvolvida por artesão



Fonte: Da autora, 2017

identificar. Por isso, a memória está presente nas questões que definem quem somos e o que dizem nossas identidades (IZQUIERDO, 2011).

Nessa perspectiva, Izquierdo (2011, p.14) afirma que as memórias são feitas por neurônios, armazenadas e evocadas por redes neuronais. Mas, ainda: “são moduladas pelas emoções, pelo nível de consciência e pelos estados de ânimo”. Isso nos auxilia a ter noção de sua constituição e funcionamento. Para Candau (2016, p.19): “de fato, memória e identidade, se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”.

Tomando a orientação de Izquierdo (2011, p.14), temos que: “os maiores reguladores da aquisição, da formação e da evocação das memórias são justamente as emoções e os estados de ânimo”. Por isso, podemos concluir que, em nossa ação/relação, durante a oficina/encontro de artesanaria, algo serviu de gatilho para despertar as memórias do Sr. José em suas práticas como o pescador que fora. As cenas de marinha que ele fez questão de desenhar e pintar, na execução de seu panô artesanal, vieram acompanhadas de sentimentos importantes que renovaram a potência de algumas de suas identidades apagadas.

O fato de estarmos entrosados, em grupo, comentando sobre o personagem — o Caiçara pescador —, permitiu a cada idoso revisitar suas relações com o mar, com o rio, com o peixe, com a pesca ou com qualquer outra aproximação que fizesse parte de seu cotidiano. Isso não significa que ficamos a unificar as memórias e/ou as respectivas identidades renovadas pela ação, pois cada memória é singular, embora possam se atravessar umas nas outras.

Até mesmo se nosso propósito fosse determinar uma identidade cultural a esse grupo, seria importante considerar que as estratégias das memórias dos membros são mais sutis. Em suma, são várias as suas representações como membros de

um grupo, por isso, a dificuldade em determiná-las a partir de uma condição de extrema igualdade. No geral, são definidas pela sua maioria (CANDAU, 2016).

3.7. O ser idoso como construtor de identidades

Nessa mesma oficina/encontro, outros diálogos apontaram que o principal fluxo na interação do grupo era a trama identitária com dissemelhantes. A maioria de suas expressões procurava apresentar o que é ser idoso, sempre recorrendo às memórias que os descreviam, ao mesmo tempo em que os estabeleciam como pessoas de direito. É importante ressaltar que estávamos com um grupo de idosos assistidos pelos serviços do CRAS-Jardim Paraíso que, à medida em que acessavam os benefícios ofertados pelo Sistema Único de Assistência Social – SUAS, compreendiam que, apesar do processo de envelhecimento, não deixavam de ser sujeitos sociais (DOMICIANO, 2016).

Por isso, o debate em torno da questão do envelhecer, muito frequente nesse grupo, sempre aflorava na identificação que difere o velho do idoso. O idoso, ao contrário do velho, é sujeito participante, protagonista em aprendizagens e construções sociais e culturais (NATUME, 2018; SCHREIBER, 2018). De todo modo, a identidade desenhada diante da aquisição de idade nos leva a refletir com eles o que é envelhecer.

Mesmo cientes de tais definições, a reflexão em torno da maturidade não gerou um único perfil, sendo influenciada, muitas vezes, pela causalidade e/ou pela coincidência. A atividade em grupo (artesanando a vida) foi espaço para que essas diferentes identidades, cada qual no seu ritmo e modo, (re)surgissem apoiadas na linguagem, principalmente nas narrativas, nos revisitamentos de memórias e na atenta e mútua confiança que um espaço de educação pode assegurar.

Momento oportuno para pensar que nesse tempo-espaco-lugar que vivemos, de modo diferenciado e todos ao seu ritmo, respeitadas as subjetividades, todo ser humano que, na condução de sua vida, ao envelhecer e ultrapassar os sessenta anos de idade, se perceberá convidado a aderir à nova condição, a sua identidade de idoso. Papel esse que acaba por ser limitado e/ou definido pelas suas relações socioculturais.

Na vivência da vida, o envelhecer é mudança atada a nossa estreita relação com o tempo. Assumir ser idoso é ter consciência do seu envelhecer. Porém, essa criação de si está no tempo, no agora, no momento presente que define o conhecido, por outro lado, pela natureza do fluxo, estará sempre fadado a ser (re)atualizado (MALDONATO, 2012).

Esse tic-tac dos relógios
é a máquina de costura do
Tempo a fabricar mortalhas.
(MÁRIO QUINTANA, 1998)

A conversa segue descontraída, quase todos falando da dificuldade que o Sr. Pedro tem nos dedos de uma das mãos, mas ele logo desconversa, dizendo: ‘tudo bem, isso faz parte!’.

Sr. Pedro, na verdade, está mais preocupado em aproveitar a atenção do grupo para fazer um comentário com o colega, Sr. João. Agora, posso perceber que ele parecia estar ensaiando a fala já do caminho de casa até o CRA\$.

Ele tem fala alta e clara e pergunta ao colega: ‘quando pega uma certa idade é aumentativo ou diminutivo?’ Repete a pergunta de modo a deixá-la bem clara.

Sr. João responde: ‘é diminutivo’.

Sr. Pedro replica, gargalhando: ‘É diminutivo mesmo, porque tu falou: ‘vou no negócio dos velhinhos ali!’.

Sr. João responde: ‘Falei, falei, mas não te vi’.

Sr. Pedro completa: ‘aí é que está, tu não me viu’, deixando transparecer um ar de repreensão ao colega.

D. Ernestina (D. Tina) colabora dizendo: ‘Dependo do quê, os anos são aumentativo né?’ E a conversa segue entre os pares.

Eles encontram uma maneira descontraída de tocar na questão do idoso, como se estivessem ensaiando modos de se apresentar (extraído do caderno de experiências).

Mário Quintana, em sua poesia, nos faz lembrar dessa máquina do tempo que vai cosendo³⁴ tudo, sem pausas, apressando a necessidade de entendimento que constantemente precisamos (re)significar sobre nós mesmos.

Talvez, por isso, em tantos momentos foi comum verificar os sujeitos do grupo (re)significando definições para se ajustar a essa identidade — o idoso, tentando lidar com as questões do envelhecer. Esse comportamento também poderia ser fruto da busca por entendimento sobre as notícias diárias em torno das estatísticas do crescimento da longevidade, ocorrência cada vez mais presente nas gerações.

Como diz Maldonato (2012), os idosos realizam a experiência consistida no desafio da vida presente que levam, na constância de preparar o futuro e refletir sobre o passado. Reinventamo-nos num jogo de contínuas seleções, desembaraços subsecivos que revelam a assídua mutação de nossos desejos, preferências e decisões. Nesse movimento constante, por horas, testam os próprios limites (corpo e mente), na atualização de seu perfil. Por vezes, explicitam sobre as limitações impostas pelo entendimento da família, da sociedade, de seu círculo e espaços de convívio. Nessa relação viva, (re)constroem a cada dia suas identidades e consequentemente suas culturas.

3.8. Culturas e identidades

As manifestações identitárias surgem quando sujeitos idosos estão expostos às práticas educativas, nesta pesquisa/dissertação, por meio das artesanias, pelo viés da experiência sensível, em um espaço de educação não formal. São muitas as questões que se anunciam, mas a nossa indagação principal busca estreitar a natureza da constituição de uma identidade em sua relação com a cultura, ou seja, elucidar traços de como a formação identitária e cultural se conectam.

³⁴ Coser significa: “Unir com linha, ou qualquer fio, e agulha, dando pontos: coser a bainha; cosia o decote do vestido; tinha o hábito de coser. [Figurado] Unir-se; ficar muito perto de outra pessoa ou coisa: cosia o ouvido na porta; coseu-se atrás da porta para se esconder. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cosendo/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

Em auxílio, Massanga (2014), em sua dissertação, ao indicar que as práticas culturais cotidianas contribuem na formação identitária do sujeito e/ou de seus grupos, analisa os termos cultura e identidade, de modo que:

[cultura] deve ser entendida como toda maneira de existência do homem e da mulher enquanto sujeito no mundo. Trata-se de um **processo de adaptação e reinvenção, de atribuição de significados na relação desses sujeitos com o meio natural e humano**, próprias e comuns de cada época e lugar. Processo esse que sofre modificações ao longo da história numa relação com o trabalho e nas dinâmicas da vida social (MASSANGA, 2014, p.51, grifo nosso).

Referente à identidade, o autor ressalta que: “[...] saber-se quem é e não se perder, na relação com o outro, num mundo de intensa desigualdade e mudanças culturais é, de fato, uma forma de poder. Nesse sentido, os sujeitos sociais se afirmam também como sujeitos culturais e não podem ser considerados como objetos” (MASSANGA, 2014, p.55).

Como outros tantos pesquisadores, Massanga (2014) apresenta identidade como um fenômeno sociocultural. Sendo assim, trata-se de um manifesto correspondente ao interior do sujeito/das sociedades onde estão abrigados. Isso explica, prontamente, que tratamos de outro termo de significados plurais e cambiáveis, assim como ocorre com a cultura e a memória.

A partir de Hall (2006), assumimos que identidade é uma atribuição de modo, ação política cotidiana, eleita pelo sujeito para que possa se colocar em oposição à natureza, na intenção de se civilizar, de pertencer, de fazer parte. Como dizem Silva, Hall e Woodward (2014), é um processo constituído no jogo das diferenças, nas práticas de significação. No sujeito, é uma atitude nuclear, ou seja, conforme propõe Gohn (2011), é ação que determina, mas também é formada por suas relações sociais e culturais. Assim sendo, de acordo com o conceito, ao se identificar, o sujeito estará empoderado a agir social e culturalmente.

Figura 13 - As produções individuais apoiadas no coletivo



Fonte: Letícia Jensen, 2017

No auditório do CRA\$S, durante esta oficina/encontro, os idosos iam encontrando soluções particulares para construir o quadro de panô individual — a primeira etapa na criação de um panô coletivo que os representasse.

Cada um deles escolheu um modo de fazer (técnicas artesanais), separou para si materiais (botões, linhas, tecidos, tintas), no intuito de representar uma memória significativa de algo que já havia vivido (extraído do caderno de experiências).

Observando seus movimentos, de início, não era possível ter clareza do que cada um tinha por objetivo ou se a decisão de suas escolhas já vinha pronta na memória. Era certo que, pelas narrativas, todos se apoiavam entre si. Ficava visível o compartilhamento entre o grupo ao acessar a memória um do outro ou dar significado a uma forma ou cor que surgia no panô.

Figura 14 - Sr. Pedro bordando o gato que comia amendoins



Fonte: Da autora, 2017

Figura 15 - Sr. Pedro e Sr. João confeccionando panôs e narrativas de vida



Fonte: Letícia Jensen, 2017

Sr. Pedro resolveu bordar em seu panô um gato que comia amendoins. Contou que o gato foi companheiro em sua infância. A cada amendoim bordado no panô, relembrava uma história do percurso de sua vida que fazia menção ao envelhecer e ao quanto a relação social com o velho foi mudando no decorrer de sua vida.

[...] chamamos novamente para o Café, mas Sr. Pedro volta a pedir licença para contar uma outra história diante do grupo. (Ele precisava verbalizar!).

Diz que certa vez uma senhora que passou do tempo de casar queria impressionar um pretendente a esposo, mostrando que enxergava bem. Ela disfarçou e fez de conta que encontrava, no assoalho de madeira da antiga casa, a pequena agulha, que parecia uma farpa de tão fina. O feito deveria ter impressionado o sujeito, mostrando que a senhora ainda era jovem.

Assim, ele aponta, justificando o motivo pelo qual, sobre nossa mesa, teríamos agulhas de diversos tamanhos.

Eu complemento a fala dizendo: 'Sim! Temos agulhas para todas as idades!' (extraído do caderno de experiências).

Sr. Pedro, com sua fala compartilhada no grupo, faz uma boa costura entre a artesanaria e aquilo que, a ele, a oficina/encontro desperta. Observando-o percebo que traz consigo relações sobre a idade, intensificadas pelo decorrer do tempo vivido, comportamento constante em busca de aceitação/atualização da sua condição/identidade de idoso.

Sr. Pedro matutava, certamente, sobre o ‘negócio dos velhinhos’, que ouviu do Sr. João, pois foi assim que diante daquela mesa cheia de materiais diferentes, foi deixando se envolver e, como ótimo observador e contador de histórias, trouxe em sua narrativa contribuições que pareceram, em outras palavras, me dizer: “olha! Aqui estou eu, sujeito idoso, mas que estou ligado, esperto, desperto, percebendo aquilo que me acontece. Posso até disfarçar e brincar com a idade, tentando tapeá-la, com o modo como me comporto, mas, na verdade, estou me reposicionando diante das minhas capacidades”. Esse mesmo modo de agir de Sr. Pedro revela um gigantesco trânsito de sentimentos (sentido capturado) e sensações (percepções), que parece se repetir no grupo.

Com isso, Sr. Pedro e Massanga (2014) colaboram para compreendermos que o sentimento humano de saber se reconhecer dentro de um grupo ou sociedade, delimitado e constituído por certo aspecto de uma cultura, determina o conceito de identidade cultural, tomando-o como um conjunto dos predicados de um grupo, oriundo da forma de interagir com o mundo.

Mas, também, são justamente nessas construções que ficam emoldurados os comportamentos ditados pela sociedade contemporânea, já que construímos nossas identidades ligadas àquilo que está posto em nossas relações sociais e culturais. Assim, muitas vezes, são nessas oportunidades que se instala a (de)formação cultural que, de acordo com Santos (2016), soterra a formação crítica desde a infância, entre outros aspectos. Com isso, absorvendo as manifestações plurais do grupo de idosos, presentes na linguagem e no sistema simbólico, muitas vezes atualizados no passado na (re)significação da memória, com auxílio de Woodward (2014), percebemos caminhos que constituem a formação de suas identidades de grupo, de gênero, de classe e de cultura.

Nesse sentido, num movimento de continuidade, faço o esforço de assegurar o repertório para o envolvimento e mobilização do grupo em estar disponível para essas experiências. Enquanto ainda apronto minha percepção para seguir, com um pouco mais de conversas e tratativas, nossa oficina/encontro se encerra (tudo tão rápido!).

3.9. Relações com o tempo no espaço de experiência

Novo dia e tudo novo na terceira oficina/encontro. Amanheço diferente nesta terceira data das práticas educativas, em 19 de setembro de 2017. Apesar de manter aquele aperto no peito, a dor na barriga devido à apreensão e à euforia de estar lá, permaneço em suspenso! Meu corpo cedia lugar a um inexplicável nervosismo, motivado pelo cuidado em contatar e interagir com as significações de vida dessas pessoas.

Apesar disso, não deixei de levar adiante e com entusiasmo nossa proposta educativa. Coloquei tudo novamente a caminho do CRAS-Jardim Paraíso e fui com Letícia para esta terceira oficina/encontro, na qual daríamos continuidade às artesanias dos panôs individuais.

Como de costume, confiro se todos os materiais, artesanatos e livros estão no carro, me despeço de mim mesma, tentando deixar os temores em casa. Estranho o trânsito das 8h, mas sigo para apanhar Letícia. Ela sempre me encoraja, pois me empresta seus sentidos e peculiar raciocínio para dar energia a minha tarefa (sou grata).

O CRAS parece diferente hoje ou seria eu? Bem, vou tentar me concentrar no meu exterior (extraído do caderno de experiências).

Na conversa deles não havia um enfoque na crueldade dos feitos, mas sim, nas quantas vidas jovens envolvidas e fatalizadas e, também, a proximidade da convivência com a violência.

O grupo vai chegando e D. Tina (71) relata a saudade do tempo do sítio e da mocidade. 'Naquela época tinha mais liberdade, menos violência!'.

'A gente dormia de janela aberta! Não tinha luz ou ventilador', comenta Rosa (60).

'Era lâmpada de querosene, mas a gente andava sem medo', diz Soini (65).

'Ah, mas a gente trabalhava a noite toda! Plantava fumo, né!', replica D. Tina.

Assim, a conversa engata com outras senhoras que já haviam chegado, narrando madrugadas de trabalho, mas também de outras liberdades plasmadas no tempo passado (extraído do caderno de experiências).

Os idosos vão chegando para o encontro aos poucos e surge na conversa o assunto sobre a violência no bairro. Mesmo já tendo manifestado em outras ocasiões descontentamento em torno do estigma de 'o Jardim Paraíso ser lugar do crime', nesta manhã, a ocorrência de um homicídio muito próximo aos seus grupos de convívio, desencadeou, na maioria deles, a reflexão sobre o quanto, no decorrer de suas vidas, a falta de segurança crescentemente marcava presença.

Figura 16 - D. Anita registra a vida de outrora



Fonte: Da autora, 2017

Não demorou para que eles se colocassem no lugar desses jovens, relacionando como era a vida na juventude. Enquanto as mãos artesanizavam, ocorria a formação de cenários de outrora. Esses idosos, ao falar em juventudes, desencadeavam nas narrativas das memórias e da saudade uma forte relação com o trabalho, ação que fundamenta todas as histórias de vida, nas interações sociais e culturais do grupo.

3.10. Múltiplos tempos

No movimento desse diálogo, suscitados por algum aspecto dos produtos, processos ou produtores, na experiência da prática educativa pela Artesania, nosso grupo de idosos foi deixando escoar, individual e/ou coletivamente, por meio das narrativas, sua identificação com cenários que foram brotando na memória.

Sr. João é um daqueles que não estava conosco desde a primeira oficina/ encontro, então, ao explicar o desafio da construção de um panô coletivo, pergunto: Vamos fazer?

Ele prontamente responde: 'Entendi tudo o que a senhora falou, mas, só talvez não vá conseguir fazer. Mexer com estas coisas de desenho e coisa assim, (unhnn), gosto muito é de futebol, coisas de desenho, não!'.

Sugiro, então, já que ele gosta de futebol, que comecemos por encontrar uma bola entre as estampas dos tecidos sobre a mesa e colocar em sua composição. Então, ele responde: 'já começamos por aí!', surpreendendo-me, demonstrando que havia a possibilidade de se envolver.

Sentido, o que há para sentir? Vou olhando as ações de cada um deles, procurando, sem julgar, observar as soluções que surgem, tentando não me prender a elas. Por sua vez, eles também vão deixando acontecer. Cada qual dos idosos, como era de se esperar, comportava-se de modo diferente. Alguns desenhavam, outros recortavam, outros cantavam, outros, ainda, imóveis ficavam. Todos tateando e interagindo com os materiais e com seus pensamentos.

Assim, acabo por concordar com Maldonato (2012, p. 16) quando diz que: “todo instante é criação, ato inaugural do existir. Mas o instante não é *do* tempo, é *no* tempo”.

O tempo aparece presente nas falas de diferentes modos: nas brincadeiras, nos contos, nas piadas, na saudade, nos afazeres, na lembrança. Constante referência ao tempo: passado, de infância, de aprender, de costurar, de trabalhar, tempo para o tempo. O tempo é múltiplo (MALDONATO, 2014).

Enquanto o grupo está engajado nas suas criações, a fala do futebol vai guiando possibilidades, contaminando o resistente Sr. João. Fala do ‘peixe’, ou seja, do Santos, do Pelé, do Neymar, das estrelas. Conta uma vida inteira.

Assim, fico sabendo que ele ainda joga futebol, é goleiro. Diz jogar bem. Foi atleta desde o tempo de quartel (10 meses de sua vida). Correu, fez atletismo. Foi padeiro, aprendeu com 11 anos, um tio levou. Não foi à escola.

Lembra com saudade de fornear pão, de cilindrar, mas às vezes deixava a mão no cilindro. À escola, só ia para levar queijo para os peixes criados pelos padres. Os peixes poderiam comer o queijo, mas ele não podia sequer provar. Lá, com os padres, aprendeu a fazer seu nome.

Ele solta a conversa: ‘Meu sobrinho era santista, fiquei santista’. Conta das viagens assistindo ao Santos. (Por fim, executa os recortes e começa a demonstrar preocupação em colocar sua história no panô).

Sr. João, na tarefa de justificar o símbolo daquele que lhe representa o maior time de futebol, onde estão seus ídolos, descreve sua vida inteira. Sua narrativa percorre uma vida, ora indo para infância ora na direção da velhice ou, ainda, introspectiva, feita em pausas e silêncios, ou, por outras vezes, eufórica, cheia de acelerações, perpassando qualquer ordem cronológica (extraído do caderno de experiências).

Figura 17 - D. Soini artesanando memórias



Fonte: Da autora, 2017

Retorna ao tempo quem perpassa em diversos atravessamentos neste plano de pesquisa/dissertação. É ele que pulsa em nosso constante (re)fazer. Suas linhas estão espalhadas na tessitura de todos os movimentos. O tempo é o ritmo das experiências, gerando as emoções que tratam da memória, pautando nossa seleção exclusiva na composição de uma identidade, que na extensão dessas escolhas faz colar e/ou descolar em multiformes cenários culturais e sociais.

Inevitavelmente, a todo instante, vivemos novos arranjos, buscando o cruzamento de afinidades, construindo identidades que nos fazem sentir humanizados, mas sem nunca deixar de ser diferente.

D. Ana fala do bosque que lhe lembrava a infância. 'Da minha terra do Paraná, onde nós brincávamos com os meus primos, há muitos anos, que não lembro mais'.

Sr. José comenta: 'Se o cara não tiver uma memória boa, o cara não faz! Fiquei mais de três horas para desenhar'. (Referindo-se à paisagem de marina que desenhou detalhadamente, uma cena da memória de seus dias de pescador).

D. Soini, por sua vez, ao se envolver na costura, comenta que remendava a roupa da lavoura. O universo que ela revisita está todo relacionado ao tempo em que vivia na propriedade do pai e trabalhava na agricultura. Com seu auxílio, lembramos das falas da semana anterior, referidas aos dias de chuva, o dia de fazer remendo. Eles, quase todos, afirmam: 'Dia bom era para ir para a lavoura!'

(extraído do caderno de experiências).

Francisca (64) tem problemas de audição. Muito tempo quieta, construindo algo que não me lembra nada, me faz perguntar: O que a senhora lembrou para me contar? 'Ainda nada!', responde.

Então, pergunto se a memória é da casa, pois sempre gosta de falar do assunto. A primeira resposta desdobra a conversa sobre sua vida, cercando o cultivo das flores e da família, a quem ela dedicara a vida.

Desconfiada, insisto em saber o que representa aquela composição criada para o panô. O que ela poderia expressar com aqueles blocos de tecidos engendrados por pespontos quase disformes sobre o tecido?

Ela reage e, num instante, quase me arrependo de insistir em saber (extraído do Caderno de experiências).

Figura 18 - Dona Francisca pespontando seu panô



Fonte: Da autora, 2017

A expressão de D. Francisca, que coloca as duas mãos espalmadas e fixas sobre os tecidos que me parecem ainda desconexos naquela composição, emprega uma força, uma potência incrível. Fico presa naquele instante! Tem muita energia ali!

Num primeiro momento, ela ainda não verbaliza, mas gesticula, respira fundo, sorri e, então, enfrenta meu olhar com outro olhar extremamente sincero e é dona de uma das melhores falas que ouvi neste encontro: ‘Mas são outras coisas que quero te mostrar!’, respondendo-me firmemente (extraído do caderno de experiências).

Nas oficinas/encontros com os idosos no CRAS e especialmente nessa experiência com D. Francisca concordo com Benjamin (2012, p.239), quando diz que: “[...] a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos [...]”.

3.11. A artesanania como experiência sensível na terceira idade

Em 10 de outubro de 2017, realizamos a quarta oficina/encontro para as práticas educativas com os idosos, no CRAS-Jardim Paraíso. Para este momento, precisei aprender a ser generosa com o tempo, para compreender os tempos múltiplos de um ‘encontro’, alargando minha atenção ao processo (como quem espia entre as frestas das frestas), com a percepção ativa para percorrer sentidos vários no decorrer da sucessão do tempo. Ou, ainda, na atenção aos ritmos que se multiplicam exponencialmente entre os percursos. Por fim, seguia a controlar aquele ímpeto que acelera tudo na busca automática de simplesmente finalizar uma tarefa ou produto.

D. Ana, sem apresentar tristeza ou alegria, mas sim espanto, faz uma leitura de sua produção, quando finalizada. 'Nossa! Estou vendo minha vida, tantas idas e vindas, tantos territórios diferentes por onde vivi', comenta, fazendo referência ao tempo em que viveu com os índios nas missões e nas colônias com a família.

Apontando uma trama de crochê (uma longa correntinha), que numa linha sinuosa ocupa o centro de sua produção, menciona: 'aqui no meio, este fio que vai e volta é a fronteira que às vezes me deixava do lado de lá, outras vezes me colocava do lado de cá. Já vivi muito!' (extraído do caderno de experiências).

Figura 19 - D. Ana tecendo a vida



Fonte: Da autora, 2017

Tudo justificável, já que nessa data, em nossas construções, os panôs individuais aos poucos se concluíam. Nesse fazer, entre acabamentos e ajustes, entre fios e aviamentos, outros adereços ainda vinham povoando os sentidos dos seus criadores, que continuavam a (re)ver memórias e sentimentos diante de suas artesanias.

Figura 20- Detalhe do panô de D. Ana



Fonte: Da autora, 2017

D. Ana se observa por meio de sua criação. O processo de envolvimento com a artesanaria causou efeitos e atualizações significativas em suas memórias, em que a saudade, tantas vezes mencionada, se torna presente. Acontece como menciona Falci (2014, apud MALDONATO, 2014, p.14, Prefácio):

Na experiência vivida da própria biografia, torna-se a pôr em jogo as articulações da temporalidade, novas alquimias, durante as quais ou ao findar delas poderá surgir uma história inédita, imprevista, não mais somente uma reconstituição do passado, mas uma história inscrita no devir, que já começa a escrever-se no presente.

Para seguir, tomo como entendimento as palavras de Pillotto (2007, p.120):

A face subjetiva da experiência de alguém — a sua consciência e as ações pelas quais dá sentido aos signos, não acontecem da mesma forma e com a mesma intensidade para todos os alunos em todos os momentos.

Logo que entramos em nossa sala de trabalho, percebo a presença de uma nova figura, o Sr. Manoel. Já previa quem era, pois estava acompanhado de D. Tina e, também, observei que era deficiente visual. Tinha ouvido falar dele pelo próprio grupo.

Ele falava muito, dominava a atenção da sala. O grupo, que ia chegando, por sua vez, demonstrava interesse por ele, pois havia ficado ausente por longo tempo. Por isso, fui me acomodando, conversando com um e outro, até que alguém nos apresentou.

‘Bom dia! Como é bom dia se não clareou o dia ainda? Como pode ser bom dia?’, fala Sr. Manoel, recebendo a todos, brincando com sua própria condição.

Ele tem tido problemas com depressão. Perdeu a visão há apenas 7 anos e vive sozinho. Parece ter dificuldades de relacionamento com a família. Seus familiares estão em São Paulo e São Francisco do Sul. Em Joinville, confia na vizinha e amiga D. Tina (71), quem o acompanha até o CRAŞ.

Quando inicio meu diálogo com o grupo, ele muito diretamente se posiciona: ‘Eu só vou ficar ouvindo!’.

Tomo uma peça de madeira no formato de coração e descrevo meu coração para ele. Vou falando: ‘Coração velho, rodado, arranhado!’. Vou falando tentando iniciar um diálogo. Passo para ele conferir as peças de um colar e a peça do coração, buscando memórias ou seu interesse para que resolva participar (extraído do caderno de experiências).

Figura 21 - Criando com outros sentidos



Fonte: Da autora, 2017

Figura 22 - Detalhe da composição que representa Sr. Manoel, no panô coletivo



Fonte: Da autora, 2017

Ele, ao seu modo, se envolve, escuta falar dos processos que estamos envoltos, nas artesanias e, deste modo, fica durante um tempo apalpando as continhas, me acompanhando de ouvido, prestando atenção em minhas instruções para os colegas e enredando nossas conversas em suas histórias (memórias).

Combinamos que ele será meu assistente. 'Vou ficar só fiscalizando!!', Sr. Manoel comenta. Ele fala sobre ações como ver e escrever, sempre tentando fazer graça. Mas, reconhece o quanto precisou treinar a mente para conseguir se adaptar. Creio que está tentando ser simpático, mas é um homem franco, bem direto e reconhecido por ser 'pouco paciente'.

Com o Sr. Manoel descrevendo a vida, o encontro foi todo diferente. Foi rica a oportunidade de ver o mundo desse homem por sua narrativa. Ele contou muita coisa: da vida profissional, das cidades que conhece, das pessoas de sua vida, da sua origem, do seu dia a dia. Apesar de ter, há pouco tempo, passado dias sem se levantar da cama e deixado de se alimentar, sua expressão era boa. Interagiu com todos com certo ânimo.

Não bordou, não colou, não costurou, mas, a todo encontro, mencionava o coração, e volta e meia manuseava-o e retornava a perseguir suas memórias imbricadas às outras narrativas que se desenrolavam naquele espaço-tempo de artesanias.

Ao final, o coração do Sr. Manoel ganhou espaço central no panô coletivo (extraído do caderno de experiências).

Por conta da deficiência visual, a percepção do Sr. Manoel está distribuída, talvez, com mais ênfase, em outros órgãos dos sentidos. Não sei ao certo se por um desejo próprio, baseado em alguma necessidade individual específica ou, ainda, em cogitar atender expectativas minhas ou do grupo, o fato é que ele interage com nossos processos e se deixa envolver na experiência proposta pela oficina/encontro em artesanias.

Entre suas palavras e gestos, as narrativas carregadas de emoções deixam claro onde ele alimenta as imagens pinçadas da memória. Mesmo com as dificuldades de um corpo que vai definhando aos poucos (situação comum aos idosos), encontra modos de seguir se renovando. Conforme diz Benjamin (2012, p.239), foi tecendo “narrativas, nas quais a moral da história abraça um gesto, como a hera abraça um muro”, num artesaniar que condensa as coordenadas “da alma, do olho e da mão”.

Desse modo, Sr. Manoel transforma sua relação com o mundo (objetivo e subjetivo), produz seus novos universos e, a partir disso, se apropria de novas aprendizagens refletidas em suas posturas identitárias e culturais.

3.12. A matéria do sensível nas experiências em Artesania na terceira idade

Mas o que significa fazer experiência de alguma coisa? Seria uma pergunta inútil se isso não significasse transformar essa “alguma coisa” em um movimento da nossa consciência que se estende a quem a comunicou a nós e a quem está em volta. Produzir a imagem de uma experiência vivida significa, portanto, transformar a experiência em fenômeno, o fenômeno em conhecimento experimentado e a experiência em um evento (MALDONATO, 2014, p. 103).

Nessas artesanias atravessamos muitos caminhos, mão e contramão em todas as direções. Viajamos sem destino certo, transfigurando memórias em identidades errantes. O caminhar não é um simples passeio. A realidade acelera seu esvaziamento de significados para a terceira idade. Com isso, a identidade tem dificuldade em se mostrar, quando o corpo parece estranhar seu lugar da experiência e do sentir.

Estamos reduzidos à intuição do encontro, em que a sensibilidade, conforme Pillotto (2007, p. 114):

Designa a intuição como o modelo de apreensão empírica. Ser sensível é estar sintonizado com a relação entre objetos e situações e compreender esta relação/mensagem, que pode ser explícita ou implícita e que é apropriada e internalizada por nós de forma lógica ou não.

Ostrower (2013) aponta que a intuição é um dos elementos que estruturam a experiência sensível e, nessa trama de cognição e emoção, age como combustível para nosso movimento constante.

Novamente, D. Francisca acha graça quando percebo o pontilhado e as trocas de cores das linhas tramadas na composição do seu panô. (Puxo conversa).

O trabalho da D. Francisca (64) é o que mais me intriga. Agora tem um recorte que parece uma blusa, sobreposta a vários tecidos acomodados em quadros, muito bem amarrados, pespontados, colados. Foi feito caprichosamente. Fico feliz que ela, entregue a sua criação, não se deixou levar pelos cenários que as colegas mais próximas construíram (as casas, a família, a infância, os bichos, os pais).

Então, seguimos conversando. Momento em que ela se explicou, dizendo: 'Foi a afeição, assim!' (referindo-se àquilo que intuí). 'Pois nunca entrei nessas coisas, né?!' (A atividade e o CRA\$). 'Então, achava uma blusa, né?! Gostei, aí fiz!' (revela a imaginação despertada e logo faz uma pausa na fala) (extraído do caderno de experiências).

A linguagem parece ter dificuldade em descrever a realidade na sua completude, mas, mesmo assim, é ela criação e auxílio em expressar o que sentimos. Assim, surgem palavras e imagens (PILLOTTO, 2007). Em palavras que, por vezes, parecem dispersas, mas sempre grávidas de sentido e, em imagens que têm, a priori, aparências desconexas, mas são reveladoras, D. Francisca se apresenta tramando com os seus/meus sentidos e razão.

Figura 23 - Detalhe do panô de Dona Francisca



Fonte: Da autora, 2017

D. Francisca segue dizendo: 'o que posso te responder? Pensei que era assim: que era o que eu sabia fazer. Eu com 64 anos e sem saber responder a senhora. A gente nunca fez nessa coisa assim' (Fica tímida e faz uma pausa). Ela retoma, procurando expressar o que sente: 'agora chegou o tempo de a gente viver assim. Acho que assim, para mim, está né!?' (Faz um gesto como se dissesse: está bom!). Mas D. Francisca ainda segue se justificando: 'Pois foi o que eu soube fazer. Nunca tinha pegado para fazer'. E, imediatamente, num sorriso, conclui: 'Eu gostei!! Gostei!' (Verbaliza a emoção).

D. Francisca escolheu, entre os tecidos, um de estampa de bicicletas. Aponta uma flor na estampa de um outro, entre os tecidos escolhidos.

Achou graça logo que falei: 'a senhora trouxe bastante coisa para seu trabalho'.

Aponto para um tecido, um daqueles aplicados por ela, estampado de flores, e pergunto: 'e aqui, o que pode ser?'. Ela responde: 'um quadrinho, mas pode ser um jardim!'. Assim, sorrimos juntas (ela estava criando seus cenários)

(extraído do caderno de experiências).

A criação estará sempre ligada à experiência. Foi o que observei com Dona Francisca, quando se permitiu se aventurar com tudo o que sentia e sabia. Nesse sentido, potencializa seu processo de criação, que culmina não apenas no produto (panô), mas também nas narrativas revisitadas e criadas a partir de suas memórias.

Ela justifica o jardim, pois o recorte é um quadro (Fala como um jardineiro que sabe por onde distribuir suas flores). Do restante diz: 'são coisinhas que vão me dando na cabeça' (narra o alcance de suas percepções) (extraído do caderno de experiências).

Ela recorda, deixando submergir da memória, algumas 'coisinhas'. As lembranças vêm invadir sua percepção e guiar a relação que desenvolve com o meio (BOSI, 1994). Conforme orienta a mesma autora (1994, p.46), é a percepção concreta que, se valendo do passado, deixa "vir à tona o que estava submerso". Ou seja, ainda baseado em Bosi (1994, p.46), considerando o "esquema estímulo-cérebro-representação", o pressuposto de uma conservação subconsciente justifica "esse afloramento do passado combina[r]-se com o processo corporal e presente da percepção".

Essas memórias revisitadas trazem consigo, segundo Bosi (1994, p.46), "meros 'signos' destinados a evocar antigas imagens", muitas vezes desapegadas das percepções reais que os acompanhavam. Com isso, na opinião da autora, no estudo da memória³⁵, o revisitamento, movimento intrínseco da percepção encharcada de memória, possibilita novas significações que serão refletidas na produção de novas memórias, criações, aprendizagens, numa constante atualização da vida consciente. O entendimento dos processos da percepção colabora para que a matéria do sensível se torne protagonista no cenário da educação, pois, de acordo com Pillotto (2007, p.117):

³⁵ Bosi (1994), no estudo da memória, compara Bergson e Halbwachs, de modo que atribui a Bergson uma visão individualista e a Halbwachs uma visão social. Porém, acaba por esclarecer o movimento dos processos da memória em consulta à percepção, independentemente da posição dos autores os quais analisa, quando fala do revisitamento.

O conhecimento construído é mais do que intelectual, é também intuitivo, é um conhecimento global das coisas. Internalizamos vários aspectos de um fenômeno, interpretando-os a partir da percepção que temos do que vemos, de onde estamos e da história que construímos. Essa seleção passa pelo limiar do racional e do sensível. Assim, a história que construímos a partir dos fragmentos que temos – afetos, emoções, associações – integra um conjunto de elementos que se relacionam formando uma rede subjetiva de significados. Esse processo é sempre um novo conhecimento, sobre nós mesmos e sobre os outros.

Em sua artesanaria do panô, nas imagens e em poucas palavras, D. Francisca sintetiza ideias e sentimentos, deixando transparecer a busca por novas aprendizagens. Se me atrever a uma análise, encontro nas formas escolhidas a lógica do corte e costura, na figura da blusa cortada em uma modelagem bem definida, (talvez essa seja a memória de algum velho aprendizado). D. Francisca também se incomodou com as bicicletas do tecido selecionado, pois algumas ficavam de ponta a cabeça, e caprichou nos recortes e fixação dos quadros que poderiam organizar um plano para um jardim (conforme ela identificou), indicando, curiosamente, a possibilidade de uma precisão (organização), repassada da sua vida (da narrativa de uma vida regrada), para a representação que ela criou.

Nesta oficina/encontro, a maioria do grupo finalizou seus panôs, conversando longamente sobre as criações/produções e, ainda, nos preparando para a próxima etapa — a construção de uma peça coletiva, um panô construído pelo grupo, unindo todas as criações individuais.

Ao final, a pausa também serviu para verificar suas manifestações sobre os significados da convivência no CRAS. A maioria deles tem ciência de que a relação desenvolvida no espaço é fonte de saúde e conforto, mas, também, é lugar de conhecer seus direitos civis e, principalmente, representa o ambiente onde buscam findar a necessidade de preencher de sentido essa fase de sua vida.

Neste percurso, tecendo um diálogo sobre artesanaria, terceira idade e experiências, cruzamos por desterritorializações e reterritorializações, quando a maioria dos idosos descreve as memórias de vidas surgidas em outros espaços. Homens e mulheres, a maior parte de origem humilde e rural, de outras regiões do país, que precisaram encontrar em outro tempo e espaço um modo de ser na nova cidade, no novo bairro e diante de novas individualizações.

Figura 24 - Detalhe do panô de Dona Tina – com elementos pinçados da memória, sobre a figura da mãe, cria um cenário que retrata a terceira idade ativa



Fonte: Da autora, 2017

A sociedade por vezes não percebe os movimentos dos idosos, que não estão estáticos. É preciso compreender o idoso como um ser pensante, num constante devir, num outro modo de ser, pois eles reagem e podem se subverter. (Sobre)viventes, buscam alternativas, ações que se manifestam presentes em muitas das narrativas desse grupo. Assim como:

D. Tina (71) quando diz: 'Não me sinto velha! Não sou velha! Pois não dá para falar como se eu fosse uma inválida, que não fizesse nada e nem saísse de casa, pois tem jovem que é assim! Não sou assim! Não sou esse velho que todo mundo diz. Vivo em atividade! Já participei de um grupo, antes de vir para Cá, por 15 anos. Saindo daqui vou ao salão, ao centro e tenho as minhas vendas para organizar' (extraído do Caderno de experiências).

3.13. Artesania e Literatura num encontro intergeracional

Sabia de véspera que seria um dia atípico, pois, pela primeira vez, iria ao encontro do grupo de idosos sem a presença de Letícia, visto que era necessário que ela estivesse logo ali, na sala ao lado, preparando as oficinas estéticas de sua pesquisa/dissertação, com o seu grupo de adolescentes/jovens. Endossava a justificativa de minha apreensão, misto de preocupação e euforia, saber que para esta quinta oficina/encontro, haveríamos de concluir a construção do tão trabalhado panô coletivo, como peça de representação do grupo de idosos. Além disso, iríamos receber a visita dos adolescentes/jovens, em nossa primeira experiência intergeracional. Assim, levava comigo a certeza de que, de qualquer modo, construiríamos muito, diante do que havíamos programado para o momento.

Ao adentrar o auditório do CRAS, naquela manhã de 31 de outubro de 2017, e seguir encontrando o grupo completo, algo me trouxe aquele estimado sentimento de aceitação, sensação de ‘estar entre’ ou ‘estar junto’. Ao mesmo tempo em que estendia sobre a mesa o grande quadro de feltro na proposta de construção coletiva do panô, a ser concluído pelo grupo, recebia seus retornos, comentários e gestos, que me faziam sentir como parte daquele grupo e daquele contexto.

Percebia que já estávamos interligados naquela construção, pois o processo para a peça artesanal continuava a nos revelar. A artesanania nos constituiu por meio da manifestação de memórias, em (re)leituras construídas a muitas mãos, de diversas e sucessivas seleções, reinventando modos de fazer, sentir, compreender e aprender, em registros de visões plurais que percorreram as esferas do sujeito (individual) ao coletivo (social). Até que me acalmei ao perceber que o procedimento do grupo abrigara a mim e a esta pesquisa/dissertação (não estava sozinha).

Eu colocava um panô individual já finalizado, a exemplo, sobre o grande pedaço de feltro, para ir provocando o grupo presente a pensar um formato para iniciar a construção de nosso panô coletivo.

Dona Rosa chega falando à Dona Ana e aos demais: ‘não é assim, não adianta nos chamar de velhos, não me sinto velha, pois estamos aqui em atividade!’. (Senti a disposição deles entre as afirmações).

Neste mesmo tempo, D. Tina abre a bolsa e me entrega muitas fotos. São dos tantos grupos de convivência que formou e participou nos últimos anos de sua vida: ‘éramos 140 pessoas!’, comenta, enquanto explica as rotinas de passeios, bingos, encontros de produção e feiras para as vendas de suas produções artesanais. (extraído do caderno de experiências).

Assim, no decorrer de nossa oficina/encontro, enquanto pespontávamos a montagem do grande panô, eles continuaram se expondo em narrativas e gestos, enquanto sentia a responsabilidade de estar tão próxima, diante de suas verdades, reflexões e aprendizagens.

Figura 25 - O panô coletivo foi confeccionado colaborativamente pelo grupo de idosos



Fonte: Da autora, 2017

Figura 26 - Criação coletiva do grupo de idosos do SCFV - do CRAS-Jardim Paraíso



Fonte: Da autora, 2017

Enfim, nesta quinta oficina/encontro, dia de muitas surpresas, o grupo de idosos também concluiu a construção do panô coletivo. Todos participaram, atribuindo detalhamentos nas formas e apregoando sentidos. De modo que, alinhavando quadros que representavam histórias particulares, sua artesanaria se constituiu em uma trama de saberes que, pela busca das memórias, (re)afirmou identidades.

Na adequação comum aos nossos caminhos no decorrer das oficinas/encontros, a Literatura se trama com as Artesanias, e os adolescentes/jovens com os idosos, no decorrer desta quinta data das práticas educativas, culminadas em oficina/encontro. Tudo surge no desencadear das práticas educativas em nossas pesquisas/dissertações (entre)laçadas, quando, Letícia e eu, ao vislumbrar o cruzamento e o contágio dos grupos, na possibilidade de realizar momentos de convivência específicos, criamos um modo de concretizar o encontro intergeracional, na promoção de experiências compartilhadas, incluindo o fechamento de nossas intervenções no CRAS-Jardim Paraíso. Lima (2007, p. IX) em sua dissertação aponta que:

Tendo-se em conta os dados que apontam para uma expectativa de vida cada vez mais alta, os estudos sobre a intergeracionalidade ganham proeminência na literatura e se constituem em um material efetivo para fomentar um envelhecimento ativo e com boa qualidade. [...] em algumas situações sociais positivas, os velhos ensinam o conhecimento do envelhecer, transmitem a memória cultural e valores éticos fundamentais do seu grupo, e as outras gerações lhes ensinam os conhecimentos tecnológicos e os colocam em contato com as transformações sociais em curso, o que enfatiza o papel do diálogo entre as gerações como fundamental na prevenção da dependência do idoso e do preconceito etário.

Com isso, considerando o contexto de grupos de relações com membros de diferentes idades, o (entre)cruzamento das gerações ou, ainda, o encontro intergeracional, pode potencializar melhorias de vida a todos, pois suas diferentes relações com o mundo, quando conectadas, podem servir de lentes, no sentido de ampliar as possibilidades de conhecimento (FERREIRA, et al., 2015).

Cabe observar que, curiosamente, adolescentes/jovens e idosos são vítimas de preconceitos etários. Isso não deveria ocorrer em uma sociedade de quadros familiares de tipos cada vez mais plurais, em formatos cada vez menores e de índices de expectativa de vida cada vez maiores. Na análise da formação da família contemporânea, Oliveira (2009) e Lima (2007) escrevem considerando as transformações da sociedade a partir do advento da urbanização, na ocasião da revolução industrial, chegando à análoga compreensão de que mesmo vivendo uma revolução na constituição familiar, a nova família vivida, e as suas derivadas relações sociais, precisam encontrar lugar para unir gerações.

Talvez, no entendimento de abrandar as mudanças sociais estabelecidas após os processos de compatibilização da individualidade, fortemente instalados nas relações familiares na contemporaneidade, em que os papéis sociais dos membros familiares são apagados, chegando ao individualismo, a relação intergeracional é apontada em diversos estudos (OLIVEIRA, 2009).

Para a UNESCO³⁶, Kaplan (2001) desenvolve o estudo ‘School - based Intergenerational Programs’, em que, considerando os processos em programas intergeracionais implementados e desenvolvidos no espaço das escolas, com intuito de examinar políticas sociais, aponta:

The focus of this paper is on intergenerational programs implemented in schools. Discussion centers primarily on how such initiatives enhance and reinforce the educational curriculum, contribute to student learning and personal growth, enrich the lives of senior adult participants, and have a positive impact on the surrounding communities³⁷ (KAPLAN, 2001, p.3).

³⁶ UNESCO é uma organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/home/>>. Acesso em 15 fev. 2018.

³⁷ O foco deste trabalho é sobre os programas intergeracionais implementados nas escolas. Centros de discussão principalmente sobre como tais iniciativas melhoram e reforçam o currículo educacional, contribuem para a aprendizagem dos alunos e crescimento pessoal, enriquecem a vidas de participantes adultos seniores e têm um impacto positivo no entorno das comunidades. *(tradução das pesquisadoras Rita de Cássia Fraga da Costa e Letícia Caroline da Silva Jensen, 2017).*

Entre outros aspectos da relação intergeracional no ambiente educacional, Kaplan (2001) destaca a contribuição das narrativas dos idosos, como recurso nas aulas com sessões de história oral e outras atividades que reafirmam a ‘passagem da cultura’ entre gerações.

Também Lima (2007, p. 3), a partir do levantamento bibliográfico realizado no desenvolvimento do estudo de sua dissertação, afirma que: “os encontros intergeracionais propiciam trocas de afetos e de conhecimentos que podem contribuir no combate ao preconceito etário, seja das gerações mais velhas ou das mais novas”.

Com base nesses estudos intergeracionais, em diferentes perspectivas, podemos evidenciar que, pensar coletivamente, para Lima (2007, p.2) é “fortalece[r] o fechamento de grupos etários”, é o caminho para a valorização de todos os seres humanos, em todos e quaisquer formatos de famílias, espaços sociais e em suas relações intergeracionais.

Figura 27 - O encontro de gerações



Fonte: Da autora, 2017

Conforme combinado com Letícia, num certo momento da manhã, enquanto o grupo de idosos estava envolto nos processos para a construção do panô coletivo, quando a maioria transitava ao redor de uma mesa instalada no centro do auditório do CRA, onde a grande peça estava sendo preparada com o auxílio de muitas mãos, o grupo de adolescentes/jovens chega de pranchetas nas mãos, acompanhados pela pesquisadora, com o intuito de fazer entrevistas com os idosos.

As atividades seguem paralelas. Os adolescentes/jovens perambulam pela sala, elegendo seus pares e em rápidas intervenções iam tirando dos mais velhos informações, sorrisos e suspiros. De outro lado, os mais velhos, cercavam o panô coletivo atribuindo-lhe pontos e peças para sua conclusão.

Tudo acontecia ao mesmo tempo e, eu, tentava acompanhar com todos meus sentidos. Mas era muito, muito acontecia naquele momento de múltiplos encontros.

Tinha muita alegria, um movimento alegre e barulhento. (extraído do Caderno de experiências).

A oficina/encontro foi surpreendente. Os idosos foram anfitriões acolhedores daqueles tão novatos (humanos de pouca idade, às vezes, tomados pela timidez). Por outro lado, os adolescentes/jovens chegaram decididos e interessados, pois nenhum foi embora sem tomar nota daquilo que pretendiam saber acerca da vida dos seus entrevistados.

Todos tinham ritmos muitos pessoais, mas conseguiram interagir sem dificuldade (ou vencendo seus íntimos bloqueios), tanto que ideias e sentimentos iam surgindo nas narrações e gestos de todos no grupo e nas notas da atividade produzida. Desse modo, concluímos que a entrevista foi instrumento mobilizador no intercâmbio entre as gerações, mesmo diante da sua longínqua distância etária.

Conseguimos, Letícia e eu, ter melhor noção da abrangência deste encontro somente na montagem da Mostra Artística que incluiu as produções dos adolescentes/jovens e dos idosos, especialmente quando fomos surpreendidas, ao ler os textos dos adolescentes/jovens, baseados nas entrevistas.

Pela produção dos adolescentes/jovens, minhas percepções se ampliaram. Num corte transversal, as palavras dos pequenos artistas me apresentavam muitos outros planos possíveis nos territórios de nossas pesquisas.

Pela artesanaria, conheci o Sr. José pescador, homem do mar, que se atreveu desenhista e pintor para dar vida a uma memória significativa. Mas, foi através do texto de um adolescente/jovem/pesquisador/poeta que esteve envolvido em nossas pesquisas/dissertações, que acessei a dimensão do tamanho da sua família, da sua relação com filhos e netos e da sua origem.

Assim ocorreu com os demais em que, na relação intergeracional proposta pela oficina/encontro, foi possível suscitar traços das suas relações culturais e sociais (por vezes esquecidas), como também, outras características de suas identidades (surgiram o avô, a mãe, o filho, o religioso, etc.).

Trazendo personagens inventados ou (re)significados nas representações presentes nas produções pela Literatura ou pelas Artesanias, as práticas foram oportunidade de invenção de si e de construção de novas possibilidades de existência. Ocasão de acionar processos de produção de subjetividades para este grupo intergeracional.

Nesta oficina/encontro, Letícia e eu, adolescentes/jovens e idosos, sem proporção ou ordem definidas, mas, com certeza, todos implicados, participantes (inter)cruzados, sustentamos um novo plano de afetos, sentimentos e histórias, estendendo os territórios destas pesquisas/dissertações. Nestes estudos (entre)laçados, na experiência intergeracional, um movimento carregado de potências se constituiu.

O encontro intergeracional, ocorrido em nossa oficina, não estava exatamente planejado no início de nossas propostas de pesquisas/dissertações. Também não parece ser ação comum para os idosos e adolescentes/jovens, atendidos pelo SCFV do CRAS-Jardim Paraíso. Isso poderia ter se tornado facilmente um obstáculo ou problema, mas, mesmo que possa ter causado estranhamento ou surpresa para todos, revelou-se como oportunidade de interação. A experiência conjunta foi maior que as palavras ou imagens que a linguagem consegue registrar. Na interação com os adolescentes/jovens, os idosos se

(re)inventaram e, por sua vez, os adolescentes/jovens, ao conhecer os idosos, tiveram oportunidade de (re)significar seu mundo, pelos olhos de outras experiências.

3.14. Finalizando os encontros: a prática intergeracional

Ao final, na sexta oficina/encontro, juntamos novamente adolescentes/jovens e idosos em um encontro único. Para isso, combinamos para aquela manhã reunir os dois grupos no auditório, do CRAS-Jardim Paraíso.

Para esta data, 7 de novembro de 2017, eu e Letícia, além de uma Mostra Artística, com a exposição das produções dos respectivos grupos (o panô coletivo e os textos) e um apetitoso lanche, preparamos uma apresentação de vídeo, construído a partir dos registros de filmes e fotos produzidos durante as intervenções nas oficinas/encontros e oficinas estéticas. Ou seja, uma produção com parte dos registros de pesquisa elaborados durante toda a pesquisa/dissertação.

Na ocasião da última oficina/encontro, os sujeitos da pesquisa são novamente desafiados a se situarem como personagens de sua própria história, ao assistir a filmagem no encerramento da pesquisa de campo.

Naquele momento de encontro, foi possível notar que a convivência e não a diferença de idade, constituía o principal fluxo presente nas relações e nas narrativas. Independente de identificar suas diferenças, como sábios, eles reagiram ao se encontrarem como partícipes nos processos de outras histórias que se (inter)cruzavam também com as suas.

Eu e Letícia também vamos nos (re)significando, traçando novos vínculos, alterando nossa relação com o social, a pesquisa/dissertação, seu território e entre nós, personagens autoras dessas pesquisas/dissertações (entre)laçadas.

Nas filmagens, testemunhamos o movimento do (com)viver, contido no senta e levanta atrás de um material, nos sorrisos, nas mãos que desenhavam as palavras expressadas. Não há ensaio, tão pouco encenação, tem a (re)significação das memórias, temos encontros de (re)fazer a vida e de renová-las.

Sinto-me honrada de poder conhecê-los assim! Fico-me prestigiada em com eles ampliar meus conhecimentos e saberes, sinto-me simplesmente, outra...

Por sua vez, eles, ao assistirem, atentos, conferem a filmagem: sorriem, apontam, gesticulam, conversam sobre, confirmam, buscam na memória, observam, partilham, se ativam diante do registro.

É tudo tão vivo que num momento uma das jovens chora, chora a ponto de ser consolada nos braços de D. Ana. A menina chorava, pois temia o fim dos encontros e o futuro de seus dias. Ela se sentia segura naquele grupo (extraído do caderno de experiências).

Figura 28 - Encontro de confraternização com idosos e adolescentes/jovens, na Mostra Artística das produções desenvolvidas nas práticas educativas — panô e poesias



Fonte: Da autora, 2017

A pesquisa/dissertação nos formou atentas a aguardar o encontro da compreensão daquilo que nos inquieta, mas, repito, sabemos que nossos percursos são recheados de incertezas. E são elas, justamente, que nos impulsionam na caminhada.

No trajeto dessa caminhada, nos encontramos em experiências ao mesmo tempo em que já estamos inseridos nela e a alteramos. Por isso, é vital que mantenhamos, em qualquer tempo, mobilizados ‘os modos de sentir e agir’ para potencializar os procedimentos, compreendendo-os no seus vários (entre)cruzamentos, para que mesmo diante de possíveis frustrações, possamos ampliar as linhas para novas possibilidades de conexões com o mundo.

A partir desse entendimento, é no próximo e último movimento — Arrematar — pontuando/pontilhando costuras —, desta pesquisa/dissertação, que uma constelação de ideias poderá sinalizar possíveis (des)dobramentos deste estudo reflexivo e desta experiência que encarnou em nossos corpos e mentes para sempre.

Mesmo tendo noções sobre os grupos do SFCV no CRA\$S, esse foi o momento inaugural de testemunhar o quanto é significativo ter esse espaço de convívio, tempo-espço de aprendizagem e o quanto pode fazer diferença na vida e na saúde desses participantes. Oportunidade para o saber-fazer-saber. Momento de partilhar, de estar juntos, de dialogar, de conhecer, de aprender, de criar, de sentir, de dividir e de somar saberes e afetos.

Em todas as ocasiões de nossos encontros, retorno para casa empolgada. Meu corpo todo sente. Fico horas imersa em salvar vídeos, áudios e fotos e, ainda, construir essas anotações. (Re)vivendo. Quando chega o horário do próximo compromisso, sofro para sair da pesquisa. Saio das oficinas/encontros do CRA\$S, mas as práticas não saem de mim (extraído do caderno de experiências).

Figura 29 - Para guardar na memória — encerramento das intervenções com adolescentes e idosos no CRAS-Jardim Paraíso



Fonte: Da autora, 2017



**4. ARREMATAR – PONTUANDO/
PONTILHANDO COSTURAS**

4. ARREMATAR – PONTUANDO/PONTILHANDO COSTURAS

Como uma costureira que, ao criar sua peça num processo de acabamento ou montagem, segue unindo as suas partes, ornamentando-as com o emprego de pequenos pontos, pontilhando-os sem muito aperto, para que se necessário possa lhes refazer em novos trajetos, apresentamos este movimento que pretende arrematar³⁸ esta pesquisa/dissertação.

Em busca de saber: *como as experiências em artesanaria na terceira idade podem contribuir na formação cultural e construções identitárias dos idosos?* Esta pesquisa/dissertação teve como objetivo principal **investigar experiências sensíveis em artesanaria na terceira idade, em espaço não formal da educação, pelo viés da formação cultural e construções identitárias**. Para isso, articulamos ações com um grupo de onze idosos, entre 60 e 72 anos, assistidos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos dos Idosos - SCFV, na unidade do Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, do Jardim Paraíso, em Joinville, Santa Catarina. Durante o processo de pesquisa, o grupo de idosos foi mobilizado a produzir artesanarias, por meio da construção coletiva de um panô de memórias como forma de socialização e aprendizagem.

No campo de pesquisa, a nossa disponibilidade à experiência e a Mostra de artesanarias e livros sobre o artesanato catarinense e brasileiro, montada junto ao café da manhã, no auditório do CRAS, na recepção do grupo de idosos, consistiu em nosso ponto de partida. A partir da Mostra, eu e Letícia exibíamos aos idosos possíveis sentidos e significados de seus produtos, enquanto nos apresentávamos. Íamos tecendo um diálogo que pinçava e (entre)laçava vidas. Assim, exibimos o

³⁸ Arrematar é usado nos sentidos de 'dar remate a; concluir; finalizar' e 'fazer pontos de acabamento em (trabalho de costura ou malha)'. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arrematar>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

convite para as oficinas/encontros ou, ainda, a um modo de acolchoar³⁹ aprendizagens no desatar memórias despertadas pelas artesanias e suas experiências.

Nesta pesquisa/dissertação, a artesanaria foi pretexto para que a cada oficina/encontro, em torno de aprontar panôs, colocássemos pesquisadoras e interlocutores em prontidão para lidar com afetos e memórias. Pois, no caminho que é próprio da artesanaria, na reflexão processual da construção de um produto artesanal, elaboramos novas lentes para perceber o mundo e dimensionar outros modos de relacionamento, por vezes (re)afirmando comportamentos ou (re)novando posturas.

Nesse ínterim, a ação de artesanariar movimentou trocas entre nós, constituindo processos de aprendizagem num diálogo que permitia, em qualquer tempo ou ordem, esboçar um gesto, aprontar um ponto, selecionar uma cor, fazer um recorte, dar forma a uma ideia, inventar um sentido para uma representação têxtil, de modo que todos criamos dentro de um turbilhão de emoções e pensamentos que nos ocorriam, combustível de nossas oficinas/encontros.

A experiência foi aquilo que se fez diante da nossa percepção enquanto transitávamos entre razão e emoção, ao mesmo tempo em que, ao criar revelando subjetividades, instigados pela intuição, despreocupados em conferir clareza ou determinação a nossos fluxos, permitíamos às memórias dançarem entre passado e presente. Conforme Benjamin (2012), a experiência perpassa ocupando todos os nossos sentidos, de modo que, com nossa fala, gestos e almas, imbuídos em narrativas, tramávamos artesanalmente nossas experiências sensíveis.

Foi com D. Francisca, em sua disponibilidade em frequentar o CRAS e suas oficinas, em busca de aprontar modos de viver e aprender mais na sua terceira idade, que ativei minha observação de aprendiz/pesquisadora para identificar que, promovendo ações coletivas no compartilhamento de conhecimentos, mas sempre considerando a realidade de seus sujeitos, nosso campo de pesquisa, o CRAS- Jardim Paraíso, possibilitava acesso a muitos saberes.

³⁹ Acolchoar é empregado no sentido de recheiar. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acolchoar>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Alongando esse entendimento, logo conferimos a esse espaço um perfil de educação não formal, especialmente ao constatar que mantém as portas abertas para a contínua construção de conhecimento e saberes, acolhendo no SRVF grupos distribuídos por faixa etária, em atividades que promovem a (re)habilitação de seus vínculos socioculturais e o afastamento da margem de risco de vulnerabilidade social, especialmente no acompanhamento de questões básicas de saúde, educação e direitos civis (GOHN, 2011 e 2014).

Mas, ao adentrar no CRAS e ficar atenta aos seus movimentos no encaminhar de ações tão diversas sempre envoltas de cuidados, destaco o ‘acolhimento’ como ação fundamental de sua equipe de profissionais, que representam o corpo que constrói esse espaço. Apesar de tantas carências que unem seu público, lá todos são atendidos em suas singularidades. Essa postura intensificou minha percepção para que eu pudesse entender que, além de minha preocupação primeira em categorizar os idosos em um grupo, descritos por características comuns, estava em contato com a maior riqueza do humano, sua subjetividade. Assim, aprendi a aprontar meus olhos para as suas unicidades e, a partir disso, perceber em cada ser seus possíveis mundos em diversas potencialidades e múltiplas identidades.

Ultrapassar os 60 anos de idade não confere ao sujeito um estado de invisibilidade. O idoso continua seu caminho sonhando, planejando, criando, apesar de muitas vezes não ser percebido pela sociedade (BOSI, 1994). Infelizmente faz parte de nossa cultura não observar os idosos em suas individualidades e suas urgentes necessidades num mundo célere no envelhecimento de seu povo, resultando, ainda, em ínfimos estudos que nos direcionem a pensar, programar e implementar ações educativas intergeracionais e para a terceira idade.

Nos percursos desta pesquisa/dissertação, ao estar entre/com a terceira idade e os adolescentes/jovens, percebi que as necessidades desses grupos, a priori, são pouco diferentes, pois para se assegurarem em seus processos de construção identitária e formação cultural, ainda enquanto se ajustam na transformação constante de seus corpos e mentes,

independente das faixa etárias, esses sujeitos precisam, e têm por direito, a continuidade do acesso à educação, de modo que os acompanhem na busca de novos modos de pensar e sentir.

Na lupa das experiências desta pesquisa/dissertação/(entre)laçada, podemos apontar que a educação não formal como proposta para a terceira idade ganha relevância na medida em que consegue atender características peculiares do contexto dos idosos, seja fazendo relação a seus processos de percepção, memória e raciocínio na elaboração de conteúdos ou, ainda, no modo que suas atividades conferem um tempo social e respeitoso ao acompanhar os 'ritmos' de seus sujeitos.

Propor práticas educativas através das Artesanias, a um grupo de idosos, num espaço de educação não formal, trouxe à tona as narrativas, como possibilidade de revisitamento de memórias. Nas diferentes e múltiplas interações dos sentidos adensados a um processo de criação, nossos interlocutores, pesquisadores/artesãos imbuídos em suas construções internas, mas, ao mesmo tempo, em conexão interativa com o grupo, ampliaram suas decodificações e sínteses em aprendizagens singulares, que se constituíam num movimento alegre de reflexão que (re)significava constantemente sentidos e significados.

Nesse movimento, navegando entre memórias e fios, Sr. José nos leva, quando ao pintar sua cena de marina diz: 'O mar é o melhor lugar do mundo, você não quer sair de lá!'. Sendo assim, é possível constatar que a artesanaria despertou e acomodou narrativas. Pela experiência, a artesanaria se constituiu linguagem possibilitando fluxos de múltiplas relações entre todos os envolvidos nesse pesquisar/refletir. Como se a agulha anotasse histórias sobre os tecidos, encontramos na artesanaria as marcas de seus criadores e, assim, é exatamente como escreve Gagnebin (1985, apud BENJAMIN, 2012, p.10, Prefácio), citando as ideias de Benjamin:

[...] o artesanato permite, devido a seus ritmos lentos e orgânicos, em oposição à rapidez do processo industrial, e devido a seu caráter totalizante, em oposição ao caráter fragmentário do trabalho em cadeia, por exemplo, uma sedimentação progressiva das diversas experiências e uma palavra unificadora. O ritmo do trabalho artesanal inscreve-se em um tempo mais global, tempo onde ainda se tinha, justamente tempo para contar. [...] os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, tem uma relação profunda com a atividade narradora: já que ela também é, de certo modo, uma maneira de dar forma à imensa matéria narrável, participando assim da ligação secular entre mão e voz, entre o gesto e a palavra.

Aquilo que vinha em palavras e gestos logo ocupou espaço entre as formas desenvolvidas em linhas, tecidos, tintas e outros materiais aplicados sobre os panôs. Esse artesaniar condensava a concretude da criação de um novo produto e a virtualidade dos fluxos de sua ação criativa. Ação articulada com o constante (re)significar de memórias num aprontamento de aprendizagens. Na multiplicidade de seus ritmos, o movimento desse artesaniar ensaiava um relato de identificação do próprio autor, fazendo contatos com suas subjetividades e revelando a sua construção identitária, como também desencadeava, a partir da pauta de suas escolhas, reflexões sob/com as suas relações no coletivo (o social), ponto comum à sua formação cultural.

É deste momento que visualizo, entre os fluxos provocados pela/na linguagem, a oportunidade de refletir sobre a formação cultural, já que é na performance de alteração e difusão, relacionada ao exercício do questionamento humano (reflexão-crítica) e nossa capacidade de socializar (produção de conhecimento/aprendizagem), que historicamente vamos alterando a cultura (LARAIA, 1986).

Os traços da cultura (objetos, ações, ideias) vão sendo mantidos por tradição, por repetição de comportamentos ou costumes. No entanto, a partir do momento em que os elementos mínimos de seus significados já não se sustentarem mais, haverá novas culturas indicando mudanças internas na própria cultura e/ou aculturamentos, resultado do contato entre diferentes sistemas culturais, gerando, também, novos significados (SANTAELLA, 2003). Para Cucho (1999, p.11), a ideia de que “nada é puramente natural no homem. Mesmo as funções humanas que correspondem às necessidades fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual, etc., são informados pela cultura: as sociedades não dão exatamente as mesmas respostas a estas necessidades”.

Deste modo, percebo que a formação cultural, como escreve Adorno (2005, p. 2): “nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” e, ainda, com base em Nogueira (2008), atribuo que a formação cultural possui em sua dinâmica uma forma dialógica, entre autonomia e adaptação, compondo um fenômeno social importante.

A formação cultural para Adorno (2010, p. 64): “requer amor; e o defeito certamente se refere à capacidade de amar”. É por esse caminho que a pesquisa/dissertação segue, compreendendo que pesquisar com idosos implica na construção de vínculos afetivos e amorosidade. É preciso, portanto, estar aberto ao mundo, alimentando a potencialidade de se abrir ao desconhecido. E nessa direção, formação cultural significa entender o longo processo histórico, que tem buscado a humanização do sujeito na sensibilidade, na corporeidade e na racionalidade (BENJAMIN, 1975).

As práticas educativas, que se conectam à formação cultural, possibilitaram a cada idoso se inserir em seu processo histórico como sujeito da experiência, em que seu eu singular misturava-se ao seu eu plural. Ou como afirma Adorno (2003), não se pode negar a intrínseca relação entre educação/formação e emancipação, como possibilidade de o sujeito sair do seu estado de minoridade a que está submetido para um outro lugar.

Ao longo da história, as práticas educativas tiveram e talvez tenham ainda hoje a incumbência de adaptação do sujeito ao mundo, formando seres ajustados. No entanto, há que se pensar que nesse processo privilegia-se o acúmulo do maior número de informações no menor espaço de tempo em detrimento da qualidade. Adorno (2005, p. 410), sobre essa questão, é enfático ao dizer que uma prática educativa: “não pode se esquivar da responsabilidade de promover a formação cultural que favoreça o desenvolvimento de uma identidade autocrítica, buscando recuperar as potencialidades que, no processo de barbarização humana, ficaram impedidas de se realizar”.

Dessa forma, a artesanaria e a arte podem ser o refúgio para pensar o sensível. Adorno (1993) diz que, pela arte, o sujeito se expõe em níveis mutáveis de sua autonomia; ao seu outro, dele separado, mas não totalmente. “A arte representa a

verdade numa dupla acepção: conserva a imagem do seu objetivo obstruída pela racionalidade e convence o estado de coisas existente de sua irracionalidade, da sua absurdidade” (ADORNO, 1993, p.68).

Dessa maneira, nas experiências ocorridas nas oficinas/encontros com os idosos, assegurando-as como práticas educativas, reflito que pela artesanaria foi oportunizado aos idosos outro modo de comunicar e de preservar identidades e culturas. Durante os processos de artesanaria, os idosos perpassaram por caminhos de auto (re)conhecimento e de (re)invenção em sua identificação com pensamentos e sentidos, refletidos no contexto de seu tempo-espaço-lugar. Isso aconteceu na expressão de suas escolhas, de suas crenças, de seus saberes e na indicação de seus símbolos e significados. Também, em outras manifestações de suas relações socioculturais, contidas no modo (técnica), propósito (usos) e materiais (recursos) de sua construção e na manutenção ou alteração de suas identidades e culturas.

A experiência de nossas oficinas/encontros, guiada pela artesanaria, percorreu o espaço íntimo do sujeito e suas subjetividades, amoldando seu mundo interno, (re)afirmando identidades em suas relações sociais, se constituindo em formação cultural.

Esta pesquisa/dissertação, portanto, nos convida também a (re)pensar o artesanato e sua ação reflexiva como criação/produção, que agrega valores, símbolos e significados. No entanto, ainda existe um grande equívoco, especialmente em nosso país, quando limita a artesanaria apenas ao processo mercadológico e passagem de tradições entre gerações. Essa situação é visível, especialmente quando se coloca em pauta a comparação entre arte e artesanato, mantendo longa distância entre ambos e colocando em lugar de destaque a arte em detrimento da artesanaria. O artesanariar, nesta pesquisa/dissertação, gerou potencialidades e um canal de sensibilidades, na medida em que mobilizou os idosos interlocutores a se (re)conectar com suas memórias. Assim, restituindo e ampliando novas construções identitárias, ao mesmo tempo em que revisitaram elementos de sua e de outras tantas culturas. Um diálogo sensível que propiciou ao grupo e pesquisadoras sair do seu lugar em busca de outros lugares e de outros saberes.

No convívio com os idosos durante as oficinas/encontros, percebi que no revisitamento das memórias, a formação cultural pôde contribuir como possibilidade de conscientização e subjetividades, em que o sujeito se reconhece como partícipe do processo histórico e cultural em que está inserido. E, por conta disso, foram mobilizados mente e corpo, (inter)cruzados em ações mutáveis e contínuas (ADORNO, 2010). Assim, esta pesquisa/dissertação também artesanizou pelo universo da arte, da memória, das construções identitárias e dos sentidos, constituindo-se em formação cultural. Compreendo que é direito de todos o acesso à educação, respeitando os sujeitos em suas singularidades.

Artesanar a vida em experiências com os idosos me permitiu adentrar em espaços sensíveis revelando as misturas entre vestígios materiais, imagens e memórias de um tempo/espço vivido. Nessa perspectiva, as oficinas/encontros tiveram vida própria, quando inscreveram seus partícipes numa dinâmica, num espaço social, numa rede de relações, em que a criação/produção do pânho artesanal deixou marcas sensíveis ao (re)significar sentidos.

No caminhar desta pesquisa/dissertação, me coloquei como aprendiz (re)pensando minhas práticas educativas, mas principalmente me (re)inventando como pessoa. No processo de complexidades subjetivas, me vi identificando sinais no outro que eram meus, ou seja, ao mesmo tempo em que nos fazíamos singulares, também nos encontrávamos no coletivo. As vozes se misturavam e íamos nos identificando por semelhança e por diferenças, tecendo nossas próprias costuras, que se encontravam com outras tantas no complexo ato de viver. Chego ao final desta pesquisa/dissertação entendendo que o fim é sempre um começo, começo de outras histórias, outras aventuras e outras inquietações, que podem estar inseridas na arte, na educação e na formação cultural.

REFERÊNCIAS

ACOLCHOAR *in* Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/acolchoar>>. Acesso em: 15 ago 2018.

ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura, 1959. *In: Primeira Versão*, 191, ANO IV, Nº191, agosto, Porto Velho: Editora Universidade Federal de Rondônia, 2005. Volume XIII Maio/Agosto ISSN 1517-5421. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_.pdf&gws_rd=cr&ei=bQgCWcnjGoWawQT3jouABQ>. Acesso em: 27 abr. 2017.

_____. **Educação e Emancipação**. 5ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Teoria Estética**. Trad. Artur Morão. Edições 70: Lisboa, Portugal, 1993.

_____. A filosofia e os professores. Trad. Wolfgang Leo Maar. *In: _____*. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 51-74.

ALMEIDA, V.L.V. Imagens da velhice: o olhar antropológico. **Revista A Terceira Idade**: São Paulo, SESC, ano X, n.15, dezembro de 1998. p. 35-39. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8141_IMAGENS+DA+VELHICE+O+OLHAR+ANTROPOLOGICO>. Acesso em: 26 abr. 2017.

ARAÚJO, Patrícia Kricheldorf Hermes de. **Blog, identidade e formação continuada em educação infantil em Joinville**. 2012. 85 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, SC. Joinville. 2012. Disponível em: <<http://univille.edu.br/community/mestradopcs/VirtualDisk.html?¤t=/Dissertacoes&popup=&editor=&CKEditor=&CKEditorF uncNum=&langCode=®ister=30>>. Acesso em 30 maio de 2018.

ARREMATAR *in* Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arrematar>> . Acesso em: 15 ago 2018.

Banco de Teses da Plataforma CAPES. Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

Banco de Teses e Dissertações da Plataforma Sucupira (CAPES). Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/listaTrabalhoConclusao.jsf>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

BARBOSA, João Alexandre. Prefácio. (Texto de janeiro de 1979). In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.11-15.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Disponível em: <<https://identidadesculturais.files.wordpress.com/2011/05/bauman-zygmunt-identidade.pdf>> Acesso em: 27 abr. 2017.

_____. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Disponível em: <<https://xa.yimg.com/kq/.../Ensaio+sobre+o+conceito+de+cultura+-+Zygmunt+Bauman.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2017.

BECKER, Márcia Regina. **A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs**. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS - RS. São Leopoldo. 2014. Disponível em: <www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4599>. Acesso em 30 maio de 2018

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Textos escolhidos**. Tradução de Erwin Theodor Rosental. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 63-81

_____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Obras escolhidas - Vol.1. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Jezulino Lucio Mendes. Professores de História em cenários de experiência. 2014. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da UFMG – MG. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1391980>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. (49. reimpr. da 1. ed. de 1981- Coleção Primeiros Passos 20). São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Juliana da Silva; SILVA, Marlene D. da; REBELO, Rosana A. **A vida na maturidade**: uma contribuição à educação permanente. Blumenau: Nova Letra, 2003.

BRASIL. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **A Política nacional do Idoso**. Brasília, DF, jan 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm> Acesso em: 03 jan. 2018.

_____. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências**. Brasília, DF, out 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm> Acesso em: 03 jan. 2018.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas**: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. 1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civil/acoes_afirmativas/aa_diversos/MDS-Ori.Tec.CRAS.pdf>. Acesso: em 08 abr. 2017.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Perguntas Frequentes: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV**, 2016. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/perguntas_e_respostas/PerguntasFrequentesSCFV_03022016.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2018.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1.ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

CANÔNICA et al., 2016, p.5175). DZART: investigação acerca das possibilidades metodológicas do design e seu uso em processos de artesanato. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 12 P&D, 2016, Belo Horizonte. **Anais ... Blucher Design Proceedings**, outubro, 2016, num 2, vol 9, p.5175 -5187.

Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0443.pdf>. Acesso em: 06 jan. de 2018.

CARGNIN, Karinna Alves. **Vivências perceptivas com a infância nos espaços da escola e do museu: uma experiência**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade da Região de Joinville – SC. Joinville. 2017. Disponível em: <<http://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/987634/Karinna.pdf>>. Acesso em 30 maio de 2018

CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação. (Texto de janeiro de 1979). In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.17-33.

CLANDININ, J. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU – 2ª Edição. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CHRISTOVAM HOFFMAN, Ana Cleia. **Pinturas de si**: moda e artesanaria da existência. 2015. 157 f. Dissertação (mestrado) Universidade federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação – Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128879/000974190.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 maio 2017.

COSER *in* Dicionário Online de Português Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cosendo/>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

COSTA, Júlio César Virgínio da. **Da prática educativa a uma educação pela prática: o ensino de história com o museu e com a literatura**. 2016. 177 p. (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG – MG. Belo Horizonte. 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-AA2J8L/tese.final.julio.16.03.2016.pdf?sequence=1>>. Acesso em 30 maio de 2018

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999. Disponível em: <<https://identidadesculturais.files.wordpress.com/2011/05/cuche-dennys-a-noc3a7c3a3o-de-cultura-nas-cic3aancias-sociais.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2017.

CURADO, Denise Assis Fleury. **A experiência em Merleau-Ponty e o sentido da educação**. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação – GO. Goiânia. 2015. Disponível em: <

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4993/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Denise%20Assis%20Fleury%20Curado%20-%202015.pdf>>. Acesso em 30 maio de 2018

DESOL. Projeto de extensão universitária Desol. Disponível em: <http://projetodesol.blogspot.com.br/p/historico.html> >. Acesso em: 05 dez. 2017.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Gilberto Dimenstein (Org). Campinas: Papirus, 2003, p.107

DOMICIANO, Ari. **Políticas sociais garantem dignidade ao idoso**, 2016. Disponível em: < <http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2016/setembro/politicas-sociais-garantem-dignidade-ao-idoso>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 5.ed. Curitiba: Criar Edições, 2010.

DUCHAMP, Marcel. **O ato criador**. (1965). Disponível em: <<https://asno.files.wordpress.com/2009/06/duchamp.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

FALCI, Nurimar. Prefácio. In: MALDONATO, Mauro. Tradução de Roberta Barni, Luciano Loprete. 2. ed. **A subversão do ser**: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação. São Paulo: Edições SESC, 2014, p.13-14. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/268800361>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

FERREIRA, Carolina Kustel; MASSI, Giselle Aparecida Athayde; GUARINELLO, Ana Cristina; MENDES, Juliana. Encontros intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e idosos. **Distúrbios Comum**, 27 (2): xxx - yyy, junho, 2015, São Paulo. p. 253 - 263. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/20409/16982> >. Acesso em: 12 fev. 2018.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Tradução de Sandra Netz. São Paulo: Bookman, 2004.

FONSECA, Tania Maria Galli et al. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, ano 10, n.1, p.169/189, jan-abr 2010, UERJ, RJ. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a12.pdf> >. Acesso em: 20 dez. 2017.

FORSTER, Valquíria Viviane Rodrigues. In: **Assistentes Sociais refletem sobre serviço de conveniência e fortalecimento de vínculos**. Disponível em: <<http://escola.ielusc.br/portal/PORTAL-NOT-4196>>. Acesso: em 08 abr. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 60.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREITAG, Vanessa. Ser artesão e artista: considerações sobre o processo criativo artesanal. In: OLIVEIRA, Marilda O. de. **Arte, Educação e Cultura**. 2.ed. ver. E ampl. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015. p. 57-73.

GABRE, Solange de Fátima. **Mediação cultural para a pequena infância: um projeto educativo no museu Guido Viaro**, 2011.163 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, SC. Disponível em: < <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pos-graduacao/mestradosdoutorado/patrimonioculturalsociedade/dissertacoes/2011/642204> > Acesso em 30 maio de 2018.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio. 1985. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Obras escolhidas - Vol.1. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 7-19.

GAIA, Marília Carla de Mello. **O ensino de permacultura na educação do campo: circulação de sentidos entre saberes da ciência e da experiência**, 2015. 201 f. Tese - (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação - Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-A3YGUL/tese_marilia_gaia_versao_final.pdf?sequence=1>. Acesso em 22 jan. 2018.

GEBER, Saulo Pfeffer. **As práticas educativas dos agentes culturais em um programa de educação integral**, 2015. 159 f. Tese - (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação - Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A8KKQ8/tese_saulo_pfeffer_geber.pdf?sequence=1>. Acesso em 22 jan. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**. Fac. Educação/UNICAMP. II^a Série, Número 1, p.35-50, 2014. Disponível em:
<<http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/viewFile/4/4>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

GRACIANO, Miriam; MAGRO, Cristina. Introdução. 2014. In: MATURANA, Humberto R.; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (Orgs). **A ontologia da realidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.p.17-33.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HERNÁNDEZ, F. Minha trajetória pela pesquisa narrativa da pesquisa em educação. In: MARTINS, R; TOURINHO, I; SOUZA, E.C. (Orgs). **Pesquisa Narrativa**: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2017. p.49-74.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed rev. e ampl. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em:
<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536325682/cfi/1!4/4@0.00:45.2>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

Joinville Bairro a Bairro 2017. Disponível em <<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Joinville-Bairro-a-Bairro-2017.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

KAPLAN, Matthew S. **School-based intergenerational programs**. Unesco Institute for Education, 2001. Disponível em:
<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.74.8858&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 12 fev. de 2018.

KRUCHEN, Lia. **Design e território**: Valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Stúdio Nobel, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

_____. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LARROSA e KOHAN. Prefácio, apresentação da Coleção Educação: Experiência e Sentido. In: MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015

LIMA, C.R., **Programas Intergeracionais**: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. 2007. 286 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - SP. Campinas. 2007. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252108/1/Lima_CristinaRodrigues_M.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MALDONATO, Mauro. Tradução de Roberta Barni e Luciano Loprete. 2. ed. **A subversão do ser**: Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação. São Paulo: Edições SESC, 2014, p.13-14. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/268800361>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

_____. Tradução de Roberta Barni. **Passagens de tempo**. São Paulo: Edições SESC, 2012.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de, (Orgs). **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

MASSANGA, Joaquim Paka. **Diversidade cultural em Cabinda**: estudo sobre as Identidades e Práticas Culturais dos Bawoio do Yabi. 2014. 277 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da UFMG – MG. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9RPMB2/ppgeducacao_joaquimpakamassanga_dissertacaomestrado.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jan. 2018.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015

MATURANA, Humberto R.; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (Orgs). **A ontologia da realidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MEIRA, Marly. O sentido de aprender pelos sentidos. In: PILLOTTO, Silvia S. Duarte; BOHN, Letícia Ribas D. (Orgs.). **Arte/educação**: ensinar e aprender no ensino básico. Joinville: Editora Univille, 2014. p. 53-62.

MORAES, Vinícius de. **A casa**. Rio de Janeiro, 1970. Disponível em:

< <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/casa>> Acesso em: 05 nov. de 2017.

Multiplano *in* Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-02-08 17:17:40]. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/multiplano>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

NATUME, Hilda. **Musicalização: Memórias, Experiências e Sensibilidades na Terceira Idade**. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade da Região de Joinville – SC. Joinville. 2018. Disponível em: <http://www.univille.edu.br/pt-br/institucional/proreitorias/prppg/setores/pos-graduacao/mestradosdoutorado/mestradoeducacao/dissertacoes/dissertacoes-defendidas-2018/881814> >. Acesso em 31 de maio 2018.

NOGUEIRA, Monique Andries. **A formação cultural de professores ou a arte da fuga**. Goiânia: Editora UFG, 2008.

NORONHA, Raquel. Corpo e saber-fazer: da Cosmologia à Política. In: SANTOS, Denilson et al. (org). **Artesanato no Maranhão: práticas & sentidos**. São Luís: EDUFMA, 2016. p. 17-43.

NUPAE, Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação. Disponível em: <<http://gruponupae.blogspot.com.br/p/nupae.html>>. Acesso em 04 jan. de 2018.

O Jornal do Paraíso. Disponível em: <<http://faculdade.ielusc.br/jornal-do-paraíso/>>. Acesso em 06 jan. de 2018.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Garcia Baran de. **Mediação cultural: Ação educativa no Museu de Arte de Joinville**, 2010, 112 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, SC, 2010. Disponível em: < <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pos-graduacao/mestradosdoutorado/patrimonioculturalsociedade/dissertacoes/2010/642203>> Acesso em 30 maio 2018.

OLIVEIRA, NHD. Família contemporânea. In: **Recomeçar: família, filhos e desafios**. São Paulo: Editora UNESP - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 65 a 107. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-03.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2018.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. 1.ed. Campinas: editora da Unicamp, 2013. p.83-98.

PANÔ. Dicionário online do Aurélio, 03 maio 2017. Disponível em: <<https://contas.tcu.gov.br/dicionario/home.asp>>. Acesso em: 03 maio 2017.

PETRYKOWSKI PEIXE, Rita I. et al. Projeto Desol na promoção da inovação social de empreendimentos em artesanaria. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE DESIGN SUSTENTÁVEL, 5º, 2014, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, **Anais do 5º Simpósio Paranaense de Design Sustentável**, 05 de dezembro 2014, p. 41-47. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/1c59dd_80ca92a1c5834b6594197c5fdf73ce1f.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Educação pelo sensível. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. FURB. Blumenau, v. 1, n. 2, p. 113 - 127, mai./ago. 2007. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/683>>. Acesso em: 05 jan de 2018.

PIRES, Jorge César de Araújo. **Sentidos e experiências na docência: processos de aprendizagem do instrumento na infância**. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade da Região de Joinville – SC. Joinville. 2017. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Jorge-Cesar-de-Araujo-Pires.pdf>>. Acesso em 30 maio de 2018

PREFEITURA DE JOINVILLE. 2018. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/>>. Acesso em: 03 jan de 2018.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. 7ª ed. São Paulo: Globo, 1998.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução Valter Iellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 37.40

RODRIGUES, Alex. Convivência e fortalecimento de Vínculos, 2015 (Modificado em 10/07/2017). Disponível em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos/servico-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

RUGIU, Antonio Santoni. Nostalgia do mestre artesão. Campinas: Editora Autores Associados, 1999. Resenha de: PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. Nostalgia do mestre artesão. **Revista brasileira de história da educação**, nº1, jan. / jun., 2001. p. 214-218. Disponível em: <www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/282/290>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 4ª ed. Coordenação de Valdir José de Castro. São Paulo: Paulus, 2003. p. 29-49.

SANTOS, Denilson et al. (org). **Artesanato no Maranhão**: práticas & sentidos. São Luís: EDUFMA, 2016.

SANTOS, Jussimária Almeida. **Teoria crítica, educação e infância**: (im)possibilidades formativas nas tramas da Indústria Cultural. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado de Educação) - Universidade Federal de Goiás – GO. Goiânia. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6338/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Jussim%C3%A1ria%20Almeida%20dos%20Santos%20-%202016.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2018.

SENSIBILIA in Dicionário Informal Online. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/sensibilial/8934/>>. Acesso em 20 fev. 2018.

SCHWEDE, Gisele. **O paraíso das crianças nas cidades dos príncipes**. 2010. 291 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina _ SC. Florianópolis. 2010. Disponível em: < <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Gisele-Schwebe.pdf> > Acesso em 06 jan. 2018.

SCHREIBER, Ana Cristina Quintanilha. **Memórias e sentidos na terceira idade: experiências pela via da estética**. 2018. 81f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade da Região de Joinville – SC. Joinville. 2018. Disponível em:< http://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1271731/Ana_Cristina_Quintanilha_Schreiber.pdf >. Acesso em 30 maio de 2018

SCORTEGAGNA, Paola Andressa. **Emancipação política e educação**: ações educacionais para o idoso nas instituições de ensino superior públicas paranaenses. 2016. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR. Ponta Grossa. 2016. Disponível em: <<http://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1197/1/Paola%20A%20Scortegagna.pdf>> Acesso em 05 jan. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. **Uma cartografia com a infância: experiências e múltiplas sonoridades**. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade da Região de Joinville – SC. Joinville. 2016. Disponível em:

http://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1023706/Mirtes_Antunes_Locatelli_Strapazzo_n.pdf. Acesso em 30 maio 2018.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Prefácio. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de, (Orgs). **Pesquisa narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017, p. 9-12.

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. Disponível em:<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/home/>>. Acesso em 15 fev. de 2018.

VIANA, Daniela Cristina. **Mediação cultural por meio da dança/educação como possibilidade de aprendizagem na infância**. 2016, 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade da Região de Joinville – SC. Joinville. 2016. Disponível em:<http://univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Daniela_Viana.pdf¤t=/Dissertacoes>. Acesso em 30 maio 2018.

VOGEL, Daisi. Mãos em obra. In: VOGEL, Daisi; ANDRADE, Jeni Joana de. **Feito a mãos**: O artesanato em SC. Florianópolis: Governo de Santa Catarina; Tempo Editorial, s.d, p.7-15.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p.7-72.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. Tradução de Laura Alves. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Autorização para uso de imagem e som

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____, RG _____, autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens será para fins da pesquisa “Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade” sob responsabilidade da mestranda Rita de Cássia Fraga da Costa e orientação da Professora Dra. SILVIA SELL DUARTE PILLOTTO, cujo objetivo é “investigar experiências em artesanato com grupos da terceira idade, em espaços não formais da educação, pelo viés da formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis”.

Joinville, ____ de _____ de 2017.

Assinatura: _____

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo solicitado (a) a participar, como voluntário (a), em uma pesquisa desenvolvida pela mestranda, **RITA DE CÁSSIA FRAGA DA COSTA**, vinculada ao Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da UNIVILLE.

O objetivo dessa pesquisa é investigar experiências em artesanato com grupos da terceira idade, em espaços não formais da educação, pelo viés da formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis. Os dados serão coletados, mediante sua autorização, via anotações em um diário de bordo, registro fotográfico e atividades desenvolvidas junto aos idosos.

Importante ressaltar que você terá total liberdade de se recusar a participar das atividades propostas pela pesquisadora se de alguma maneira, se sentir constrangido(a), assim como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência acarrete qualquer prejuízo a você.

Destacamos ainda que a participação nesta pesquisa é opcional e que representa riscos ou desconfortos mínimos. Assim, como não implicará em recebimentos ou ressarcimentos de qualquer ordem.

Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, você, como já mencionado, não será penalizado(a). De igual modo, é importante lembrar que você terá direito a esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento, sendo sempre garantido o sigilo de identidade e de informações confidenciais. Esses dados da pesquisa (dados dos grupos focais, observação de aulas, anotações, gravações, fotografias, filmagens, produções musicais) ficarão sob a responsabilidade do pesquisador por um período de cinco anos, após o qual serão devidamente destruídos.

Lembramos ainda que, a sua participação será de suma relevância para o cumprimento do objetivo proposto na pesquisa; sendo que os benefícios dessa pesquisa serão de âmbito acadêmico e profissional para o campo das Políticas Públicas e Práticas Educativas para a cidade de Joinville. Nesse sentido, os resultados deste estudo, poderão ser apresentados em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos na área de ciências humanas, para tanto, peço a sua anuência.

Em caso de dúvida, você poderá procurar a professora orientadora desta pesquisa Prof.^a Dr^a Silvia Sell Duarte Pillotto no Programa de Mestrado em Educação da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9077 ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A sala A 227B. Bem como, a pesquisadora, pelo telefone (47) 999793662. Se você tiver alguma dúvida a ser esclarecida sobre a ética que envolve a referida pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco B, sala B 31.

Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG _____, declaro ter sido suficientemente informado(a) e concordo em autorizar a participação voluntária na pesquisa descrita acima.

Joinville, ____ de _____ de 2017.

Assinatura

Rita de Cássia Fraga da Costa
Pesquisador Responsável

APÊNDICE C - Carta de anuência

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins que o CRAS (CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL) está ciente e concorda em participar da pesquisa intitulada: “Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade”, cujo objetivo é: “investigar experiências em artesanato com grupos da terceira idade, em espaços não formais da educação, pelo viés da formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis”.

Coordenadora
Adriana Schneider

Endereço – Rua Crater s/n – Jardim Paraíso – Joinville – Santa Catarina
Telefone – (47) 3427-2980
E-mail – crasjparaíso@gmail.com

APÊNDICE D – Declaração de Instituição Coparticipante

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu _____, RG _____, coordenadora do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), localizada na Rua Crater, s/n, Jardim Paraíso, Joinville – SC, declaro para os devidos fins que concordo em participar da pesquisa intitulada: **“Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade”**, da mestranda em educação **Rita de Cássia Fraga da Costa**, a qual estará sob a orientação da Prof. Dra. Silvia Sell Duarte Pillotto da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, cujo objetivo é: “: investigar experiências em artesanato com grupos da terceira idade, em espaços não formais da educação, pelo viés da formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis”.

Declaro que realizarei a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que cumprirei o que determina a Resolução CNS 466/2012 e contribuirei com a pesquisa mencionada, sempre que necessário, fornecendo informações. Também fui informado que, de forma alguma, haverá identificação dos idosos, bem como da instituição, sendo garantido o sigilo e assegurado a privacidade em relação aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. De igual modo, sei que é possível, em qualquer fase dessa pesquisa, retirar esse consentimento, e que não receberei nenhum pagamento ou ressarcimento pela pesquisa.

Concordo que os resultados desta investigação possam ser apresentados por escrito ou, oralmente, em congressos e periódicos da área da educação, desde que preservada a identidade dos alunos, professores e o nome das instituições envolvidas.

Coloco-me a disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,

Adriana Schneider
Coordenadora

AUTORIZAÇÃO

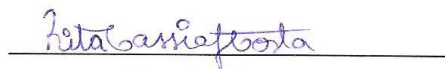
Nome do autor: Rita de Cássia Fraga da Costa

RG: 5994576

Título da Dissertação: **“ARTESANIA: FORMAÇÃO CULTURAL, CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS NA TERCEIRA IDADE”.**

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 15 de março de 2019.

A handwritten signature in blue ink, reading "Rita de Cássia Fraga da Costa", is written over a horizontal line.

Rita de Cássia Fraga da Costa